FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS - NHC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

RITA FERREIRA MACIEL

IDENTIDADE, MEMÓRIA E CULTURA: narrativas orais familiares de informantes idosos rondonienses

PORTO VELHO

2020

RITA FERREIRA MACIEL

IDENTIDADE, MEMÓRIA E CULTURA: narrativas orais familiares de informantes idosos rondonienses

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa Mestrado Acadêmico em Letras, da Universidade Federal de Rondônia, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Valdir Vegini

Linha 2: Estudos da Diversidade Cultural

PORTO VELHO

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Fundação Universidade Federal de Rondônia

Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

M152i Maciel, Rita.

Identidade, memória e cultura: narrativas orais familiares de informantes idosos rondonienses / Rita Maciel. -- Porto Velho, RO, 2021.

107 f. : il.

Orientador(a): Prof. Dr. Valdir Vegini

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Fundação Universidade Federal de Rondônia

1.Identidade. 2.Memória. 3.Cultura. 4.Narrativas. I. Vegini, Valdir. II. Título.

CDU 801.81(811.1)

Bibliotecário (a) Luã Silva Mendonça CRB 11/905

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
MESTRADO EM LETRAS

LISTA DE VERIFICAÇÃO

IDENTIDADE, MEMÓRIA E CULTURA: narrativas orais familiares de informantes idosos rondonienses

Dissertação apresentada em 22 de dezembro de 2020 ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras (PPGML) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) como um dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pela banca examinadora constituída pelos docentes:

Prof. Dr. Valdir Vegini
Presidente da Banca e Orientador
(PPGML/UNIR)

Profa. Dra.
Auxiliadora dos
Santos Pinto Membro
Externo (UNIR)

Profa. Dra. Marília
Lima Pimentel
Cotinguiba Membro
Interno
(PPGML/UNIR)

Porto Velho-RO
2020

Documento assinado eletronicamente por **MARILIA LIMA PIMENTEL COTINGUIBA**, **Docente**, em 29/03/2021, às 10:40, conforme horário oficial de

Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **VALDIR VEGINI**, **Docente**, em 29/03/2021, às 10:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0635371** e o código CRC **3BDFC636**.

(In memoriam)

João Maciel, pai amado, meu narrador favorito!

Amigo, grande inspiração e eterno professor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, porque dele, por ele e para ele são todas as coisas.

Aos meus pais, João Maciel (in memoriam) e Delice Ferreira Maciel, a quem devo a vida, a educação e o apoio incondicional.

Ao meu lindo e amado filho João Felipe, por me dar ainda mais coragem para seguir, apesar dos desafios.

Ao meu orientador, Valdir Vegini, grande exemplo de docente e pessoa que aceitou o desafio de orientar a minha pesquisa com empenho e dedicação. Também pelo seu apoio, ensinamento e compreensão. A quem serei grata, sempre.

As professoras que aceitaram participar das bancas de qualificação e de defesa: Prof.ª. Drª Sônia Maria Gomes Sampaio - UNIR, Prof.ª. Drª. Marília Lima Pimentel Cotinguiba – UNIR, Prof.ª. Drª. Auxiliadora dos Santos Pinto – UNIR, meu agradecimento pelas contribuições.

À Universidade Federal de Rondônia por oferecer o curso de Mestrado em Letras e me possibilitar esta qualificação.

À CAPES pelo apoio a pesquisa por meio da concessão da bolsa de estudo.

Aos professores do programa de Mestrado em Letras da UNIR, pelos incentivos e conhecimentos compartilhados.

Ao meu esposo Marisson, companheiro de todas as horas que, com carinho, paciência e amor compreendeu minhas ausências, ouviu minhas angústias e me acalmou nos momentos difíceis sempre me incentivando e fazendo acreditar que posso mais do que imagino.

Aos meus irmãos e irmãs, especialmente ao meu irmão, João Paulo, por suas contribuições, carinho e encorajamento.

Aos meus colegas de curso, pelo préstimo nos momentos de angústias e por tornarem esse caminho mais alegre.

Aos três rondonienses colaboradores da pesquisa, por terem me recepcionado com tanto carinho e compartilhado comigo suas narrativas.

E a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a efetivação deste trabalho.

É preciso ouvir as vozes;
É preciso deixar falar as vozes.

(Valdir Vegini)

MACIEL, Rita Ferreira. **IDENTIDADE, MEMÓRIA E CULTURA:** narrativas orais familiares de informantes idosos rondonienses. 2021. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Letras, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2021.

RESUMO

O objeto de estudo desta pesquisa diz respeito as narrativas orais familiares de informantes idosos rondonienses. Trata-se de uma pesquisa de relevância científica na medida em que tem como objetivo analisar aspectos identitários, mnemônicos e culturais subjacentes em narrativas orais de informantes idosos rondonienses. Entre os autores que embasaram o estudo estão, Bruner (1990), Vansina (1982), Bauman (2005), Laraia (2001), Halbwachs (2006), Hall (2014), Ferreira Netto (2008) e Vegini (2017) entre outros. Como sujeitos investigados, há três idosos membros de uma mesma família, os quais dispõem de conhecimentos transmitidos de uma geração para outra por meio das narrativas que se encontram no *corpus* da pesquisa. Foi desenvolvida uma pesquisa de caráter descritivo, do tipo bibliográfica etnolinguística de abordagem qualitativa, utilizando como instrumentos de coleta de dados, as técnicas de entrevista não-estruturada e gravação. O exercício analítico realizado evidenciou que a partir de narrativas orais de três idosos de uma mesma família é possível, além de resgatar, parcialmente, aspectos identitários, fragmentos de suas memórias individuais que refletem em parte, a memória coletiva, também identificar elementos culturais de Rondônia, principalmente da capital Porto Velho. As narrativas desses rondonienses revelaram que esse munícipio foi formado tendo como base uma cultura heterogênea, ou seja, um espaço onde houve o encontro de distintas culturas que foram e continuam sendo transformadas para se adaptarem as novas realidades.

Palavras-chave: 1. Identidade. 2. Memória. 3. Cultura. 4. Narrativas.

ABSTRACT

The object of study of this research concerns the oral family narratives of elderly informants from Rondonia. It is a research of scientific relevance to the extent that it aims to analyze identity, mnemonic and cultural aspects underlying oral narratives of elderly informants from Rondonia. Among the authors who grounded the study are, Bruner (1990), Vansina (1982), Bauman (2005), Laraia (2001), Halbwachs (2006), Hall (2014), Ferreira Netto (2008) and Vegini (2017) among others. As investigated subjects, there are three elderly members of the same family, which have knowledge transmitted from one generation to another through the narratives that are found in the research corpus. A descriptive research was developed, of the ethnolinguistic bibliographic type of qualitative approach, using as instruments of data collection, the techniques of non-structured interview and recording. The analytical exercise made evidenced that from the oral narratives of three elderly people from the same family it is possible, besides rescuing, partially, identity aspects, fragments of their individual memories, which reflect in part, the collective memory, also to identify cultural elements of Rondonia, mainly of the capital Porto Velho. The narratives of these rondonienses revealed that this municipality was formed based on a heterogeneous culture, that is, a space where there was the meeting of distinct cultures that were and continue being transformed to adapt to new realities.

Keywords: 1. Identity. 2. Memory. 3. Culture. 4. Narratives.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Soldados da Borracha.....22
Figura 2 – Propaganda da Campanha Pela Borracha.....23
Figura 3 – O Gaiola Acarahu - Ex-Tamanduá, Walter ou Aquidaban.....37

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Formas fundamentais das tradições orais.....58
Quadro 2 – Narrativa do Informante 1.....70
Quadro 3 – Narrativa do Informante 2.....72
Quadro 4 – Narrativa do Informante 3.....73

LISTA DE SIGLAS

BR – Rodovia da responsabilidade do Governo Federal

CAETA – Comissão Administrativa do Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia.

CCAW – Comissão de Controle dos Acordos de Washington

DNI – Departamento Nacional de Imigração

DNPM – Departamento Nacional de Produção Mineral

EUA – Estados Unidos da América

EFMM – Estrada de Ferro Madeira-Mamoré

I – Informante

NLR – Narrativas do Linguajar Rondoniense

RDC – Rubber Development Corporation

SEMTA – Serviço Especial da Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia

SAVA – Superintendência de Abastecimento do Vale Amazônico

TCL – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIR – Universidade Federal de Rondônia

5º BEC – 5º Batalhão de Engenharia de Construção

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....13
INTRODUÇÃO.....14
1. O LUGAR DAS VOZES TECIDAS.....18
1.1 O Contexto Histórico- Panorama mundial , nacional e amazônico19
1.1.1 A migração dos nordestinos para a Amazônia na década de 40.....20
1.2 O Segundo Período da Borracha.....25
1.2.1 A constituição do seringal.....27
1.2.2 A vida no seringal.....28
1.2.3 O fim do Segundo Período da Borracha.....32
1.3 A Criação do Território Federal do Guaporé.....33
1.4 O Período da Cassiterita.....34
1.5 A Abertura da Br-364.....35
1.6 Porto Velho: Origem do nome e fundação do município.....36
2. APORTE TEÓRICO.....38
2.1 Identidade, Memória e Cultura.....38
2.1.1 Identidade: alguns conceitos.....39
2.1.1.1 A(s) identidade(s) no contexto pós-moderno.....41
2.1.1.2 Identidade Pessoal.....44
2.1.1.3 Identidade Social.....44
2.2 Memória.....46
2.2.1 A memória humana.....46
2.2.1.1 Memória Individual.....49
2.2.1.2 Memória Coletiva.....50
2.2.1.3 Memória Explícita X Memória Implícita.....52
2.2.1.4 Memória e Narrativa.....53
2.3 A relação entre memória e Tradição Oral.....54
2.3.1 A tradição oral: tecendo um conceito.....55
2.3.2 Formas fundamentais das tradições orais.....57
2.3.3 O contexto social da tradição e as narrativas.....59
2.4 A cultura.....60
2.4.1 A cultura sob a ótica antropológica.....60
2.4.2 A cultura como produto social da mente humana.....63

3. COLETA DE DADOS E APRESENTAÇÃO DO *CORPUS*.....67
3.1 Coleta de dados 67
3.2 *Corpus* 68
4. COTEJAMENTO DAS NARRATIVAS.....75
4.1 Apresentação dos informantes 75
4.2 Aspectos identitários 76
4.3 Aspectos mnemônicos (individuais e coletivos) 80
4.4 Aspectos culturais.....83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....89
REFERÊNCIAS.....92
ANEXOS.....99

APRESENTAÇÃO

Sou nascida no Amazonas, lugar de uma imensidão natural e misteriosa. Descendente de nordestinos, filha e neta de contadores de histórias. Por isso, desde criança sempre tive acesso ao ato de ouvi-las, contadas pelo meu avô e por meu pai. Sempre escutava as histórias com bastante admiração e fascínio e percebia que apesar de ambos contarem as mesmas narrativas, cada um tinha o seu modo de dizer, o que dava um novo sentido para a mesma história e as personagens adquiriam características distintas. Isso roubava a atenção de todos os ouvintes, inclusive a minha.

Através das narrativas orais sempre mergulhei intensamente em outros tempos e espaços, os quais ficavam guardados em cada palavra, na minha memória como se fossem fotografias. Naqueles momentos sentia um imenso prazer em imaginar a vida nessas épocas: as cenas, os diálogos, os sustos, os medos e tantas outras coisas que estavam escondidas nos subterrâneos daquelas falas. Nunca imaginei, até há alguns anos, que aquelas narrações pudessem ocultar vestígios da história de um povo, refletindo diretamente na sua cultura, revelando aspectos identitários.

Também, com o passar do tempo, já adulta percebi que outras pessoas da minha família, além de amigos próximos, continuavam contando narrativas semelhantes para os mais jovens, como sempre, ao redor da fogueira no sítio dos meus familiares. Isso ocorria quando queriam que os mais novos, inclusive eu, fossem dormir depressa, ficassem longe da floresta. O interessante era que, dependendo da intenção, mudavam as narrativas. Através do ato de ouvir histórias, tive a percepção dele como sendo algo com um desígnio. Era intencional e passava de geração em geração com o propósito de transferir conhecimento e valores culturais. Além disso, com o decorrer dos anos e mudanças nessa tradição e forma de transmissão, elas continuavam vivas na memória daqueles ouvintes, embora de uma maneira menos significativa, ou seja, não davam tanta importância para o que ouviam.

Assim, enxerguei que o avanço do processo da globalização estava interferindo negativamente nessas narrativas de conteúdo tradicional, cultural e identitário, pois, elas começariam a se perder lentamente até desaparecerem. Foi quando imaginei a grande importância que elas tiveram na minha vida e como eu poderia encontrar uma maneira de, além de preservá-las de alguma forma, buscar saberes ainda desconhecidos sobre uma determinada população, no caso a de Porto Velho, cidade

que me adotou e desta maneira, através de fatos narrados, presentes na memória de pessoas, as quais ajudaram a construir a identidade desses indivíduos.

Desse modo, após finalizar A educação básica ingressei na universidade, fiz minha graduação em Letras/Português, mas, até aquele momento não havia encontrado uma maneira de fazer pesquisa em uma área, a qual envolvesse as narrativas. Em 2017, observando um edital para ingresso na condição de aluno especial, no Mestrado em Letras, da Universidade Federal de Rondônia, vi que o curso oferecia uma disciplina chamada “Narratologia Amazônica”. Resolvi me inscrever no processo de seleção e fui aprovada no mesmo. Durante as aulas ministradas pelo professor Valdir Vegini, descobri a existência de maneiras pelas quais, era possível trabalhar com as narrativas e vislumbrei a possibilidade de realizar uma pesquisa de Mestrado voltada para esse tema.

Por conseguinte, em 2018, fiz a seleção para aluno regular do mesmo programa de Mestrado, fui aprovada e hoje, como discente do Mestrado Acadêmico em Letras da Fundação Universidade Federal de Rondônia — UNIR, sinto-me lisonjeada pela oportunidade de conversar, estudar, ouvir e debater com os professores e pessoas que partilham da mesma ideia que eu, tornando possível transformar o desejo de manter vivas as narrativas, que com o tempo vão se perdendo. Assim, por meio da pesquisa de campo, de alguma maneira, realizar um desejo não só meu, mas também do meu pai. Certamente, as visões de mundo e exposições teóricas presenciadas em sala foram gratificantes experiências no âmbito da aprendizagem; por isso, sou imensamente grata a todos.

INTRODUÇÃO

As narrativas estiveram e sempre estarão presentes na história, em todos os lugares e povos da humanidade, prontas para revelar infinitas e fascinantes mensagens. De acordo com Barthes (2011),

> [...] a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte alguma povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas. (BARTHES, 2011, p.19),

Desta forma, a inquietação da autora[1] da pesquisa de trabalhar com narrativas, possibilita o conhecimento de uma determinada cultura, de uma dada comunidade, uma vez que revelam informações históricas, etnolinguísticas e sociológicas e, sendo assim, indicam preceitos, hábitos, costumes e mentalidades, fatores que constituem as marcas identitárias de uma cultura.

Assim, as pesquisas com as narrativas orais de tradição têm como preocupação manter viva histórias familiares contadas nos lares e transmitidas de pais para filhos, atravessando gerações, por meio da voz e/ou das vozes, permitindo lembrar que no passado o ato de contar histórias não era visto apenas como uma prática comum, mas, como uma forma natural pela qual muitos se encarregavam de cumprir com o objetivo de repassar valores e ensinamentos essenciais para a vida daqueles que em determinados momentos não eram só ouvintes, mas, aprendizes.

As narrativas vão muito além de um simples relato, no qual são apresentados personagens misteriosos, enigmáticos, os quais vivem em florestas e rios. Elas são histórias preciosas, descrições de memórias, vozes poéticas, feitas por pessoas simples da sociedade, caçadores, seringueiros, lavradores, homens ou mulheres, como os informantes desta pesquisa, voluntários, filhos de nordestinos e oriundos do antigo território do Guaporé, hoje estado de Rondônia, nasceram no seringal e atualmente vivem da agricultura em uma comunidade com pouco mais de cinquenta habitantes.

São vozes esquecidas à margem da sociedade que, em um mundo cada vez mais globalizado, vem perdendo seu valor social. Essas descrições não revelam apenas o seu lado poético, mas, dão a quem ouve a oportunidade adquirir memórias

---

[1] Rita Ferreira Maciel, autora desta dissertação, é graduada em Letras Português pela Unir, 2016.

individuais ou coletivas latentes, definir identidades similares ou dissimilares e obter saberes culturais de um determinado povo, grupo ou comunidade por isso, devem ser valorizadas.

Alicerçado nisso, pretendo responder a seguinte questão investigativa: Por que é importante deixar falar e ouvir as vozes de informantes narradores idosos rondonienses na medida em que suas narrativas orais podem deixar aflorar aspectos da sua identidade, memória e cultura? A partir desse questionamento, tracei meu objetivo para esta pesquisa, ou seja, analisar aspectos identitários, mnemônicos e culturais subjacentes em narrativas orais de informantes idosos rondonienses. Como objetivos específicos, estabeleci cinco:

a) coletar três narrativas orais de informantes idosos rondonienses da mesma família;

b) transcrevê-las no formato original do falar idiossincrático dos depoentes;

c) transmigrá-las para a língua portuguesa próxima do padrão;

d) identificar nas narrativas fragmentos de suas memórias individuais e coletivas, de seus traços identitários e culturais;

e) cotejar, individualmente, as vozes tecidas dos informantes narradores quanto a seus aspectos identitários, mnemônicos (do ponto de vista da memória individual e coletiva) e culturais subjacentes nas três narrativas;

Como hipótese de trabalho, pressupus de antemão, que a identidade a ser revelada seja a de três homens de uma mesma família, filhos de seringueiro e que suas memórias individuais contêm a memória coletiva comum aos três narradores bem como traços de uma cultura também similar e partilhada igualmente, parti do pressuposto de que há uma necessidade de deixar falar e ouvir as vozes de idosos essas falas são muito mais que um simples relato. São vozes poéticas que tecem histórias preciosas, perpetradas por pessoas simples da sociedade.

A pesquisa em questão está inserida na temática narratológica e está vinculada à Linha de Pesquisa 2 do Mestrado em Letras da Unir que tem como objetivo principal “analisar os processos discursivos como experiências culturais na sua diversidade e nos seus vínculos entre as várias matizes da brasilidade poliglota (ribeirinhos, barbadianos, feirantes, quilombolas, indígena, seringueiros, etc.), com discursos relativos a diferentes períodos históricos ou práticas socioculturais, interconectadas ou não.” Está vinculada também, e ainda mais estreitamente, ao Grupo de Pesquisa “Narrativas do Linguajar Rondoniense” — NLR (2016).

Atualmente, constituído pelos seguintes membros: Prof. Dr. Valdir Vegini (Pesquisador/Coordenador e líder do Grupo de Pesquisa/NLR/UNIR), Ms. Rebecca Louize da Silva Vegini (Pesquisadora/Vice-coordenadora e vice-líder do Grupo de Pesquisa/SAPIENS) e pelos pesquisadores voluntários entre os quais, eu, Rita Ferreira Maciel, Neidja Virginia Felix de Santana da Silva, Iana Saissem Silva Gonçalves, Maurício Neves Santos, Orowao Paradran Canoé Urumbone(in memoriam), (todos orientandos do Programa de Mestrado Acadêmico em Letras da UNIR), Renata Cândido de Moura Fé e Renato Cândido de Moura Fé e Denisson Seixas Barreto, (orientandos de TCC, alunos de graduação do curso de Letras/Português da UNIR.

No que tange à metodologia, o presente trabalho segue o procedimento das pesquisas bibliográficas (GIL, 2008, p. 48 – 50), exploratória, descritiva e explicativa (GIL, 2008, p. 45 – 47) e etnolinguística (COSERIU, 1990); (LIMA BARRETO, 2010). A bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado livros, revistas, artigos científicos, teses, dissertações, dentre outros.

Através de leituras exploratórias, seletivas, analíticas e interpretativas, levantou-se a bibliografia necessária à redação teórica dessa dissertação; a exploratória pretende proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo mais explícito; a descritiva procura descrever as características de determinada população (os idosos no caso desta dissertação) ou fenômeno; a explicativa preocupa-se em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos, isto é, explica a razão ou o porquê das coisas (as figuras ou os eventos contidos nas narrativas coletadas); a etnolinguística estuda as relações entre língua, cultura e sociedade ou, dito de forma similar, analisa a variedade e a variação da linguagem em relação à civilização e à cultura.

Quanto aos procedimentos metodológicos etnolinguísticos para a formação do corpus de análise narrativo desta pesquisa, foram selecionados e identificados três informantes idosos de uma mesma família, aos quais de toda forma, assegurei que seus nomes não seriam identificados e teriam, portanto, um tratamento “estritamente confidencial” (GIL, 2008, p. 116). Assim, suas narrativas foram identificadas pelas letras maiúsculas I (Informante) seguidas de números, a saber: I-1, I-2 e I-3.

O instrumento de coleta de dados foi assente na seguinte pergunta disparadora, formulada a cada um dos três informantes idosos: Conte-me uma narrativa de um membro de sua família que contenha memórias de como era viver em

Porto Velho e/ou Rondônia na década de 1940, durante o Segundo Período da Borracha. A técnica utilizada foi a da entrevista livre e informal, conhecida também, segundo Tarallo (2007, p. 21), como entrevista sociolinguística.

Dividi a presente dissertação em seções contempladas por uma explanação teórica e a análise dos resultados, seguidos de uma conclusão por parte da analista. Logo na parte inicial do texto, identificada como Seção 1, trato do lugar das vozes tecidas, fundamentados em um breve contexto histórico, o qual contempla o segundo período da borracha e o fim desse período. Além disso, trato dos acontecimentos que ocorreram ainda durante e também sucedem essa fase, como: a criação do Território Federal do Guaporé, o Período da Cassiterita, a abertura da BR 364, a criação do município de Porto Velho e seu processo de migração, atentando para a migração dos nordestinos na década de 40.

Na seção 2, trago a estrutura dos embasamentos teóricos que ofereceram subsídios para a minha investigação e análise. São apresentados aspectos conceituais relevantes, correlatos ao tema “narrativas”, entre os quais: identidade, memória e cultura. Na seção 3, mostro como foi realizada a coleta de dados e apresento o corpus base da análise.

Logo em seguida na seção 4, explano a análise, momento no qual discuto os dados e faço reflexões pertinentes ao estudo composto pelos autores nomeados na seção dois, pela autora da dissertação e pelas vozes contidas nas narrativas. Por fim, apresento as considerações finais, constituída e retomada dos objetivos determinados na introdução e, a partir deles, exibo uma síntese dos resultados mais relevantes obtidos ao longo da dissertação.

1. O LUGAR DAS VOZES TECIDAS

Para compreendermos as representações construídas a respeito dos seringais e dos seringueiros, grupo do qual os informantes dessa pesquisa fizeram parte, durante o ciclo do “ouro negro”, principalmente o segundo na Amazônia, é preciso considerar, em primeiro lugar, o contexto histórico dentro do qual se deu a expansão da produção gomífera na região. Dessa forma, nesta seção exibo uma sucinta apresentação do momento histórico que coincide com o segundo período da borracha, o processo de migração dos nordestinos para a Amazônia na década de 40, como era

constituído um seringal e o modo de vida desses migrantes ao chegarem nesse ambiente.

Exponho alguns conceitos do que foi essa época, como ela chegou o seu fim. Falo também dos acontecimentos durante e pós o segundo período da borracha, especificamente, a criação do Território Federal do Guaporé, o período da cassiterita, a abertura da BR 364, a criação do município de Porto Velho e sua origem. São eventos que contribuíram diretamente para o progresso do estado de Rondônia, não só no sentido financeiro e social, mas, principalmente cultural e identitário de seus habitantes. Minha explanação está embasada em concepções das obras de autores como: Alvares-Afonso (2008), Schroder, (2008), Wolf (2011), Nascimento (1998) entre outros.

1.1 O Contexto Histórico- Panorama mundial, nacional e amazônico

No começo do século passado, a supremacia de produção da borracha no Brasil tornou-se cada vez mais decadente devido à concorrência gerada pela exploração do látex na Ásia. A súbita queda no preço de mercado levou muitos aviadores serem forçados vender tudo o que produziam por valores consideravelmente baixos, comprometendo seus investimentos empregados na produção. Em razão disso, em meados de 1910 e 1920, a crise no cultivo da seringa na Amazônia levou vários indivíduos contratantes de seringueiros e deles fornecedores de mercadorias à falência provocando o endividamento dos cofres públicos, responsáveis por armazenar a borracha com a intenção de elevar os preços, conforme mostra Wolf (2011, p. 26), que traçou resumidamente um panorama de uma periodização, que nos ajuda a visualizar acontecimentos que marcaram cada período de 1942 a 1945, momento que ocorreu “A batalha da borracha”.

A Segunda Guerra Mundial fez renascer no cenário da economia brasileira, a produção da borracha, fazendo da Amazônia a maior produtora de látex outra vez. À vista disso, esta região viveria novamente o ciclo da borracha durante a Segunda Guerra Mundial, ainda que por um período menor. Isso ocorreu, em razão de os aliados (Inglaterra, França, Estados Unidos e Rússia) terem ficado preocupados com a eventualidade de terminarem seus estoques, porque na visão deles, o vencedor da guerra seria aquele, o qual dispusesse da maior quantidade de borracha.

A borracha era um produto considerado substância essencial para a guerra. Dessa maneira, o Governo Norte-Americano procurou o Governo Brasileiro com o objetivo de garantir que suas necessidades de préstimo da borracha continuassem sendo preenchidas, pelo período que os seringais ingleses ficassem sob domínio do Eixo. Assim, o Governo Brasileiro visando atender suas responsabilidades previstas no acordo, ficou incumbido de criar alguns órgãos. O Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA), a Comissão Administrativa do Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia (CAETA) e a Superintendência de Abastecimento do Vale Amazônico (SAVA), sendo deles a responsabilidade de reunir a mão-de-obra para trabalhar nos seringais e organizações.

A mão-de-obra empregue para a extrair das seringueiras o látex nos seringais era realizada por meio da contratação de trabalhadores vindos, principalmente, da região nordeste do país em busca de ganhar dinheiro. Esses imigrantes, em grande maioria, eram nordestinos fugindo da fome e da seca. As notícias dos horrores vivenciados na Europa encorajaram muitos a migrarem, mas a seca de 1942, foi a grande responsável pela condução de “mais de 48 mil nordestinos à região amazônica” Pontes (2015, p. 2). Com base nessas circunstâncias, começa a processo de migração do Nordeste para a Amazônia durante os anos 40, conforme mostro logo adiante.

1.1.1 A migração dos nordestinos para a Amazônia na década de 40

Como já exposto anteriormente, os governos dos Estados Unidos e do Brasil, na tentativa de manter o abastecimento e consumo do produto derivado do látex, no mercado americano, procuraram viabilizar políticas de expansão da borracha na Amazônia. Deste modo, surge, nos anos quarenta, um novo movimento migratório, principalmente, de nordestinos rumo à Amazônia, (SILVA,2010). Esse processo migratório dos nordestinos para a Amazônia na década de 40, conhecido também como segunda corrente de migração. Essa corrente ocorreu entre os anos de 1941 e 1943, com um destaque maior para os anos seguintes, 1944/1945, em razão da chegada de novos grupos de trabalhadores vindos do Nordeste, os quais foram chamados de soldados da borracha.

A vinda de um novo contingente humano, por volta do ano de 1942, ocorreu em um momento que o Nordeste passava por uma grande seca e em razão disso,

centenas de pessoas vieram para a Amazônia, para trabalharem nos seringais em busca de melhores condições de sobrevivência. “Em razão desse processo migratório, avalia-se que eram cerca de 34.000 seringueiros para uma produção média anual de 16.000 toneladas de borracha” Nascimento (1998, p.4). Essa movimentação ocorreu com o objetivo de produzir por ano, em torno de 45 mil toneladas de rendimento em 1942. Vieram mais 60 mil em 1943 chegando a um número de 100 mil em 1944, como era a vontade do governo norte-americano, seria necessário, pelo menos, chegar ao quíntuplo de trabalhadores, (MARTINELLO, 1985), em consequência disso, o governo brasileiro criou o que chamou de a "batalha da borracha".

Desse modo, para possibilitar o transporte dessa quantidade de pessoas para o trabalho nos seringais, os governos brasileiros e estadunidenses criaram alguns órgãos, os quais se responsabilizaram pelo financiamento, recrutamento, transporte, alojamento, assistência médica, sanitária e alimentação aos trabalhadores destinados para essa batalha, conforme já foi citado acima.

A partir de 1942 algumas organizações dos Estados Unidos trabalhavam com outras do Brasil, com o intuito de promover o aumento de uma mão-de-obra capaz de suprir as necessidades exigidas para o incremento da produção destinada à indústria bélica. E para isso ocorrer, seria preciso trazer operários oriundos de outros países como, por exemplo, Porto Rico, mas, governo brasileiro não aceitou tal sugestão e preferiu fazer o deslocamento da mão-de-obra essencial de regiões do País que não fosse do Nordeste.

Indo ao encontro com a necessidade de um novo impulso na força de trabalho para a região, a seca nordestina de 1942 reuniu cerca de 20 a 30 mil trabalhadores em Fortaleza, tentando mão-de-obra abundante para os seringais, conforme mostra Martinello (2018). Na primeira fase os envolvidos eram o Departamento Nacional de Imigração (DNI) e a Rubber Development Corporation (RDC), os quais tiveram êxito ao transportar para Amazônia cerca de "15.000 pessoas no ano de 1942 e início de 1943" Nascimento (1998, p.6). Esses vários nordestinos eram constituídos de sertanejos oriundos de estados como: o Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte, homens que mudavam com as famílias, ou mesmo solteiros, para a capital, já com o intuito de emigrar para outro lugar.

A migração em questão, era formada por membros de uma mesma família, os quais voluntariamente tinham como destino o corte da seringa e por trabalharem espontaneamente ficaram conhecidos como "seringueiros voluntários". Essa fase que

surgiu depois da criação da "batalha da borracha", ocorrida no ano de 1943, que aconteceu com o objetivo de selecionar, transportar e localizar os trabalhadores nos seringais da Amazônia, pelo Serviço Especial da Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA), pois, o empenho do Departamento Nacional de Imigração (DNI) em realizar tal ação não era suficiente para tornar rápido o novo arrebatamento da borracha.

Tendo em vista as dificuldades para o transporte e alojamento dessa quantidade de indivíduos, era praticamente inviável aquele momento trazer muitas pessoas, como pretendiam membros dos altos escalões do governo estadunidense. Segundo Nascimento (1998, p.6), "O Serviço Especial da Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA), tinha como meta recrutar e transportar para Amazônia mais de 50.000 trabalhadores solteiros".

Para conseguir atrair todo esse quantitativo, eram feitas propagandas, especialmente no Nordeste, com promessas tentadoras de auxílios aos familiares que se ausentariam dos seus locais de origem, embora, no ano de 1943 já fosse evidente a situação míngua que se encontravam os dependentes dos "soldados da borracha", homens que no período entre os anos de 1943 e 1945, foram transportados para a Amazônia, com a finalidade de extrair borracha para os Estados Unidos da América, durante a Segunda Guerra Mundial. Na imagem a seguir, há um exemplo da quantidade de trabalhadores que vieram para a Amazônia.

Figura 1 – Soldados da Borracha

Fonte: Partida para a Amazônia. Fortaleza 1943.

Em razão de acordos que não foram cumpridos tanto pelo governo brasileiro quanto o americano, o serviço teve pouco tempo de duração. Esse segundo momento migratório promovido pelo SEMTA, difere do primeiro realizado pelo DNI e RDC, os quais tinham como motivação a seca e foram migrações espontâneas e familiares. Nesse as vantagens são diversas,

> Enquanto o primeiro movimento migratório havia sido organizado, de início, à maneira tradicional com os sertanejos (...) este novo contingente ampliou-se e "enriqueceu-se" com outros elementos regionais desconhecidos e estranhos ao próprio meio e à história econômica e demográfica da Amazônia, cariocas do morro e da cidade, fluminenses de Niterói e do interior do Rio, capixabas de Vitória do Espírito Santo, baianos de Ilhéus e de Salvador, pernambucanos de Recife, mineiros da capital e das serras. De todas as classes, cores, profissões e idades. Ferreiros, carpinteiros, engraxates, choferes de caminhão, operários de fábricas e usinas, cansados das máquinas e seduzidos pela oportunidade de conhecer, à custa do governo, terras e paisagens distantes; trabalhadores braçais e agricultores, cujo sedentarismo não podia vencer a emoção psicológica da aventura há muito recalcada e comprimida, eis a grande "arca de Noé" que formava esta segunda leva de "soldados da borracha". (NASCIMENTO, 1998, apud MARTINELLO, 1985)

Neste segundo processo de migração, o SEMTA conduziu para Amazônia apenas homens solteiros (11.000), vindos de outras regiões do País, até mesmo de cadeias públicas, principalmente influenciados pelas propagandas, como mostro um exemplo na imagem em seguida.

FIGURA 2 – Propaganda da Campanha Pela Borracha

Obra do pintor suíço Jean Pierre Chabloz. A extração aparece fácil e sem sofrimento.1943.

Destes, apenas novecentos foram colocados nos seringais. Estes migrantes se encaixavam em um grupo, responsável por promover cotidianamente desordem, levando os migrantes nordestinos a má fama e imagem, tendo em vista o fato de a partir destes eventos todos os "soldados da borracha" passarem a provocar medo nos moradores das cidades (NASCIMENTO, p.7).

A soma de todo esse caos foi o medo e o preconceito desenvolvido pela população local com os nordestinos. Eles herdavam toda responsabilidade pelo mau comportamento dos outros, fossem estes nordestinos ou não. Todavia, uma parcela muito pequena tinha a percepção das circunstâncias ameaçadoras que estavam submetidos os migrantes nos acampamentos, no decorrer do longo tempo de espera até o momento de serem conduzidos para aos seringais, visto que a maioria aguardava por um período de até seis meses. Essa excessiva e difícil espera, ocorria porque os órgãos responsáveis em instalá-los não tinham agilidade nesta operação, por conta de o trabalho destes órgãos estarem conectados, e, se um deles não cumprisse com sua atividade, os demais ficavam prejudicados e era, normalmente, o que acontecia.

Na maioria das vezes esses migrantes ficavam sem possibilidades de se locomoverem em virtude das grandes estiagens que baixam significativamente o nível das águas de rios e igarapés da região, tornando assim, ficava inviável o transporte de embarcações de médio e grande porte, por exemplo, as do SNAPP. Os seringalistas, no que lhe concerne, preferiam não arcar com despesas para manter os seringueiros na sede sem destiná-los de imediato para as colocações[2]. Outras vezes faltava alimentação para garantia dos mesmos nas zonas produtoras do látex, ou seja, a SAVA não tinha estoque de alimentos como previsto no contrato. Outro motivo que causava a longa espera nos acampamentos era o aguardo do início do período do ciclo de corte do látex, que ocorre no período não chuvoso (NASCIMENTO1998, p.8).

Conforme Nascimento, SEMTA e CAETA não seguiam o calendário do corte da seringa e encaminhavam os trabalhadores em qualquer época, e a consequência era a constante revolta nos acampamentos de Porto Velho e outras cidades da Amazônia. Em setembro de 1943 foi criado, pelo Decreto-Lei n° 5.813, a Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia - CAETA, substituindo as agências responsáveis pelo recrutamento da mão-de-obra para a

[2] Como eram chamados os estabelecimentos de seringueiros na floresta, quando mais isolados.

Amazônia, sob a jurisdição da Comissão de Controle dos Acordos de Washington - CCAW. Esta adota uma política seletiva para o encaminhamento de trabalhadores para a empresa extrativista. A preferência passou a ser dada a nordestinos recrutados com a família nas áreas atingidas pela seca, (NASCIMENTO,1998).

Os nordestinos faziam a opção de virem para a Amazônia, alistando-se no exército da borracha em razão de acreditarem na ocorrência de um risco menor para as suas vidas. Além disso, visavam e sonhavam com a possibilidade de enriquecimento, através da produção de borracha no esforço de guerra em favor dos aliados, para a partir disso regressarem à terra natal vitoriosos. Embora tivessem o desejo de progredir, não conseguiram, pois, eram muitas as dificuldades impostas ao longo da "Batalha da Borracha" dentre elas as doenças comuns na região, em razão das quais vários trabalhadores morreram. Elas os debilitavam sem terem o mínimo de assistência, eram deixados pelos patrões/comandantes, abandonados à própria sorte.

1.2 O Segundo Período da Borracha

Posterior a crise do Primeiro Ciclo da Borracha (1870-1913), em decorrência da produção de látex no Oriente, sobretudo na Malásia, os seringalistas amazônicos, bem como a população brasileira, não acreditavam em uma nova procura de borracha nacional em larga escala. Isso de acordo com Schroder (2008, p. 19), ocorreu também em decorrência do “plantio, pelos ingleses, de sementes de seringueira da Amazônia nas colônias inglesas da Ásia e após o início da produção de borracha naquele continente, a região do atual Estado de Rondônia passou por um novo período de estagnação”, os seringais asiáticos iniciaram a sua produção no início do Século XX. Mas essa questão muda, segundo o autor devido ao início da

> Segunda Guerra Mundial, quando a Malásia (principal região asiática de produção de látex) foi ocupada pelo Japão, o que levou os países aliados a novamente procurar a região para o fornecimento de látex, gerando um novo surto de ocupação dos seringais da Amazônia (SCHRODER, 2008, p. 19-20)

Contrariando esse ceticismo, a borracha brasileira/amazônica voltou a ser requisitada em grande escala para atender aos aliados durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O que nas palavras de Rabello (2004), aconteceu resultante de

um acordo firmado entre o Brasil e os Estados Unidos para preencher a necessidade da indústria bélica no esforço de guerra, no decorrer da Segunda Guerra Mundial.

Esse acordo ficou conhecido como Acordo de Washington, o que conforme afirma Teixeira e Fonseca (2001, p. 158), “foi assinado visando o esforço conjunto dos governos do Brasil e dos EUA para aumento da produção da borracha amazônica e seu fornecimento às indústrias norte-americanas”. Nesse tratado, coube aos Estados Unidos facilitar financiamentos para o Brasil que, em contrapartida, comprometeu-se a criar duas empresas de controle estatal para prover matérias-primas (minério de ferro e borracha natural), necessárias para o confronto bélico com os nazistas.

Para cumprir esse tratado, o governo brasileiro fundou a Companhia Vale do Rio Doce, o Banco de crédito da Borracha, mais tarde denominado de Banco da Amazônia e também recrutou inúmeros nordestinos para a coleta do látex (SILVA, 1999, p. 157-8). Para Meireles (1983, p. 57), esse segundo ciclo da borracha foi menos intenso do que o primeiro, mas os resultados foram semelhantes.

Em outras palavras, a região pouco ou nenhum benefício recebeu, mantendo-se a prática extrativista de caráter predatório. Salvador Cim (2020, p. 7), afirma que apesar da estagnação e da decadência do extrativismo da borracha nesse segundo período, “não ocorreu o despovoamento como aconteceu durante o primeiro período da borracha, pelo contrário, a população se estabilizou”.

Nesse contexto, Schroder (2008, p. 20) enfatiza que, o segundo período da borracha, embora curto, ocorrido entre os anos de 1943 a 1945, atraiu uma grande leva de mão de obra para a Região do Estado de Rondônia. Assim, “esse novo período, considerado áureo para a região, propiciado pela procura do látex, levou à geração de alguns fatos institucionais que foram determinantes em acontecimentos futuros”.

Um desses eventos tratava-se das condições geradas pelo segundo período da borracha, o que de acordo com Alvares-Afonso (2008), nesse estágio também pode ser compreendido como um grande esforço de guerra o qual tinha como finalidade aumentar a produção de um total entre 16 a 17 mil toneladas na safra de 1940-1941 para 70 mil toneladas nos anos posteriores ao Acordo de Washington, ocorrido em 1943. Para tanto, seria fundamental o acréscimo do quantitativo de trabalhadores, os quais somavam uma média de 35 mil seringueiros necessários para atender toda demanda.

Destarte, para entender melhor como todas essas circunstâncias ocorriam, é preciso saber como eram constituídos os seringais, conforme pode ser observado em seguida.

1.2.1 A constituição do seringal

A maneira como ocorria a constituição de um seringal, nem sempre era feita de forma amigável. Então, esse novo espaço configurava-se mediante muitos conflitos, principalmente, com as tribos indígenas onde os seringalistas para expandir ou colocar novos seringais matavam tribos inteiras, na maioria das vezes exterminando-as. Nascimento (1998, apud WOLFF 1999, p.168), relata a fala de uma índia capturada aconselhando outras, também capturadas a não fugirem.

> [...] minhas filhas, não vão mais embora, nós não temos mais ninguém, mataram tudo do nosso pessoal, mataram tudo, tudo, tudo e nem escapou nem os pequenininhos, mataram com a ponta de faca, sacudia e aparava com a faca. Mataram tudinho, não deixou ninguém. (NASCIMENTO, 1998, apud WOLFF 1999, p.168)

Como se observa viver em um ambiente desses, nesse caso, a floresta amazônica, não era nada fácil. Quem fazia as regras eram, a força e o poder.

> A vida na mata nesta época era ditada pela força, onde, o poder era legitimado pela capacidade de disparo do fuzil. Época em que mulheres e crianças eram consideradas pelos seringalistas como improdutivas para o seringal, uma vez que julgavam que jamais seriam capazes de se dedicarem à coleta do látex e, que atrapalharia o seringueiro de executar o serviço para o qual estava designado - viver exclusivamente para cortar seringa. Desse modo, achavam que uma mulher tendo criança todo ano e, tendo que cuidar dos filhos, obrigaria o seringueiro a dispensar parte de sua força de trabalho na manutenção da família. (SILVA, 2008, p.6)

Aqueles que mais sofriam com a imposição de poderes, eram as mulheres e as crianças em razão de na percepção dos donos de seringais, não trazerem lucro para eles, ou seja, eram vistos como seres, os quais não teriam a capacidade de realizar o trabalho de cortar e coletar material para produzir borracha. Tratavam uma mãe que dar à luz como alguém capaz de tornar o marido menos produtivo.

Conforme Silva (2008), de uma forma geral, a constituição de um seringal era formada por um barracão, geralmente localizado às margens dos grandes rios, objetivando facilitar o abastecimento de mercadorias utilizadas para manter o

funcionamento do seringal e o escoamento da produção. Por conseguinte, os barracões, essencialmente, tinham que ter sua localização em lugares estratégicos, de modo que possibilitasse àquela casa administrativa estabelecer uma constante comunicação com os Centros.

> Nas proximidades do barracão moravam as pessoas que faziam os serviços diretos para o patrão, como por exemplo, dentre outros; o mateiro, que tinha como atribuição encontrar as seringueiras e constituir as "estradas de seringa"; o toqueiro, limpava o caminho das estradas; o aviador, responsável pela caderneta de controle de mercadorias e produção do seringueiro; o comboieiro ou tropeiro, era incumbido de levar a mercadoria ao seringueiro e trazer a produção; o gerente do seringal, administrava o local da produção da borracha e os jagunços, contratados para fazerem valer as imposições dos donos de seringais. (SILVA,2008p.7)

A vida nesse ambiente era bem complicada, cheia de desafios por isso, logo em seguida mostro como era viver num seringal.

1.2.2 A vida no seringal

Viver em um seringal não era fácil. Os seringueiros ao chegarem nesse lugar, eram considerados aprendizes. Eles não dispunham de nenhuma habilidade em relação à maneira de manusear as ferramentas utilizadas no corte da seringa. Enquanto aprendiam as técnicas, continuavam em locais conhecidos como barracões ou em algum outro ambiente aprendendo com seringueiros experientes a forma correta para realizar o procedimento do corte da seringa. Além do mais, havia também uma orientação para que os trabalhadores adquirissem uma familiaridade com a floresta e após serem considerados habilitados para a função, estes eram conduzidos para as tarefas e iniciavam o trabalho na coleta do látex.

Os seringueiros colocavam em prática técnicas de extração indígenas para retirarem uma seiva que se convertia em goma e era aplicada na fabricação de borracha, não estando constituídos numa modalidade de trabalho livre, esses seringueiros eram subordinados ao poder de um aviador. O aviador era o responsável por contratar os serviços dos seringueiros em troca de dinheiro ou produtos necessários para o seu sustento. Como estava começando, o aviamento fornecido pelo patrão era mínimo, já que o principiante já se fazia com muitas dívidas no barracão.

Com o pequeno aviamento e apto no corte da seringa, a este era dado uma colocação com duas ou três estradas. Na Amazônia, geralmente essas árvores se encontram bastante dispersas uma das outras. Após cinco anos de muito trabalho e sofrimento nos seringais o *status* de seringueiro inexperiente era modificado para habilitado, considerando que ao longo desse período este já havia conseguido uma boa aquisição de conhecimento no processo do corte da seringa.

Para não afetar a capacidade produtora de leite das árvores, as estradas, criadas na mata eram cortadas em dias distintos e de acordo com o porte da seringueira podia existir mais ou menos bandeiras, esse procedimento era realizado com o objetivo de separar a distância cerca de vinte centímetros uma da outra. A fissura para retirar o látex deveria ser caprichosamente efetivada, pois, não poderia ser nem superficial tão pouco profunda demais na iminência de exceder a casca e alcançar o caule.

Caso não fosse feito de maneira correta o corte, no primeiro evento, o movimento do leite não ocorreria na quantidade ideal equivalente ao real potencial de produção da seringueira, levando a coleta da seiva a ser bem menor que o esperado. No segundo, era possível haver a ocorrência, no local da incisão, de um nó de configuração que, de acordo com a fração de nódulos e da gravidade dos rasgos feitos na seringueira, prejudicava a árvore por acarretar a diminuição do leite tornando-a estéril ou até mesmo, ocasionando a sua morte.

Nesse tempo, os trabalhadores dos seringais não tinham o benefício ou a liberdade para desempenhar qualquer outra incumbência que não fosse a do corte da seringa. Os donos ou responsáveis pelos seringais não desejavam muito menos consentiam aos seringueiros o direito de redirecionar sua atenção para outra ação que não tivesse como meta fundamental, a extração do látex. Isso impedia os contratados de produzirem seus próprios roçados ou cassarem para aquisição do próprio alimento. O comprometimento do seringalista com os seus empregados se caracterizava através de uma assistência de gêneros alimentícios, roupas e utensílios necessários para o fabrico, conhecida também como aviamento. Exemplo disso era a entrega de estradas de seringa aptas para serem exploradas e também de apoio na construção de tapiris[3] e defumadores. Conforme mostra Santos,

---

[3] Palhoça, choupana construída para abrigar provisoriamente seringueiros, lavradores etc.

> Aviar, na Amazônia, significa fornecer mercadorias a crédito. O “aviador” de nível mais baixo fornecia ao extrator certa quantidade de bens de consumo e alguns instrumentos de trabalho, eventualmente pequena quantidade de dinheiro. Em pagamento, recebia a produção extrativa [a borracha]. Os preços dos bens eram fixados pelo “aviador”, o qual acrescentava ao valor das utilidades fornecidas juros normais e mais uma margem apreciável de ganho, a título do que se poderia chamar “juros extras”. Esse “aviador”, por seu turno, era “aviado” por outro e também pagava “juros extras” apreciavelmente altos. No cume da cadeia estavam as firmas exportadoras, principais beneficiárias do regime de concentração de renda por via do engenhoso mecanismo dos “juros extras” e do rebaixamento do preço local da borracha. A cadeia era simplificada quando o seringalista se tornava um empresário de certa envergadura. (SANTOS, 2008, p. 159-160).

Esse sistema de aviamento descrito pelo autor em questão, foi o princípio de um grande meio de operação de endividamento e submissão dos trabalhadores na Amazônia, do qual eles não tinham como sair. O seringueiro já iniciava o trabalho quase sempre endividado em razão de ter como obrigação o reembolso dos gastos com a totalidade ou parte da viagem até os seringais, com os instrumentos de ocupação e outras despesas de instalação. A distância e a instabilidade da sua situação financeira reduziam a um regime de servidão.

Em contrapartida, o único benefício do seringueiro, segundo Santos (2008, p.9), “era poder descansar um dia na semana e vender toda a produção de borracha para o patrão que lhe aviou. Na entrega da borracha, por lei o patrão deveria pagar 60% do valor do mercado, fato que na maioria das vezes não acontecia”.

Apesar do pagamento ser realizado em conformidade com a lei, o seringalista recolhia a diferença no preço de seus produtos. Quando o funcionário entregava a borracha no barracão, ele recebia o valor desta com preços cotados no início do fabrico, enquanto os produtos adquiridos eram anotados em uma caderneta e cobrados valores atuais, ou seja, o seringueiro vendia sua produção de borracha a preços baixíssimos, enquanto os produtos comprados no barracão, além da inflação, ainda eram pagos de acordo com os valores reais. Obviamente, esse tipo de negócio constantemente o endividava. Dean Warren (1989, p. 139), descreve que:

> [...] A equipe de estudos descobriu que o seringueiro típico recebia três cruzeiros – ou quinze centavos de dólar – por quilo, enquanto seu patrão, ou quem o representasse, recebia 1,25 cruzeiro – 6,25 centavos de dólar. Mas os preços das mercadorias no barracão do seringalista eram fixados de maneira a deixar o seringueiro de bolsos vazios no fim da estação [...] (DEAN WARREN,1989, p. 139)

No decorrer de sua profissão, o trabalhador da floresta acordava muito cedo e tomava um café preto enquanto esperava a carne de caça seca ou peixe-escalado fritar em uma caçarola preta pela ação do fogo ardente, expelida do fogão à lenha. Após colocar sua comida em uma lata com farinha d'água, pegava a poronga, a faca de cortar seringa, o balde, o paneiro[4], o encerado[5], o facão e o inseparável rifle ou espingarda, do qual provia seu alimento e sua proteção e, entrava mata adentro para buscar a seiva (GALVÃO, 2010, p. 9). Na maioria das vezes, iniciava o corte iluminado pela poronga[6] fixada em sua cabeça.

As razões pelas quais o trabalho começava cedo, eram justificadas pelo fato de que, na Amazônia, o período de maior ocorrência de chuva acontece no decorrer da tarde. Em vista disso, o seringueiro saia rapidamente de uma árvore a outra, cortando, colocando a tigela e torcendo para que o dia fosse de muito sol. Após cortar todas as seringueiras ao longo dos igarapés, parava à beira de um destes, onde, apressadamente, comia alguns punhados de farinha com peixe ou carne. Por esta razão, quando terminava tomava água na folha da sororoca[7] e, o mais depressa possível, pegava o paneiro, balde e saía colhendo o resultado do seu dia de trabalho, que depois de bastante tempo já repousava nas tigelas.

As estradas, onde ficavam as seringueiras não eram feitas em linha reta, mas, em formato de gotas. Esse modelo tornava viável ao seringueiro cortar toda a estrada e mesmo assim terminar muito próximo do local onde havia começado o corte. Esse traçado simplificava bastante a vida dele, porque ao chegar no final da estrada, também estava no seu começo e, assim, pronto para colher o leite das primeiras seringueiras cortadas.

Ao finalizar a coleta, o trabalhador fazia o retorno para a sua moradia e, depois de todo trabalho árduo, organizava os cavacos, os cocos de babaçu e de castanha para botar no boião e realizar o processo de defumação do leite. Quando este terminava esse procedimento, o dia já estava no fim. Pegava a tarrafa, saia em um pequeno barco, conhecido como "canoa" e ia para o igarapé à procura do jantar. Ao

---

[4] Cesto grande com alças

[5] Saco impermeável feito do próprio leite da seringa. É muito utilizado no seringal

[6] Lamparina de querosene feita a partir de latas de óleo. A poronga é quase sempre a única companheira do seringueiro durante sua faina noturna de corte da seringa, por isso mesmo tem um papel importante, quase mítico na sua cultura, pois clareia na escuridão da Floresta.

[7] Espécie de planta encontrada na floresta amazônica, tendo suas folhas muito parecidas com as da bananeira, só que em tamanhos menores. É muito utilizada pelo caboclo para forrar os panacos e paneiros para armazenar farinha.

chegar, tomava um banho, jantava e, na sua rede, já começava a pensar no dia seguinte. Desse modo adormecia, pedindo a Deus que se tivesse que mandar chuva, que fosse depois da coleta do leite.

Com base nisso, observa-se como o modo de vida nos seringais não era nada fácil. Desde muito cedo as crianças começavam a dar os seus primeiros passos rumo às atividades desempenhadas por seus pais, tios e avós. Deste modo, desde pequenas elas eram familiarizadas com a natureza. Aprendiam a conviver e brincar com os animais de criação e, primeiro, a respeitar e valorizar a mata, os rios e à terra, em razão de ser dali que viria o sustento de toda a sua geração. O homem, filho do seringal só construía uma identidade quando se tornava capaz de cortar a sua própria estrada de seringa, ou seja, a sua existência estava intimamente envolta ao ato de poder ser um cortador de seringa.

Com o transcorrer dos anos e as dificuldades encontradas, a maneira de viver nos seringais não se restringia mais ao corte de seringa, outras atividades passaram a ser desenvolvidas pelos moradores da floresta, como meio de garantir a própria sobrevivência e da família em um todo. Os considerados seringueiros adaptaram-se aos meios de vida da região e começaram a fazer roçados para plantarem mandioca, coletavam castanha, pescavam, colhiam o óleo de copaíba[8] e andiroba[9], além do mais, cuidavam da criação de animais, principalmente, galinhas, patos e porcos. Todo esse percurso de vivência do qual os colaboradores desta pesquisa fizeram parte, ocorreu durante o segundo período da borracha, o qual não se manteve por um tempo, conforme descrevo logo mais.

1.2.3 O fim do Segundo Período da Borracha

Como já mencionado acima, o segundo período da borracha não durou tanto quanto o primeiro, por alguns fatores, um deles de acordo com Alvares-Afonso (2008), foi que o aumento na produção de borracha ficou abaixo do esperado, e com o fim da

---

[8] Árvore (*Copaifera guianensis*) da fam. das leguminosas, subfam. cesalpinioídea, nativa do Brasil (AMAZ), com folíolos mucronados, flores diminutas e vagens carnosas; de excelente madeira da qual também se extrai o óleo de copaíba.

[9] Árvore de até 30 m (*Carapa guianensis*), da fam. das meliáceas, nativa de regiões tropicais das Américas, esp. do Brasil (AMAZ a BA), com casca adstringente, madeira de qualidade, flores amarelas ou vermelhas, e cápsulas com sementes de que se extrai óleo insetífugo, us. em lamparinas, para fabricar velas e sabão, contra a artrite e infecções de garganta.

guerra, os EUA abandonaram o acordo em virtude da recuperação da posse dos seringais asiáticos. O governo brasileiro abandonou os seus Soldados da Borracha a própria sorte em meio à Floresta Amazônica, reconhecendo os seus direitos com uma mísera pensão irrisória.

Um lado pouco conhecido dos soldados da Borracha na Amazônia consiste na conjuntura de que morreram mais pessoas em consequência das condições enfrentadas na região na Amazônia do que o volume total de soldados brasileiros enviados pelas Forças Expedicionárias Brasileiras para a Europa visto que “dos 20 mil brasileiros que lutaram na Itália, morreram 454 combatentes. Entre os quase 60 mil soldados da borracha, cerca da metade morreram durante a guerra. O autor reporta-se apenas as mortes dos inúmeros soldados da borracha, mas não especifica aquelas resultantes dos confrontos, os quais muitas vezes acabavam em dizimação aos nativos (índios) da região, após combate entre indígenas e seringueiros.

Durante e após o fim do segundo período da borracha surgiram alguns acontecimentos considerados importantes no processo de formação da conjuntura do atual estado de Rondônia, um deles foi a criação do Território Federal do Guaporé, o qual descrevo a seguir:

1.3 A Criação do Território Federal do Guaporé

A criação do Território Federal do Guaporé em 1943, dentro de uma política de “reorganização do espaço político e econômico da Amazônia, possibilitou ao governo central uma melhor intervenção nas áreas de fronteiras” (MATIAS, 2001, p. 66). Isso era de grande importância para o poder administrativo, tendo em vista que, segundo (SCHRODER, 2008, p. 20), “a manipulação do território pela apropriação de terras dos Estados foi um elemento fundamental da estratégia do governo federal, que criou por decreto territórios sobre os quais exercia jurisdição absoluta e/ou direito de propriedade”. E, portanto, alcançou os objetivos políticos, uma vez que;

> [...] propiciou as condições necessárias para a criação do Território Federal do Guaporé (terras que hoje formam o estado de Rondônia). No dia 13 de setembro de 1943, no auge do Segundo Ciclo da Borracha, o então presidente Getúlio Vargas assinou o Decreto-Lei 5.812, criando o Território Federal do Guaporé, com áreas desmembradas dos estados do Mato Grosso e Amazonas. Este fato modificou a estrutura político-organizacional da região, fixou a população urbana, ordenou o povoamento rural com base em novas

> concepções agrícolas, colonizadoras, e estimulou o comércio. (FUSINATO, 2005, p. 90).

O primeiro nome que recebeu foi alterado para Território Federal de Rondônia em 1956, em razão de uma homenagem ao Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon. Uma importante particularidade da criação do Território foi a lei de terras, que tornava toda a área pertencente à União, exceto as propriedades já distribuídas pelos governos do Amazonas e do Mato Grosso antes da definição do novo território federal. Segundo Oliveira (2001, p.42), “no dia 17 de fevereiro de 1956, o Território Federal do Guaporé passa a ser denominado Território Federal de Rondônia” e Alvares-Afonso (2008, p. 47-48), argumenta que:

> Com a criação do território e com o restrito conhecimento da situação fundiária de então, foi preciso resolver problemas de migração e disputas de terras, e efetivarem-se alguns núcleos de distribuição de terras, com a finalidade de suprir as necessidades de produção de alguns itens alimentares básicos, que eram totalmente importados. (...) (ALVARES-AFONSO, 2008, p. 47-48)

Soma-se a descoberta de jazidas de cassiterita que promoveu uma corrida pela extração desse minério na década de 1960, acelerando o povoamento e movimentando o comércio local, até que em 1970, as mineradoras convencem o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) a proibir os garimpos, autorizando somente empresas para maiores produções. Sobre isso discorro logo a seguir.

1.4 O Período da Cassiterita

No ano de 1958 foram descobertas as primeiras aluviões de cassiterita em Rondônia, nas áreas de seringais, dando início ao extrativismo mineral sob o regime de garimpo. Essa atividade além de absorver grande parte da mão de obra local, instigou o fluxo de migrantes oriundos de diversos estados brasileiros, inclusive do Nordeste que se concentravam nas proximidades da cidade de Porto Velho e em alguns povoados que praticamente haviam desaparecido com a desativação da EFMM (Estrada de Ferro Madeira-Mamoré).

Nessa época, tentativas de implantação de colônias agrícolas falharam, tanto devido ao desconhecimento de tecnologias utilizadas para cultivos em áreas rurais,

adequadas à região, quanto pela concorrência mais forte do garimpo. O que nas palavras de Oliveira (2007, p. 141) “apesar de ser uma garimpagem rudimentar, em 1962, a extração da cassiterita em Rondônia já correspondia algo em torno de 50% da produção nacional”. Em 1970 a atividade garimpeira atingiu seu pico, produzindo cerca de 4.721 toneladas de minério de estanho.

Ao final da década de 70, Rondônia respondia por quase 70% da produção nacional. Em 1971, o Ministério das Minas e Energia proibiu a prática manual, obrigando a mecanização da lavra. De acordo com Cavalcante (2009), no ano de 1952 foi descoberta a existência de estanho em Rondônia, o que impulsionou a economia do município de Porto Velho e deu início ao período de extração da cassiterita que durou de forma manual (garimpagem) até 31 de março de 1971.

Terminou quando o governo federal, na época militar, colocou um fim nesta fase por meio de medidas que estabeleciam parâmetros para a exploração de cassiterita na região. O Ministério das Minas e Energia criou uma portaria determinando a extinção do garimpo manual sobre o pretexto desse ser predatório. “Os garimpeiros que desempenhavam a garimpagem manual” (CAVALCANTE, 2009, p. 1). Esse período gerou muita riqueza, sendo, porém, quase nulos os benefícios duradouros produzidos. Foi uma exploração predatória e de alto impacto ambiental. Além do garimpo, um outro acontecimento marcante para o estado de Rondônia, foi a abertura da BR-364.

1.5 A Abertura da BR-364

O principal evento que marcou a colonização recente do território federal de Rondônia e a transformação do mesmo em Estado, foi a abertura da BR 029, posterior 364.Sua abertura foi importante porque contribuiu significativamente para a transformação do estado de Rondônia. Sua construção seguiu o trajeto das “picadas” abertas pela expedição de Marechal Rondon, ainda no início do século XX, ao construir a linha telegráfica que ligava Cuiabá a Porto Velho.

A estrada foi realmente implantada somente no governo Juscelino Kubistchek (1961), mas com trajetos inadequados, resultando em longos tempos de viagens. Contudo, a partir de 1966, com a instalação do 5° BEC (Batalhão de Engenharia e Construção) em Porto Velho, foi possível a construção da rodovia em condições mais

favoráveis, resultando em viagens de três dias, considerando que a rodovia não estava asfaltada. Conforme Oliveira;

> No dia 02 de fevereiro de 1960 ao inaugurar a implantação da rodovia Belém–Brasília, o presidente Juscelino Kubitschek incentivado pelos governadores da região Norte brasileira, principalmente por Paulo Nunes Leal (1958-1961 e 1963- 1964), autoriza a implantação da BR 29, atual BR 364, para ligar Brasília ao Acre, passando pelo estado do Mato Grosso e pelo Território Federal de Rondônia (, 2007, p. 57)

Com a abertura da rodovia, o caminho ficou livre para a gigantesca migração que não demorou a acontecer. Milhares de famílias, em sua maioria, vindas da região sul do Brasil, buscavam sua terra prometida e com eles, garimpeiros, grileiros e madeireiros, pareciam querer aportar nestes locais para buscar de alguma forma, realizarem seus sonhos.

As pessoas que procuravam um pedaço de terra e por meio disso, garantirem sua sobrevivência foram motivadas a se instalarem na Amazônia Rondoniense sem a estrutura básica necessária. Os últimos quarenta anos são exemplos claros de como não se deve promover uma política de Reforma Agrária. A BR-364, foi erguida nos caminhos de Rondon e para o traçado foram utilizados os estudos de Marechal Rondon.

Rondon, talvez não soubesse que seus estudos, trabalhos, levantamentos e apontamentos geográficos, geológicos, estudos sobre flora e fauna da região, seriam úteis para auxiliar no processo de abertura da principal “artéria” desse Estado. A BR-364 foi o mais significativo passo para o desenvolvimento regional das terras de por onde passou Rondon.

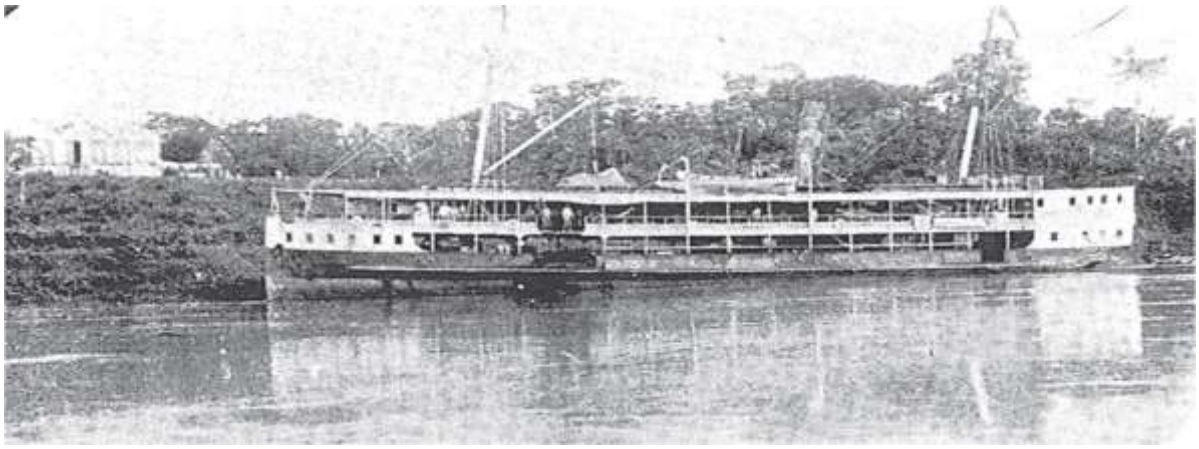
Com os seringais, nos tempos anteriores, surgiram praticamente dois municípios: Guajará Mirim e Porto Velho. Com a abertura da BR 364 foram surgindo povoamentos em todas as localidades, principalmente nas margens da nova estrada. Hoje, o estado conta com mais 50 municípios totalizando com Porto Velho e Guajará Mirim 52 municípios, em fraco desenvolvimento. E é sobre a origem e fundação do principal município de Rondônia que falo a seguir.

1.6 Porto Velho: Origem do nome e fundação do município

Ao longo da Guerra do Paraguai (1864-1870), destacamentos do exército brasileiro, após abrir clareiras na floresta Amazônica, chegaram a um arraial

conhecido como Santo Antônio do Alto Madeira, fundado pelo jesuíta João Sampayo em 1728, à beira da cachoeira de Santo Antônio. A localização deste Arraial era estratégica à época: ali ficava a fronteira entre o trecho navegável e o trecho inóspito do rio. Por isso, ali também fora construído portos, em que atracavam os chamados navios-gaiola, conforme pode-se observar na imagem em seguida.

Figura 3 – O Gaiola Acarahu - Ex-Tamanduá, Walter ou Aquidaban



Fonte: História da Navegação na Amazônia - 303 p – 2007-Antonio José Souto Loureiro

Também é possível observar o que era o navio-gaiola e o que ele transportava, na letra da música Navio Gaiola / Marudá do artista Nilson Chaves.

Virgem Credo Cruz
Ave Maria
Tá na hora da partida
Corre corre lá na rampa
Velho moço e criança
Minha namorada chora
Levo no olhar muita lembrança
Levo a dor levo esperança
A saudade me devora
Vendo o sol correr nas brenhas
E sair o navio Gaiola
No navio Gaiola
A tristeza mora
No fundo das redes

Alguns anos depois, teve início a construção de um novo porto, após o imperador Dom Pedro II ter autorizado, em 1883, os navios mercantes de todas as nações a subirem o rio Madeira. Os militares, então, passaram a chamar as instalações anteriores, que ainda eram utilizadas em Porto Velho – termo que se perpetuou ao dar nome ao município.

Porto Velho foi legalmente constituído em 2 de outubro de 1914, como município do Estado do Amazonas. A população começou a se concentrar em um

núcleo urbano, porém, cerca de sete anos antes, com o afluxo de trabalhadores migrantes que foram atraídos pela construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (1907/1912). Para cá vieram milhares de trabalhadores brasileiros e estrangeiros (aproximadamente 50 nacionalidades), muitos deles, anteriormente, empregados na construção do Canal do Panamá. Nessa época, a comunidade contava cerca de mil habitantes. Até então, o local era habitado por extrativistas vegetais e florestais, como seringueiros, caucheiros e castanheiros. Além, é claro, das comunidades indígenas, que se mantêm até hoje.

Destarte**,** nesta seção, discorri sobre o lugar de onde vieram e por onde ainda vivem as vozes tecidas que colaboraram com suas narrativas utilizadas como objeto dessa pesquisa, tornando a possível. Falei sobre o contexto histórico, o processo de migração dos seringueiros nordestinos para a Amazônia na década de 40, como se constituía um seringal e como era viver nesse ambiente.

Também discorri sobre o primeiro período da borracha, momento que ocorreu esse processo migratório citado, o fim de tal período e os fatos posteriores até o estado de Rondônia receber esse nome e dar nome ao seu principal município, a sua capital Porto Velho, à luz dos estudos de autores como Alvares-Afonso (2008), Schroder (2008), Wolf (2011) e Nascimento (1998) entre outros que discutiram os assuntos já citados, relevantes para essa Dissertação.

Na próxima seção, denominada aporte teórico, abordo alguns aspectos da identidade, memória e cultura, os quais embasam teoricamente minha análise.

2. APORTE TEÓRICO

Nessa seção, como o próprio nome indica, faço a análise de determinadas obras científicas disponíveis que tratam de temas, os quais dão embasamento teórico para o desenvolvimento desta pesquisa. É aqui também que são explicitados os principais conceitos utilizados ao longo do trabalho.

2.1 Identidade, Memória e Cultura

Quando se trabalha com narrativas, alguns conceitos estão relacionados a realidade daqueles que narram. Ao serem estudados, tais apreciações promovem um entendimento que permite a compreensão de como as narrativas carregam consigo a

riqueza da cultura, os traços indenitários e mnemônicos. Com base nisso, a seguir, a começar pela identidade, de forma breve, trago algumas dessas definições.

2.1.1 Identidade: alguns conceitos

Afinal quem somos? Parece ser uma pergunta básica, mas não é uma tarefa fácil de ser respondida e muito menos inútil. Quando conseguimos especificar quem somos, podemos definir o que, como e onde podemos fazer o que realizamos no cotidiano, seja individualmente ou socialmente. Para saber o que é eticamente correto só é possível se definirmos onde estão nossas fraquezas e nossas virtudes, ou seja sabermos a que lugar pertencemos e onde nos encaixamos. A identificação disso, permite reconhecer-se e ter uma identidade. E por isso,

> [...] A identidade humana é um traço característico de cada ser que permite distinguir um indivíduo de outro, um grupo de outros grupos ou ainda uma civilização de outra. Refere-se, de modo específico, às características próprias de cada um, da espécie humana e da sociedade. Ela marca a cada um de nós, individualmente, e ao mesmo tempo nos diferencia enquanto espécie humana de outras espécies (MARTINAZZO, 2010, p.1)

O ser humano é caracterizado por sua identidade. Essa identidade pode ser pessoal, social ou cultural. Pessoal por envolver a percepção, a qual o sujeito tem da sua individualidade, social porque resulta das interações que constantemente são estabelecidas com o meio coletivo no qual está inserido o ser e ajuda a definir a consciência grupal e cultural, porque o sujeito reconhece-se através dos valores que partilha com a sociedade/comunidade.

É por meio do enredamento que compreendemos a nossa individualidade como resultado de uma síntese cultural, a qual engloba distintas identidades. As identidades humanas se constituem em um mundo marcado pelas diferenças culturais, em distintos tempos e lugares. São construídas por meio da interação entre indivíduos de um mesmo grupo ou sociedade, ao se compartilhar objetivos, regras e valores, entre outros. A partir desses pressupostos é possível descrever a identidade como algo que é diferente dos demais, todavia análogo a si mesmo.

Sobre isso, para Habermas (1988, p.14), a “auto identificação predicativa que efetua uma pessoa é, em certa medida, uma condição para que essa pessoa seja

identificada genericamente e numericamente pelas demais". Deste modo a identidade é composta por meio do diálogo que ocorre entre o indivíduo e o meio social sendo modificável em boa medida inconscientemente, através de um processo que inclui a identificação própria e a identificação reconhecida pelos demais. E é nesse sentido de a identidade ser modificável que Ciampa (1987, p.32) entende a identidade como metamorfose, ou seja, está em constante transformação, não é estável, sendo o resultado temporário da interação entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos. A identidade tem caráter dinâmico e seu movimento pressupõe uma personagem.

A personagem, que, de acordo com o autor, é a vivência pessoal de um papel previamente padronizado pela cultura, por ser fundamental na construção identitária representar a identidade de alguém pela reificação da sua atividade em uma personagem que, por fim, acaba sendo independente da atividade. As díspares maneiras de se estruturar as personagens resultam em dessemelhantes modos de produção da identificação humana.

Nessa perspectiva, identidade é o ponto de conexão entre igualdade e diferença. Identidade é movimentação, contudo, uma vez que a identidade presumida é recolocada pelos ritos sociais, passa a ser visualizada como aquilo que é cedido e não ao contrário. A reposição, por conseguinte, dar suporte a monotonia, que é a compreensão de que a identidade está fora do domínio do tempo e é ininterrupta: identidade -mito. A superação da identidade pressuposta denomina-se metamorfose (Ciampa, 1987, p.37).

Dubar (2005, p.113) compreende a identidade como sendo o resultado do procedimento de socialização, o qual entende o cruzamento dos processos relacionais (isto é, o sujeito é inquirido pelo outro dentro dos sistemas de ação nos quais os indivíduos estão inseridos) e biográficos (que tratam da história, habilidades e projetos da pessoa). Segundo ele, a identidade para si não se separa da identidade para o outro, pois a primeira é correlata à segunda: reconhece-se pelo olhar do outro.

A identidade será, assim e também as "reações às palavras e às atitudes dos outros" (DUBAR, 2005, p.136). E esta construção e reação às palavras e atitudes dos outros só será possível, no entender de Hall (2014, p.17), através "da relação com o outro, a relação com o que não é, com aquilo que falta" até porque de acordo com este autor a identidade é a "representação que se constrói através 'daquilo que falta', através da divisão, a partir do lugar do outro" (HALL, 2014, p. 19).

E é nessa busca por construir a representatividade que a identidade no pós modernidade torna-se volátil, com constantes fragmentações e rupturas de maneira que não há mais um centro único, mas vários, uma pluralidade deles denominadas como identidade (s) cultural no contexto pós-moderno.

2.1.1.1 A (s) identidade (s) no contexto pós-moderno

Ao longo dos anos, grandes mudanças em relação ao assunto identidade ocorreram, quebrando tradições do passado devido ao constante movimento e deslocamento do núcleo de identidade cultural, religioso, político entre outros. Assim, a sociedade passa a ter uma identidade não unificada e estável, gerando uma confusão nos indivíduos com si mesmos. A globalização tem uma interferência direta sobre esse assunto, devido as novas interconexões possíveis de serem feitas por redes. Isso levou atualmente, a identidade ao declínio e fragmentação

Desta forma, falar sobre a identidade humana no pós modernidade requer um vasto conhecimento das diversas configurações do tema, os quais habitam reflexões de alguns teóricos da pós-modernidade, como Stuart Hall (2014), Bauman (2005) entre outros e exige a descrição do indivíduo no momento atual do mundo globalizado, marcado por um capitalismo desordenado, com o propósito de tornar claro as novas bases sobre as quais se articula o pessoal e o social no universo contemporâneo.

A constante mudança e transformação social, causa uma confusão entre as pessoas em relação a sua identidade, criando uma crise de identidade. Assim, esse movimento eterno, gera práticas sociais alteradas de acordo com o contexto, a sociedade e a época vivenciada. Com isso surgem vários questionamentos, entre eles: quem é o homem da contemporaneidade? O que faz esse homem? Como dar conta desse fenômeno psicológico? Qualquer tentativa de esgotar esses temas seria pretensiosa e frágil, posto que teria que lidar com uma plasticidade ainda não totalmente conhecida, permitindo que a identidade se torne objeto de questionamentos.

Segundo Mercer (1990, p.43), "A identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza." "O próprio processo de identificação, através do qual nós projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (...) O sujeito assume identidades

diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente.

"É o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos... Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido se desmancha no ar...." (Marx e Engels, 1973, p.70). Deste modo, alicerçado na ideia de que a identidade é formada por meio das situações sociais vividas e partilhadas, Hall (2014), diz que a identidade é discutida na teoria social, em razão de a concepção de um indivíduo estável dá lugar ao indivíduo fragmentado, fazendo surgir novas identidades, fragmentado o sujeito/indivíduo moderno, o qual era até o momento visto como unificado. Conforme diz Hall,

> A identidade torna-se uma "celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. (HALL, 2014, p. 13)

Essa identidade também quando se trata do: o global, o local e o retorno da etnia, tem como efeito desse processo nas nações, o que o autor denomina de "Tradução" quando as nações "aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença" (HALL, 2014, p.87). Assim, as nações estariam gravitando entre manter (a tradição) e transformar (a tradução), o que afeta diretamente as novas (ou velhas) formas de identidade cultural.

Na mesma perspectiva de Hall (2014), Bauman (2005) mostra que as identidades são construídas e reconstruídas continuamente, tornando-se incompletas, ou seja, são "uma experimentação infindável" na sociedade global onde "o Estado não tem mais o poder ou desejo de manter uma união sólida e inabalável com a nação" (BAUMAN, 2005, p. 35).

A esse fenômeno, ele dá o nome de "modernidade-líquida" visto que as relações sociais são fluídas, voláteis, incertas e inseguras. Isso se deve - acredita Hall (2014) – principalmente à "compressão do espaço-tempo", uma espécie de "aceleração dos processos globais de forma a sentir que o mundo é menor que as distâncias mais curtas, nas quais os eventos em um determinado lugar têm um

impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância” (HALL, 2014, p. 40).

Nessa lógica, a identidade é descrita como um agrupamento de sentimentos, percepções e representações que uma pessoa tem de si mesma, os quais lhe permite ser reconhecida socialmente e transformam-se constantemente, principalmente quando se trata do sujeito pós-moderno. Ou também, como um conjunto relativamente estável de aspectos de um ser humano os distingue dos demais tornando-se uno.

A identidade tem como características a “continuidade”, pela qual o indivíduo reconhece a si próprio com o passar do tempo, a “estabilidade” que dá ao ser uma representação estável do seu eu, semelhante à dos outros, a “unicidade “a qual está relacionada a conduta harmônica representando a ideia de unidade, a “diversidade”, pela qual praticamos vastas ações, a “realização” na qual nós construímos a partir das nossas condutas na convivência com o meio e com o outro e a “autoestima”, que está relacionada ao discernimento positivo que temos particularmente.

É constituída através do processo de socialização, do vínculo familiar como composição do eu psicológico, como por exemplo, a conexão entre mãe e o seu bebê, nas relações precoces as quais são fundamentais para a composição da consciência identitária, nos grupos sociais pelos quais ocorrem a transmissão dos moldes de reconhecença e os meios de comunicação social, compreendido como uma razão ou padrão de reconhecimento. Ou seja, a identidade é como o ser se reconhece, reconhecimento derivado de processos de construção, adquiridos ao longo da vida.

Para Moita Lopes (2003), a identidade também é construída mediante as práticas discursivas, estabelecidas entre os sujeitos e, que os discursos pelos quais as identidades são construídas podem ser combinados e ambíguos, assim, processou-se uma discussão sobre a relação memória e identidade, uma vez que elas estão indissoluvelmente ligadas. A necessidade de construção de uma identidade torna-se um relevante perfil para a sobrevivência de um ser humano. A ideia de um todo permite-lhe uma convergência entre a imagem que tem de si próprio e seus vastos aspectos peculiares do modo de ser pensar e agir, além dos vários papeis que ele interpreta na sua relação com a sociedade a sua volta, nas mais diversas circunstâncias.

Desse modo, ininterruptamente, o indivíduo diferenciando-se e iguala-se de acordo com os variados grupos sociais dos quais faz parte, tornando-se uma unidade contraditória, múltipla e mutável. Como citado por Silva e Vergara (2002, p. 5), "não

há sentido em falar apenas em uma única identidade dos indivíduos, mas sim em múltiplas identidades que se constroem dinamicamente, ao longo do tempo e nos diferentes contextos ou espaços situacionais dos quais esses indivíduos participam". Não há como pensar a noção de identidade, se não for em função da interação com outros, mesmo a pessoa tenha uma ideia de si mesma que faz com que ela se reconheça, denominada identidade pessoal.

2.1.1.2 Identidade Pessoal

A identidade pessoal é percebida como um conjunto das percepções, sentimentos e representações que uma pessoa tem de si própria, permitindo-lhe reconhecer e ser reconhecida socialmente. É o essencial de uma pessoa. O conceito interno e subjetivo do sujeito como indivíduo. É a maneira pela qual um ser humano se define. A identidade pessoal é o sentimento intrínseco de sermos nós mesmos, permitindo que nos reconheçamos como sujeitos únicos e atores das nossas experiências passadas, presentes e futuras. Ela se alterna entre o semelhante e a distinto, entre fazer de nós uma individualidade singular e ao mesmo tempo, torna-nos semelhantes aos outros.

Em decorrência do entendimento do conceito de identidade pessoal é possível compreender todo o processo de construção da identidade humana. De acordo com Ting-Toomey (1998), a identidade pessoal diz respeito a maneira como um ser humano se auto define. Suas características próprias, seu autoconceito, geralmente comparando-se com outros indivíduos. Ou seja, conforme mostra o autor, ter uma identidade pessoal significa saber se evidenciar, destacar o próprio caráter, as particularidades de si mesmo distinguindo-se dos demais a partir do estabelecimento de um paralelo feito com outros seres humanos, grupos e etc., chamada de identidade social.

2.1.1.3 Identidade Social

Em relação a identidade social, ela está relacionada aos conceitos que o indivíduo desenvolve de si mesmo e que derivam de sua afiliação em categorias ou grupos, emocionalmente significantes para ele. Esse tipo de classificação inclui, entre outras, as identidades por engajamento étnico ou cultural, de gênero, de orientação

sexual, de classes sociais, de idade ou profissionais. É a posição social da pessoa dentro da sociedade, quando ela define sua profissão, religião, estado civil, etc. A pessoa já está determinando sua identidade social. Essa identidade pode ser adquirida ou atribuída.

Deste modo, os termos identidade e social sugerem, respectivamente, um conceito que "explique por exemplo o sentimento pessoal e a consciência da posse de um eu..." (Brandão, 1990 p.37) privilegiando, de um lado, o indivíduo, e de outro lado, a coletividade, resultando numa configuração na qual se capta o homem inserido na sociedade, bem como à dinâmica das relações sociais. A importância dessa relação pode ser melhor compreendida nessa citação de Marx (1978a, p.9) “A sociedade é, pois, a plena unidade essencial do homem com a natureza, a verdadeira ressurreição da natureza, o naturalismo acabado do homem e o humanismo acabado da natureza”.

Turner (1982) faz uma definição de identidade social como sendo o processo de alguém se localizar ou localizar outra pessoa dentro de um sistema de categorizações sociais, embora faça uma descrição simultânea da identidade social como a soma total das identificações sociais usadas por uma pessoa para definir a si própria. Assim, a maneira pela qual alguém é definido pelos outros influencia seu auto identidade em algum grau. Semelhante ao que diz Turner (1982), Tajfel (1978, p.31), fala que a identidade social, “está associada ao conhecimento de pertença dos grupos sociais e ao significado emocional e avaliativo dessa pertença”. Isto é, pode estar, nas palavras do autor, caracterizada pelo conjunto de auto definição em termos de categorias de pertencimento grupal.

Deste modo, é possível dizer que a identidade social está relacionada a um sentimento de ser pertencente a um certo lugar ou grupo e ao mesmo tempo, sentir que esse lugar ou grupo o pertence e, assim acreditar ser viável interferir e, mais do que tudo, que vale a pena interferir na rotina e nos rumos desse tal lugar.

A compreensão de como é constituída uma identidade social, permite uma busca por interpretar como essas inúmeras identidades se relacionam em cada indivíduo, como essas identidades se concatenam com o comportamento, pensamentos e emoções e como elas se conectam com o todo, com a sociedade (BURKE, 2009, p. 3). Consequentemente, visa efetivamente fazer uma relação entre o ser humano e o meio social, compreendendo-os como reciprocamente persuadíveis.

O indivíduo não é meramente um receptor das coerções da sociedade e a sociedade não é uma coleção de indivíduos.

E um fator que está diretamente correlacionado ao processo de formação da identidade humana, é a memória, uma vez que esta é um elemento constituinte do sentimento de pertença, de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também uma fonte extremamente importante para a ideia de coerência de uma pessoa ou grupo em sua reconstrução de si. Assim, depois, abordarei aspectos relevantes e correlatos ao conceito de memória.

2.2 Memória

A memória é a condição básica para o aprendizado de um indivíduo. Sem a memória é impossível que haja a aprendizagem. Desta forma, o entendimento do conceito de memória é essencial, uma vez que, quando se trata da memória, podemos caracterizá-la como aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas, recordação, rememoração, as quais consistem em reviver ou restabelecer experimentos passados, com maior ou menor consciência de que a vivência do momento presente é um ato de revivescimento. Tomando isso com base, em seguida farei uma sucinta exposição de conceitos relacionados a memória humana, individual, coletiva, relação entre memória e narrativa e memória. Embasados em autores como Halbwachs (2006), Bosi (1992), Le Goff (2003) entre outros.

2.2.1 A memória humana

São inúmeras as concepções de memória. E quando se trata de memória humana, segundo definições do dicionário Houaiss, ela é a faculdade de armazenar fatos, conservar ou readquirir ideias, lembranças, reminiscências, é o vestígio de um acontecimento e também quando estas memórias narradas são transcritas tornam-se documentos históricos, além de suas outras definições técnicas. Sendo uma das fontes dos dados históricos, tem, pois, sua peculiaridade no que chamamos de subjetividade ou imprecisão, pois atrelado ao momento histórico, social e cultural do sujeito podem se formar memórias diferentes, observado o mesmo acontecimento.

À vista disso, ao abordarmos questões relacionadas a memória humana, estamos falando de um assunto que transcorre as culturas e é prudente o argumento

pelo qual assegura a memória como sendo a constituidora da identidade e da particularização de uma certa cultura ou de uma determinada maneira de ser e agir. Nesse sentido, é possível afirmar que a memória é um domicílio do indivíduo e por ser essa casa de cada um, são realizadas algumas considerações, com o objetivo de buscar cada vez mais um melhor entendimento sobre como lidar melhor com esse assunto, o qual ainda hoje é considerado um enigma humano.

Ao começar na Grécia, quando Aristóteles (2005), diz que a noção de memória está associada especialmente a questão do que comumente conhecemos como lembrança, já há uma busca por um entendimento do que seja a memória humana. A memória, enquanto atributo de cultivar determinadas informações, reporta-nos a princípio, a um lugar e a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem constantemente pode modernizar lembranças ou conhecimentos decorridos, ou que ele representa, advindos do passado.

Para Vegini (2017, p.181) " a memória é um fenômeno comum a todos os seres vivos. Ela é a aptidão que os seres humanos têm de lembrar estados da consciência passados". Similarmente, para Marilena Chauí, "a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total" (Chauí, 1995, p. 125). Tempo e memória, portanto, constituem-se em elementos de um único processo, são pontes de ligação, elos de corrente, que integram as múltiplas extensões da própria temporalidade em movimento. A memória por sua vez, como forma de conhecimento e como experiência, é um caminho possível para que sujeitos percorram a temporalidade de suas vidas. Lowenthal (1981, p. 75) diz que "toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado.

A memória humana apresenta várias possibilidades. Através dela é possível fazer recorrência a momentos do passado, revivê-los e a partir disso, montar um paralelo sobre circunstâncias vividas em épocas distintas, permitindo reacender utopias e sonhos de um tempo anterior que marcou vidas tanto individualmente quanto em convivência com a comunidade.

Ela também permite fazer uma reconstrução da atmosfera de outros tempos, relembrando hábitos, valores, e práticas da vida cotidiana, o que reacende emoções de diferentes naturezas: individuais, sociais, políticas, culturais, constituídas na dinâmica da História. Para Pinto (1998, p. 307), "a memória é esse lugar de refúgio,

meiohistória, meio ficção, universo marginal que permite a manifestação continuamente atualizada do passado".

Nas palavras de Bobbio essa possibilidade de fazer reminiscência é tão significativa que, ao refletir sobre o ato de rememorar, constata:

> O relembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência por que é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. [...]. Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçar nos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade (BOBBIO 1997, p. 32)

Conforme nos mostra o autor, a lembrança consente ao indivíduo, por exemplo, a reconstrução da sua identidade, o encontro do eu. Todorov, (1999, p. 26-7), diz que a memória não é apenas um ato de recordar, ela revela os fundamentos da existência, fazendo com que a experiência existencial, através da narrativa, integre-se ao cotidiano fornecendo-lhe significado e evitando, dessa forma, que a humanidade perca raízes, lastros e identidades.

Segundo Le Goff (2003, p. 419), a memória é vista como "[...] propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas". A memória é na visão desse autor um "elemento essencial" da identidade individual ou coletiva, sendo a sua busca por uma atividade fundamental na sociedade contemporânea.

Na concepção de Margarida Neves, o conceito de memória é abrangente e polifônico em todas a suas potencialidades:

> O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalizarão e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade, o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação. (NEVES, 1998, p. 218)

É através da memória que se armazena, recupera e evoca informações disponíveis internamente de fatos obtidos por meio de experiências ouvidas ou vividas

em momentos distintos da vida de um ser humano, estabelecendo um vínculo entre eles. Essa memória pode ser individual ou coletiva.

2.2.1.1 Memória Individual

A memória individual é formada a partir de circunstâncias vividas de forma pessoal, ou seja, é o que diz respeito às experiências particulares, apoiadas pela memória coletiva. Halbwachs (2006, p.61), afirma que a memória individual é constituída a partir de “quadros” já estabelecidos, ou seja, impostos pelo meio social. Segundo ele, a memória individual;

> [...] não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente. (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Ao mostrar que a memória é uma construção social, Halbwachs (2006) também apontou que os indivíduos recordam daquilo que consideram importante para seu grupo. Para ele, a memória individual é a memória original, pois só se consegue lembrar o que se viu, o que se fez, o que se sentiu e o que se pensou em um determinado lugar, em um certo tempo. Assim, para reproduzi-la é preciso ter presenciado o acontecimento sendo o protagonista de tal, ou mesmo como espectador.

Essa memória, mesmo repleta de percepções e sentimentos, os quais representam vivências pessoais daquele que narra, é limitada, em razão de, no mundo do —todo narrativo ou histórico, somente expõe breves retalhos das situações, aquelas complacentes às suas memórias mais pessoais. A partir dessa concepção, Seixas (2001, p. 97) chega a conclusão de que “a memória significa fundamentalmente reconstruir um passado a partir dos quadros sociais do presente”.

Nesse seguimento pode se diz que a memória do indivíduo é controlada tanto por ele mesmo quanto pelos outros, em razão de ela ser constituída como consequência da relação que o ser humano estabelece com as memórias dos diferentes grupos dos quais faz parte e, portanto, está inserido, seja na família, na escola, em um grupo de amigos ou na classe social (BOSI, 1994, p. 54).

Isso realiza-se porque o indivíduo é um ser social, e, consequentemente, necessita dos outros cidadãos para que suas lembranças não sejam esquecidas. Em concordância com Duvignaud (2006, p. 13), ao afirmar que “a rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de solidariedade múltiplas em que estamos envolvidos”. Por essa razão, o ato de lembrar não significa reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagem e ideias de hoje, as experiências do passado (BOSI, 1994, p. 55). Essas lembranças por mais individual que sejam, foram constituídas pela convivência com os outros. Com o coletivo e as vezes se confundem. Destarte, podemos dizer que a memória individual é correlacionada da memória coletiva.

2.2.1.2 Memória Coletiva

No que concerne a memória coletiva, ela está relacionada às experiências de um determinado grupo. É construída socialmente, por meio da convivência nos mais distintos espaços sociais. Seja junto à família, nas igrejas, escolas, em uma conversa com amigos ou em qualquer outra instituição, na qual haja uma interação entre pessoas em acordo com o que disse Bosi (1994).

A partir disso, pode se dizer que a memória coletiva é formada a partir da convivência, Halbawachs (2006). Para esse autor, a memória por mais pessoal que seja é construída socialmente. É gerada a partir do contato com o outro. Ou seja, ela é formada como consequência do ato de conviver com o outro, da proximidade com o outrem. Conforme afirma o referido autor, pesquisador da tradição sociológica francesa e primeiro estudioso das relações entre memória coletiva e histórica;

> [...] a memória coletiva contém as memórias individuais, mas não se confunde com elas _ evolui segundo suas leis e, se às vezes determinadas lembranças individuais também a invadem, estas mudam de aparência a partir do momento em que são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal. (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Há uma necessidade de coexistência. E sobre essa indispensabilidade de convivência para a aquisição da memória Izquierdo, (2004), afirma que as pessoas têm por tendência viver em grupos, organizando-se em sociedades, já que não sabem viver isoladamente. A partir desse convívio, são criados laços, afinidades, memórias comuns, elementos que constituem uma memória social e por isso, coletiva.

Ainda falando sobre o que diz Halbwachs, para ele, o indivíduo que lembra está inserido na sociedade a qual sempre possui um ou mais grupo de referência, a memória é então sempre construída em grupo, sendo que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”, como se pode ver, o trabalho do sujeito no processo de rememoração não é descartado, visto que as “lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Dessa forma, a lembrança é o resultado de um processo coletivo, estando introduzida em um contexto social específico. As lembranças permanecem coletivas e são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente o sujeito se encontre envolvido. Isso acontece na medida em que o indivíduo está sempre inserido em um grupo social.

Ainda que apenas um indivíduo tenha a percepção de ter vivenciado certos eventos e contemplado objetos, acontecimentos e etc., nos quais apenas ele viu/presenciou, mesmo assim as lembranças acerca desses continuam sendo coletivas, podendo ainda ser evocadas por outros que não necessariamente vivenciaram e/ou presenciaram tais acontecimentos, visto que para “confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (HALBWACHS, 2006, p. 31).

Em outra passagem ele assinala a contribuição da memória coletiva no processo de rememoração: Para ele;

> Uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso (HALBWACHS, 2006, p. 31).

No entanto, para recordar um evento passado, não é preciso que ele seja evocado somente por outros para que o sujeito se lembre dele. É necessário o indivíduo trazer consigo algum “resquício” da rememoração para que os conjuntos de testemunhos exteriores se constituam em lembranças (SILVA,2013). Nessa ação de rememoração, é importante que a memória individual esteja em consonância com a memória de outros membros do grupo social.

Para o autor, somente se pode falar em memória coletiva se evocarmos um evento que também fez parte da vida do grupo no qual fazemos parte. No processo de rememoração é necessário que os dados sejam comuns entre os membros do grupo. De acordo com Halbwachs (2006) para se recordar, é necessário que o nosso pensamento não deixe de concordar, em certo ponto, com os pensamentos dos outros membros do grupo. Desse modo, esquecer determinado período/fato/evento de nossa vida é perder também o contato com aqueles que compunham nosso grupo social.

> Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2006, p. 39)

O autor assinala que há uma necessidade de as lembranças serem reconstruídas e reconhecidas pelos membros do grupo, através da convivência com o outro e o compartilhamento de informações entre si. E nesse processo de rememoração, recordação, reminiscência; há dois tipos de memória: a explicita e a implícita.

2.2.1.3 Memória Explícita X Memória Implícita

A memória explícita diz respeito a quando sabemos que uma determinada tarefa envolve memorização e fazemos esforços conscientes para memorizar imagens, palavras ou textos. Nela esse processo ocorre de maneira intencional, ou seja, a aquisição da memória acontece porque o indivíduo a buscou conscientemente do que estava fazendo e com um determinado objetivo.

Já a memória implícita refere-se à memória que não requer recordação explícita ou detalhada. Este tipo de memória não é consciente ela ocorre quando não temos consciência do processo de memorização. Seu processo de obtenção não é intencional. Ferreira Netto (2008, p. 16) assegura ser plausível distinguir na memória o que ela tem de explícito e implícito:

> A memória explícita envolve a lembrança consciente de episódios passados, por meio de recuperação intencional desses episódios, enquanto a memória implícita envolve a influência de episódios passados no comportamento atual

> sem recuperação intencional e, algumas vezes, sem lembrança consciente daqueles episódios. (FERREIRA NETTO, 2008, p. 16)

No entendimento desse autor, tanto o indivíduo quanto as outras pessoas dispõem de poder sobre a memória. As diferentes manipulações da memória entre as pessoas e as sociedades estão diretamente relacionadas à história de cada um deles, em razão de as estratégias para reaver tais memórias dependem de suas experiências e necessidades. Um dos meios para recordar essas lembranças, seja explicita ou implicitamente é mediante a relação existente entre memória e narrativa.

2.2.1.4 Memória e Narrativa

No decorrer dos últimos anos, o vínculo entre memória e narrativa tem se tornado objeto de estudos constante, seja em pesquisas individuais ou não, dos quais as acepções ocorrem desde descrições de episódios antecessores até distintos pontos de vista. Segundo estudiosos do assunto, a memória é formada por partículas e minudências que são lembradas, relembradas, inúmeras vezes esquecidas, ou apenas silenciadas “longe de ser relicário, ou a lata de lixo do passado, a memória vive de crer nos possíveis, e de esperá-los, vigilante, à espreita” (DE CERTEAU, 1990, p. 131).

Proporciona mutabilidade de tempo e espaço, por se estabelecer de forma ativa. Na visão de Abrahão (2006, p. 166), a memória “rememora o passado com olhos do presente e permite prospectar o futuro”, assim sendo, ela se articula entre o passado-presente e o futuro, a partir de três dimensões. O tempo aparece constantemente presente na memória e faz parte dela, sendo esta, de acordo com Delgado (2010, p. 9), “[...] uma construção sobre o passado, atualizada e renovada no tempo presente”. Não há como existir memória sem a tridimensional contribuição do tempo. Através dela se armazenam lembranças de quaisquer coisas para posterior utilidade, torna-se presente pelo exercício da imaginação, o passado como sua essência, como forma de manter o tempo vivo e resguardá-lo do esquecimento e da perda.

Na concepção da autora, narrativa e memória contribuem de maneira significativa porque se tornam essenciais para o processo de construção de identidades tanto individuais quanto coletivas, decorrentes de uma ação contínua de

vivência social, pela qual são mantidas as lembranças formadas na relação com determinados grupos de referências. Isso ocorre por meio do dinamismo.

E para saber onde se encontra a história mais específica de um grupo? Ou de um bairro? Ou de uma comunidade? Onde estão aquelas pessoas que vivenciaram um fato que é contado pela história oficial e o que elas dizem sobre o que aconteceu? Podemos responder a esses questionamentos por meio das narrativas orais.

Elas podem oferecer respostas sucintas fornecidas por aqueles que viveram um momento ou mesmo relataram o que alguém contou a eles. E o que torna esses relatos possíveis, é a memória. Em razão disso, em um estudo que envolve narrativas, não há como deixar de falar da relação entre memória e tradição oral.

2.3 A relação entre memória e Tradição Oral

Trato aqui da relação entre memória e tradição oral.

A tradição oral passada de uma geração para outra através da fala, está ligada aos sujeitos por ser intermediada pela linguagem que forma a narrativa, está intrinsecamente ligada à memória que é uma ocorrência nos sujeitos. À vista disso, as narrativas se apresentam como uma fonte que pode nos dizer, e muito, sobre aspectos do passado e também do presente. Isto posto, Halbwachs (2006) diz que as narrativas evidenciam a sociedade por meio das visões de grupos, as quais expõem conhecimentos acerca de circunstâncias advindas do passado, estabelecendo relações entre o geral e o particular de um lugar, acentuando que os sujeitos incorporam as memórias históricas nas memórias individuais e coletivas que formam produções simbólicas e que institui identidades.

> Ao ouvir uma narrativa, torna-se perceptível os sentimentos e comportamentos atuais, mas que foram edificados ao longo da história de vida e do espaço que os sujeitos ocuparam, a cada novo acontecimento presente ou descobertas do passado. Acontecimentos estes que se transformam em aprendizado e adquirindo forma de narrativa revelam representações que os sujeitos fazem no imaginário. Quando um grupo considera um fato como sendo do seu passado ele sente que pertence a algum grupo, pois identifica o que são e o que foram e moldam a partir de uma compreensão coletiva uma identidade, exposta não só nos modos de vida do grupo, mas nas formas como se representam na oralidade. (CIAMPA, 2014, p. 3)

De acordo com Le Goff (2003), as narrativas são consideradas um ato mnemônico fundamental pela função social que existe quando uma pessoa fala. Esse autor relata que há elementos capazes de interferir na memória, são eles: a afetividade, a inibição, a censura e o desejo que também fazem parte dessa memória. Para Halbwachs (2006);

> A história reduz os acontecimentos a termos aparentemente comparáveis, o que lhe permite ligá-los uns aos outros, como variações sobre um ou alguns temas. Somente assim, ela consegue nos dar uma visão em ponto pequeno do passado, apanhando num instante, simbolizando em algumas mudanças bruscas, em alguns avanços dos povos e dos indivíduos, lentas evoluções coletivas (HALBWACHS, 2006, p.91)

Esse autor faz uma descrição da memória histórica como sendo uma estrutura, um entrelaçamento de memórias que são faladas por meio das narrativas. Um exemplo dessas memórias é a memória histórica, que ao ser entretecida torna possível através da mesma, observarmos as subjetividades presentes na memória coletiva. Como foi possível observar, memória e tradição oral estão interligadas e além disso é necessário entender o que seria a tradição oral.

2.3.1 A tradição oral: tecendo um conceito

De acordo com Vansina (1982, p.2) tradição oral compõe-se de testemunhos transmitidos oralmente de geração em geração, o sistema de boca a ouvido e de ouvido a boca é um meio de preservação e de transmissão da sabedoria dos ancestrais. Assim, é pela voz que se transmite, de geração em geração, o patrimônio cultural de um povo. Voz que, de acordo Zumthor, “assume função coesiva e estabilizante sem a qual o grupo social não poderia sobreviver” (ZUMTHOR,2000, p.139). As narrativas, como produto da memória coletiva, modificam-se e se adaptam aos ambientes dos rios, das florestas e das matas; são atemporais e por isso não têm idade.

Elas se atualizam no momento do narrar, também pelo trabalho com a linguagem que evoca o gosto da conversa, os gestos, as expressões faciais, o franzir do rosto, os murmúrios, o silêncio. São narrativas que identificam o ambiente geográfico do mundo narrado e, simultaneamente, compõem a rede emaranhada de fios de memória dos rios, das florestas, das comunidades ribeirinhas, lugares em que

os pescadores, rezadeiras, curandeiras vão depositando, também, suas memórias individuais.

Por isso, apesar de no mundo moderno, predominar um pensamento, muitas vezes, que somente vale o que está escrito e isso tenha se tornado cada vez mais evidente, essa realidade não expressa o viver das sociedades de tradição oral e daqueles que conhecem e acreditam na força e poder da palavra. Assim, aqui, ocupo-me em abordar e entender a tradição oral a partir da percepção de autores como Vansina (1982), Ferreira Neto (2008), Delgado (2010) dentre outros, os quais apresentam definições evidentes do que é a tradição oral.

Na concepção de Vansina (1982, p. 139), “uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais”. Ele define a tradição oral como “um testemunho transmitido verbalmente de uma geração à outra” (VANSINA,1982, p. 140). Da mesma forma, o antropólogo apresenta as principais características dessa oralidade: o verbalismo e a maneira diferente de transmissão em relação à escrita. Pela escrita, a transmissão dos saberes, da história, da educação e da tradição, dentre outros, acontece por meio de documentos, está lá. Todavia, na fala, essa transmissão pode ser interrompida, corrigida e recomeçada de imediato quantas vezes for necessário.

O autor ainda retrata que “a tradição é uma mensagem transmitida de uma geração para a seguinte. Mas nem toda informação verbal é uma tradição” (VANSINA, 1982, p. 141). Desse último aspecto, ele discerne o testemunho ocular do boato: no testemunho ocular, a visão dos acontecimentos permite pouca ou nenhuma distorção dos fatos; eles, se transmitidos, apresentarão uma imagem mais próxima do evento original; de outra forma, no boato, a pessoa sabe do que ouviu falar apenas.

Caso a história seja transmitida baseada em boatos, nem tudo o que se passa adiante pode ser verdade; ou se verdade for, pode haver conceitos e fatos distorcidos. Nesse sentido, quando se fala em transmissão de tradições, o autor conclui que somente serão válidas aquelas que se basearem em narrativas de testemunhos oculares.

Um pesquisador que estuda as tradições precisa, antes de tudo, ter um conhecimento mais amplamente e profundamente exequível do meio social, o qual será estudado por ele. Isso é necessário para que assim seja possível fazer uma

distinção entre a tradição e as categorias literárias e também analisar o valor das tradições. Mas o que é a história oral? Segundo Delgado (2010, p. 15),

> A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais.

Não é, portanto, um compartimento da história de vida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida. Para Meihy (2005), “a história oral é um tipo de procedimento premeditado, de produção de conhecimento, que se faz pelo envolvimento de um entrevistador, o entrevistado e a aparelhagem de gravação”. É praticamente impossível falar de tradição oral, sem fazer referência a oralidade humana. Segundo Ferreira Netto (2008, p. 12), foi “com a oralidade que a linguagem humana, tal como a conhecemos hoje, teve a sua origem”. Nesse aspecto, vê-se a importância da narrativa para perpetuar as tradições de um povo, em particular, as narrativas de testemunhos observados pelo narrador. Vansina (1982) apresenta as formas fundamentais, que segundo ele determinam o se é ou não uma tradição oral.

2.3.2 Formas fundamentais das tradições orais

Segundo Vansina (1982), há duas formas fundamentais da tradição oral, conforme verifica-se no quadro abaixo:

Quadro 1- Formas fundamentais das tradições orais

		Conteúdo	
Forma	Estabelecida	Fixo Poema	Livre Epopéia
	Livre	Fórmula	Narrativa

Fonte: a tradição oral e sua metodologia – Vansina (1982)

Para ele, existem quatro formas básicas, que são produtos de uma combinação prática de dois conjuntos de princípios. Em alguns casos, as palavras são decoradas, em outros, a escolha é entregue ao artista. Em alguns casos, uma série

de regras formais especiais são sobrepostas à gramática da língua comum, em outros, não existe tal sistema de convenções. A narrativa é o foco principal da disciplina.

De acordo com o autor, é preciso fazer uma interpretação do contexto da narrativa, porque cada tradição tem sua própria superfície social. Assim sendo, é necessário fazer catalogação de várias narrativas já que somente através da catalogação dos vários tipos de narrativa pertencentes ao grupo étnico em estudo, ou a outros grupos, é possível discernir não só imagens ou expressões favoritas, mas também os episódios estereotipados, como nas narrativas que se poderia classificar como "lendas migratórias" (Wandersagen).

Toda narrativa tem seu ponto máximo e isso, é denominado clímax principal, o qual é formado quando:

> Mesmo em outros casos, encontramos arranjos de textos que chegam a vestir as tradições de conteúdo histórico específico com o uniforme dos padrões artísticos correntes. Por exemplo, nas narrativas, uma série de episódios que levam a um clímax formam a trama principal, enquanto outros constituem repetições paralelas sofisticadas e outros, ainda, representam apenas transições de uma etapa da narrativa para outra. (VANSINA,1982, p.6)

Mas, para (VANSINA 1982), uma narrativa pode ser considerada mais destorcida e isso acontece quando,

> Como regra geral, pode-se admitir que, quanto mais uma narrativa se conforma ao modelo-padrão de excelência e quanto mais é admirada pelo público, mais é distorcida. Numa série de variantes, pode-se, às vezes, discernir a variante correta pelo fato de ir contra esses padrões, assim como uma variante que contradiz a função social de uma tradição tem mais probabilidade de ser verdadeira que as outras. (VANSINA,1982, p.6)

Para ele, uma narrativa pode ser considerada mais “verdadeira” que outra, quando, **“**numa série de variantes, pode-se, às vezes, discernir a variante correta pelo fato de ir contra esses padrões, assim como uma variante que contradiz a função social de uma tradição tem mais probabilidade de ser verdadeira que as outras (p.6)

E também, nem todos narradores são excelentes. “Não devemos esquecer, entretanto, que nem todos os artistas da palavra são excelentes. Há os de pouco talento, e suas variantes serão sempre sofríveis”. (VANSINA,1982, p.6). É necessário considerar a tradição no seu contexto social. “Mas a atitude do púbico, como o cenário de uma representação, não é exclusivamente um fato artístico. É acima de tudo um

fato social, e isso nos obriga a considerar a tradição em seu meio social. (VANSINA,1982, p.6).

2.3.3 O contexto social da tradição e as narrativas

De acordo com Vansina (1982, p.7), “Tudo que uma sociedade considera importante para o perfeito funcionamento de suas instituições, para uma correta compreensão dos vários status sociais e seus respectivos papéis, para os direitos e obrigações de cada um, tudo é cuidadosamente transmitido”.

“Numa sociedade oral isso é feito pela tradição, enquanto numa sociedade que adota a escrita, somente as memórias menos importantes são deixadas à tradição”. (P.8) E as tradições orais não contem só e necessariamente contos de fada. Para o autor, toda instituição social, e também todo grupo social, que têm uma identidade própria que traz consigo um passado inscrito nas representações coletivas de uma tradição que o explica e o justifica. E nesse sentido, toda tradição terá sua "superfície social", utilizando a expressão empregada por H. Moniot. Sem superfície social, a tradição não seria mais transmitida e, sem função, perderia a razão de existência e seria abandonada pela instituição que a sustenta. O controle de uma tradição familiar e de uma tradição pública se dá porque;

> As tradições particulares, associadas a grupos ou instituições incorporadas a outros grupos, não serão tão bem conservadas, pois têm menor importância, embora, em geral, estejam mais próximas da verdade que as demais tradições. Todavia, convém destacar que as tradições particulares são oficiais para o grupo que as transmite. (VANSINA,1982, p.8)

O controle de uma tradição particular está mais sujeito a distorções. Pois, para Vansina, compreende-se, assim, por que é tão importante utilizar histórias familiares ou locais para esclarecer questões de história política geral. Seu testemunho está menos sujeito a distorção e pode oferecer uma verificação efetiva das asserções feitas pelas tradições oficiais. Por outro lado, como dizem respeito somente a subgrupos, a profundidade e o cuidado com que são transmitidas são, de modo geral, pouco satisfatórios, como atestam as inúmeras variantes.

Assim, uma história de família é particular em comparação à história de todo um Estado, e o que ela diz sobre o Estado está menos sujeito a controle do Estado que uma tradição pública oficial. Mas dentro da própria família, a tradição particular

torna-se oficial. Em tudo o que diz respeito à família, ela deve, portanto, ser tratada como tal. Compreende-se, assim, por que é tão importante utilizar histórias familiares ou locais para esclarecer questões de história política geral. Seu testemunho está menos sujeito a distorção e pode oferecer uma verificação efetiva das asserções feitas pelas tradições oficiais.

Tão importante quanto falar de identidade, memória é falar de cultura, pois elas estão interligadas, por essa razão, em seguida faço uma exposição voltada para exibição de algumas concepções de cultura do ponto de vista antropológico e esta como produtora de significados para a mente humana.

2.4 A cultura

A cultura está relacionada a todo complexo no qual estão incluídas todas as formas de conhecimentos, artes, crenças, leis, costumes, hábitos e aptidões, adquiridos pelas pessoas no convívio com a família e a sociedade a qual fazem parte e que se transformam ao longo do tempo, mesmo nas comunidades mais tradicionais. Ao longo do tempo, são inúmeros os ramos da ciência que tentam explicar o conceito de cultura, entre eles a Antropologia, a qual dispõe de algumas definições que abordarei em seguida, além do mais também trarei alguns conceitos sobre a cultura enquanto criadora de significados para a mente humana.

2.4.1 A cultura sob a ótica antropológica

A cultura se desenvolveu de forma paralela ao aparelho biológico do ser humano e não é de hoje que tal conceito vem sendo discutido. Nos últimos tempos esse debate tem ganhado mais amplitude. Por isso, definir a noção de cultura certamente não é uma tarefa fácil. A delimitação de tal palavra engloba questões multidisciplinares, realidade diretamente ligada ao seu caráter transversal, o qual envolve distintos campos da vida social. E por envolver diferentes esferas, há várias conceituações do que seja a cultura, dentre elas, a antropológica.

A Antropologia no que diz respeito ao ponto de vista cultural, torna esses conceitos bem evidentes. E se propõe a falar das transformações que as culturas passam visando explicar a questão cultural como tudo aquilo que resulta da criação humana e vai se modificando com os passar dos anos, mesmo em comunidades

consideradas tradicionais dependendo de um aprendizado, de um processo chamado endoculturação ou socialização (LARAIA,2001, p.12).

Ou seja, a Antropologia entende a cultura como modo de vida, isto é, o modo como as pessoas pensam, dizem, fazem e fabricam além de afirmar a dignidade equivalente de todas as culturas, contribuindo dessa forma para uma diminuição do eurocentrismo e o elitismo afirmado o universalismo da cultura humana e a particularidade de cada uma delas. O conceito Antropológico de cultura enquanto maneira de viver tem um significado alargado e nega a redução da cultura voltada apenas para as belas artes.

Laraia (2001), faz um epítome das diversas teorias que tratam do conceito de cultura. É importante perceber que segundo o mesmo autor (LARAIA, 2001, p. 14), o termo alemão Kultur já era utilizado no século XVIII “para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa Civilization referia-se principalmente às realizações materiais de um povo”.

De acordo com o referido autor, a ideia de cultura, pelo menos como utilizado atualmente, foi delineado pela primeira vez pelo Antropólogo Edward Tylor, que define cultura como “todo complexo o qual inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (LARAIA, 2001, apud TYLOR ,1958, p. 14), mencionando esse conceito como sendo um resumo de diversas ideias com a mesma conexão.

Assim, em conformidade com o autor, mais tarde, em 1871, Tylor definiu cultura como sendo “todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética, como diríamos hoje”. (LARAIA, 2001, p. 16). A partir dessa ideia, concebe-se então, a cultura como todo comportamento adquirido ao longo da vida de um ser humano, independente de questões genéticas ou mesmo geográficas. O que para ele, seria uma espécie de orientação para o comportamento em cada sociedade. Ela determinaria como nos vestimos, o que é considerado adequado ou não, como nós agimos em relação aos demais, enfim, nossas ações seriam intermediadas por aquilo que recebemos por meio da socialização. Ou seja, é o contato que o indivíduo tem com o mundo ao seu redor, o qual vai determinar suas atitudes. Tylor enfatizou assim, a ideia do aprendizado na sua definição de cultura.

A cultura não é uma mera soma de elementos. A experiência de cada pessoa com a cultura é única. “A cultura condiciona a visão de mundo, interfere na existência física do ser humano, opera com uma lógica própria e se mantém dinâmica” (LARAIA,

2001, p.50). Com isso, a configuração dos elementos da cultura, às vezes funcionais (ou não), é complexa.

Em consonância com o que diz Laraia, de acordo com Thompson (2002, p. 173), cultura é um “conjunto de crenças, costumes, ideias e valores, bem como os artefatos, objetos e instrumentos materiais, que são adquiridos pelos indivíduos enquanto membros de uma sociedade e o estudo da cultura envolve em parte, a comparação, classificação e análise científica desses diversos fenômenos”.

Para o autor, o conjunto de praxes obtidos pelos sujeitos são o resultado do meio cultural, no qual estão introduzidos e foram socializado, sendo a cultura, o produto de tudo isso junto. A cultura nesse seguimento é entendida como um agregado de conjunturas usual de ser, fazer, sentir. Costume, regra, forma de as pessoas se portarem na sua relação com o meio social, o qual estão insertos. Ou seja, é um jeito permanente ou frequente de comportar-se e ainda, uma ação ou uso repetido que leva a um conhecimento ou prática.

Fundamentado nisso, é possível dizer que o ser humano é um herdeiro de um difuso procedimento acumulativo, o qual reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas gerações que o antecederam. Para entender como esse processo de aquisição cultural é construído, é preciso estudá-lo, na sua individualidade, de acordo com o meio social, para só então fazer uma análise. Nesse seguimento, Linton (1981, p. 81), entende a cultura como sendo “uma herança social, em razão de ter sido estabelecida a partir da capacidade desenvolvida pelo ser humano de aprender pela experiência própria e, sobretudo aprender com o outro”.

Nessa ótica, cultura é aquilo que foi transmitido pelos pais, pelas gerações anteriores, pela tradição, etc. É um legado deixado pelos antepassados a seus herdeiros, o qual atravessa o tempo e por isso é um ato de herdar, de adquirir por sucessão. Morin (2002, p. 64), concorda com Linton ao dizer que “A cultura constitui a herança social do ser humano: as culturas alimentam as identidades individuais e sociais no que elas têm de mais específico. Por isso, as culturas podem mostrar-se incompreensíveis ao olhar das outras culturas, incognoscível umas para as outras”.

Similarmente, Machado (2002, p. 24) ressalta alguns seguimentos, os quais estão conexos a ideia de cultura, interessantes de serem apreciados, dentre os quais, destacam-se que a cultura determina o comportamento do homem e justifica suas realizações. [...] O ser humano age de acordo com os seus padrões culturais. [...] A cultura é um processo acumulativo, resultante de toda experiência histórica das

gerações antecessoras, aprendido a partir das experiências de várias gerações, e, consequentemente, ela é um fenômeno cumulativo.

As modificações trazidas por uma geração passam à geração seguinte e vão se transformando, perdendo e incorporando outros aspetos, procurando dessa maneira, melhorar a vivência das novas gerações. Assim, a cultura está sempre em desenvolvimento e com o passar do tempo ela é influenciada por novas formas de pensar, inerentes ao desenvolvimento do ser humano.

Já Kroeber, em seu entendimento, define a cultura como um estado privado, advindo por meio de circunstâncias de ordem natural, assim sendo,

> O nível [cultural] é marcado por uma certa organização distintiva de seus fenômenos característicos. É de supor que a emergência dos fenômenos da vida, a partir da anterior existência inorgânica, seja a segregação mais antiga e mais básica de uma ordem ou nível. Semelhante a emergência não quer dizer que os processos físicos e químicos sejam suprimidos, mas sim que novas organizações ocorrem no novo nível (KROEBER ,1993, p. 11).

Nessa concepção, quando ocorre a mudança de alguém de um lugar para outro, altera a característica das situações, mesmo mantendo uma relação de reciprocidade. Ininterruptamente são colocados numa certa ordem a expressão de tudo o que se observa na natureza. Os fenômenos tornando-se o mais esotérico chamado de social, supraorgânico, superindividual ou superorgânico inorgânico, orgânico e social, por meio dos quais resultam uma ampla e bilateral vinculação semelhante, em razão de que concretizam os mesmos objetivos através de subsidio mútuo.

A cultura é intuída como uma ferramenta de uma determinada pessoa em face de incentivos sociais, sentimentos e necessidades pessoais ou um acordo entre ambos, os quais são determinantes na atitude do ser humano. A forma de agir do ser é baseada em um modelo de elaboração do outro ou da natureza, adquirido e adaptado culturalmente no decorrer do tempo.

Em seguida, abordarei o conceito de cultura como um produto social da mente do ser humano, o qual produz significados determinando o modo de pensar e agir do indivíduo na sua relação com o ambiente que vive.

2.4.2 A cultura como produto social da mente humana

Na visão de Gellner (1992, p. 03) é possível definir “cultura aproximadamente como sistemas de conceitos ou ideias que guiam o pensamento e a conduta”. Quer dizer, é o meio cultural ao qual o ser humano está vinculado que vai definir sua forma de pensar e agir na sua relação com o mundo. Semelhantemente, Bruner (1997, p. 20) entende a cultura como uma construção social, a qual afeiçoa o intelecto do indivíduo. Nesse sentido, ele diz que a cultura é:

> [...] superorgânica, mas ela também molda a mente de indivíduos. Sua expressão individual é parte da produção de significado, a atribuição de significados a coisas em diferentes contextos em ocasiões particulares. [...]. É a cultura que fornece as ferramentas para organizarmos e entendermos nossos mundos de maneira que sejam comunicáveis. A característica distintiva da evolução humana é que a mente evoluiu de uma forma que permite que os seres humanos utilizem as ferramentas da cultura. (Grifos do autor).

Para esse autor, embora a cultura seja construída também pelas funções vitais que põem o ser vivo em ralação ou convivência com objetos exteriores, ela também é responsável por adaptar o comportamento cognitivo do ser humano. Sendo assim, incumbida de permitir a ele produzir significados que deles resultam, através do uso de sistemas simbólicos advindos da própria cultura por meio das circunstâncias. Ou seja, dá a mente a possibilidade de ser construtora e constituída pelos contextos sociais, sendo toda a mente, como mente social, criadora de significados uma vez que para Bruner (1997);

> Os sistemas simbólicos que os indivíduos usavam para construir significado eram sistemas que já estavam colocados, já estavam “presentes”, profundamente arraigados na cultura e na linguagem. Eles constituíam um tipo muito especial de kit de ferramentas comunitário cujos instrumentos, uma vez usados, tornavam o usuário um reflexo da comunidade. (BRUNER, 1997, p. 22)

De acordo com o autor, a mente é construída pela cultura humana. A mente nessa perspectiva não consegue existir sem a cultura em razão de a evolução da mente do hominídeo está ligada ao desenvolvimento de um arquétipo. Nesse ponto de vista, a cultura influencia a mente dos indivíduos dando a ela os significados que vem dos elementos culturais que estão insertos no ambiente social ao qual estes estão expostos.

A realidade e o modo de vida dos membros de uma comunidade cultural são representados, interpretados e organizados segundo o simbolismo compartilhado por esses integrantes. A expressão individual da cultura é inerente a criação de significados e apesar de os significados estarem na mente, eles têm suas origens e sua significância na cultura onde são criados e, este posicionamento é a base para que ocorram as trocas culturais. É a cultura que fornece à mente as ferramentas que dão significados para organizar e entender nossos mundos de modos comunicáveis.

Os significados são criados em função da cultura que foi transmitida pelo contexto social. Os processos cognitivos estão intimamente ligados ao fator cultural. Por exemplo: alguém quando está a falar com outro sujeito baixa os olhos, em certas culturas este ato pode ser explicado pela possibilidade de a pessoa ser tímida, já em outras pode ser entendido como uma forma de respeito pela pessoa com quem se fala. Com base nisso, pode se afirmar que determinados comportamentos apresentam distintos significados por terem sido constituídos em díspares contextos culturais.

Geertz(1978), que é possuidor de uma vasta influência na concepção de cultura como comunidade cultural adotada por Bruner, “define a cultura como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, sendo vista como um contexto que pode ser descritível com densidade”. Ele faz a seguinte explanação:

> O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. Todavia, essa afirmativa, uma doutrina numa cláusula, requer por si mesma uma explicação (GEERTZ, 1978, p.15).

Geertz concebe a cultura como uma "teia de significados" que o homem tece ao seu redor e que o amarra, busca-se apreender os seus significados (sua densidade simbólica). A aproximação no que se refere a concepção de cultura em Geertz e Bruner se dá porque ambos a tomam como um sistema de significados a serem interpretados e negociados entre os indivíduos, os quais são instituídos na comunidade cultural (BRUNER, 1997). Bruner não só compartilha dessa mesma concepção, como tem Geertz em suas referências. Por exemplo, ao tomar a linguagem como o principal signo cultural, o autor faz recorrência ao antropólogo.

Bruner (1998, p.70) explica essa compreensão interpretativa da cultura, isto é, que na antropologia a cultura é descrita como um processo de apreensão interpretativa, pelos indivíduos por modelos simbólicos. Bruner (1997), ao analisar os modos de pensamento – paradigmático e narrativo – o primeiro, de cunho explicativo e o segundo interpretativo, esclarece sua concepção de que para se conhecer a realidade o modelo narrativo seria o mais adequado. Desta forma, a ação humana é mediada pelo significado, que está sob o domínio da interpretação, ou seja, nessa lógica o signo é algo interpretado pelo indivíduo, inerente a sua subjetividade, deixando em segundo plano as características objetivas e concretas postas na realidade humana.

Como é possível observar, por meios dos conceitos aqui evidenciados, nesse prisma a cultura humana em cada país ou comunidade é própria por causa das influencias de diversos fatores, os quais a tornam distinta em lugares diferentes. Para as dessemelhantes culturas que existem no mundo, os processos cognitivos permitem estabelecer distintos significados para ações iguais. O que em nossa cultura tem um significado nas outras pode ter outro.

Vejamos um exemplo: na nossa cultura comer com as mãos é algo pouco comum e que não faz parte do dia a dia dos portugueses, também, mas, para muitas culturas asiáticas comer com a mão é normal e faz parte do seu cotidiano. Observa-se então que cada cultura tem suas peculiaridades que as distinguem.

Entre as várias características culturais, a principal delas é o mecanismo de adaptação. Nele consiste em a propensão que os seres humanos têm de responderem ao meio que se inserem, de acordo com a mudança de hábitos, mais até que possivelmente uma evolução biológica.

Posto isto, apresentei aqui a fundamentação teórica que embasa esta pesquisa, de temática narratológica. Nesse segmento, assumi a definição de alguns conceitos de identidade e seu processo de construção no contexto pós-moderno, baseando-me em autores como Dubar (2005), Bauman (2005) e Hall (2014).

Em seguida, discorri sobre a memória, principalmente a partir da perspectiva de Halbwachs (2006), também mostrei algumas noções do que é a tradição oral, sob a ótica sobretudo, de Vansina (1982) e Ferreira Neto (2008). Por fim, abordei algumas concepções de cultura com base na visão antropológica, especialmente sob o entedimento de teóricos como: Geertz (1978), Linton (1981) e Laraia (2001) além de

mostrá-la como sendo produtora de significado para a mente humana, de acordo com a ideia de Bruner (1997).

Na próxima seção, apresento na língua portuguesa mais próxima do padrão possível, as narrativas orais dos três informantes idosos rondonienses, as quais compõem o corpus desta pesquisa.

3. COLETA DE DADOS E APRESENTAÇÃO DO *CORPUS*

Aqui, exibo os procedimentos para coleta de dados que deram origem ao *corpus* que compõe este estudo, organizado a partir das narrativas tecidas pelos Informantes desse trabalho.

3.1 Coleta de dados

Para a coleta de dados, selecionei três informantes idosos, filhos de seringueiros e nascidos em um seringal, membros de uma mesma família, os quais vivem atualmente em uma comunidade chamada São Carlos do Jamari, localizada na área rural, a cerca de 120 quilômetros da capital Porto Velho, na margem do rio Madeira. Esses colaboradores, foram selecionados a partir de um primeiro contato direto com eles, durante uma viagem que realizei para um sítio de um membro da minha família, o qual fica nessa comunidade.

Justifico essa escolha, pelo desejo conhecer as narrativas orais familiares de idosos que viveram em seringais rondonienses, na região da capital, apresentadas como representação da identidade e memória. Considerando que sua valorização é essencial para o entendimento desses elementos já citados, em uma cultura de um determinado grupo.

Vi também uma necessidade de buscar nas identidades, nas memórias individuais e/ou coletivas e nas culturas individuais e/ou coletivas desses homens o sentido que os fazem pertencer a cultura em questão. Essa análise foi referendada por pessoas, tendo como critério de escolha entre eles, a adesão, interesse, concordância de participação na pesquisa e enquadramento nos anseios da pesquisadora.

Os dados não são probabilísticos, o que, apesar da impossibilidade de generalização dos resultados, tem validade dentro de um contexto específico. Esses

dados são concomitantemente intencionais, uma vez que a pesquisadora está interessada nas informações de determinados 03 membros de uma população, importante para o estudo.

A partir de uma sondagem, fui até a casa dos informantes previamente contatados e, com eles mantive longa conversa antes de explicar o meu objetivo de trabalho. Usei dessa estratégia para deixá-los bem à vontade e para motivá-los a relatar espontaneamente as memórias de vida de membros da família, repassadas para eles, por meio da tradição oral, a partir do momento em que eu lhes apresentasse um ou mais questionamentos, ou seja, a (s) pergunta (s) disparadora (s).

Paralelo à essa conversa inicial, apresentei, em duas vias, o "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido" (TCLE), para ser assinado por cada um dos sujeitos da pesquisa, ficando uma dessas vias para o informante e a outra inserida nos anexos desta dissertação. Lhes garanti que seus nomes não seriam identificados, teriam, portanto, um tratamento “estritamente confidencial” (GIL, 2008, p. 116).

Assim, as narrativas foram identificadas pelas letras maiúscula I (de Informante) seguidas de números, a saber: I-1, I-2 e I-3. Após abordagem inicial e tê-los deixado à vontade, fiz os questionamentos que julguei necessário para obtenção dos referentes a identidade e cultura. A partir disso, eles começaram a narrar suas memórias. As narrativas foram gravadas em dois momentos durante o contato que tive com eles e dessas narrativas é composto o *corpus* desta pesquisa.

3.2 Corpus

A fim de possibilitar as investigações relacionadas à identidade, memória, cultura e verificar possíveis traços peculiares do local de origem dos seus narradores, gravei um conjunto de dez narrativas das quais selecionei três delas, uma de cada informante com base na idade e fluência no falar, para serem utilizadas como *corpus* da análise desta pesquisa, por compreender que foram, com base no aporte teórico empregue, aquelas nas quais os Informantes se mostraram mais eficientes e as que englobavam vários eventos mnemônicos significativos para um melhor entendimento do processo de formação indenitária e cultural do povo de Rondônia, especificamente da região de Porto Velho.

Subsequentemente, fiz a transcrição, sem cortes, dessas narrativas, primeiramente procurando manter a espontaneidade linguística dos narradores, conforme mostro na integra a seguir.

Quadro 2 – Narrativa do informante 1

1	Pois bem... Meu pai era um nordestino retado[10] que foi contratado aos 27
2	anos para vir trabalhar nos seringais em Rondônia, no antigo território, no
3	segundo período da borracha. Ele, assim como a maioria que veio para esse
4	lugar, estava lá para cortar seringa, com a promessa de que ganharia muito
5	dinheiro. Além de trabalhar no seringal, com o passar do tempo, as pessoas
6	dali, buscavam meios para sobreviverem, inclusive sempre plantaram roça[11].
7	Era um dos meios de vida dali e assim como os outros moradores, meu pai
8	tinha um roçado na capoeira[12]. Aí ele gostava de ir para lá capinar todas as
9	tardes, antes de ir cortar as seringueiras para colher o látex. Em uma dessas
10	tardes, lembro de ele contar para nós que enquanto capinava, tinha uns
11	macacos pulando no galho das árvores. Aí os gritos dos macacos perturbaram
12	tanto ele que ele tomou a decisão de pegar a espingarda que ele sempre
13	levava com ele e dar um tiro nos macaquinhos. Aí ele apontou a arma para
14	lá e deu um tiro nos bichinhos. Acho que eles morreram. Aí ele disse que falou:
15	pega bando de porra[13], vão perturbar o cão lá no inferno. Nem foi ver, deixou
16	o bicho morto para lá e continuou a capinar até quando o sol já estava sumindo
17	na mata. Aí ele saiu do roçado, como fazia sempre e vinha andando bem
18	devagarinho. De repente ouviu um barulho esquisito, bem diferente dos
19	barulhos dos bichos da floresta que ele conhecia e estava acostumado a ouvir.
20	O barulho foi tão esquisito que ele ficou com os pelos que tinha no corpo todos
21	de pé. Ficou todo arrepiado. Paralisado. Aí na direção de quem vinha para
22	casa, apareceu um ser bem no meio do caminho que ele tinha que passar,
23	olhando para ele. Pensou! E agora? Como vou passar? Aí ele percebeu que
24	não era um ser pelo menos parecido com os que ele conhecia. O medo foi tão
25	grande que ele caprichou na carreira. Correu, correu e correu que já estava

[10] Pessoa com atributos positivos: bom, inteligente, etc.
[11] Terreno de lavoura, grande ou pequeno com plantação de mandioca.
[12] Área de mato cuja vegetação foi roçada e/ou queimada para cultivo ou outros fins, e que se está renovando
[13] Algo muito ruim; porcaria.

26	com a língua para fora de cansaço. Mas mesmo assim, ele disse que viu a
27	coisa muito bem. E não é que ele disse que o negócio parecia com um
28	indiozinho. Porque vocês sabem né que a (...) se transforma no ser que ela
29	quiser. Ele tinha umas penas.... Nos tempos antigos os índios usavam essas
30	penas né gente? Quando percebeu se tratar de um indígena aí foi que ele
31	correu mesmo. Perdeu até a direção do caminho de casa e não sabia mais
32	para onde e como ir. Aqui onde a gente vive era cheio de oca de índios. Aí
33	não tinha a menor dúvida. O rapazinho que enxergou era um índio e não
34	conhecia ele, se fosse conhecido tinha falado com ele porque eles quando
35	conheciam as pessoas, falavam normalmente, assim como os brancos. Eles
36	falavam nossa língua já. O engraçado é que mesmo ele correndo, o ser veio
37	atrás dele. E numa velocidade Assustadora! Mas, ele na cabeça dele pensou:
38	um índio não corre dessa maneira. Deve ser outra coisa transformada em um
39	índio. Parou, olhou para ele e ele correu de novo. Sei que correu tanto que só
40	parou de correr quando chegou em casa. Aí chegou em casa e contou o
41	acontecido para minha irmã mais velha, que estava lá. Mas ninguém ia ver,
42	minha irmã tremeu de medo só de ele falar. Aí mais tarde minha mãe chegou,
43	aí ele contou o ocorrido. Minha mãe não acreditou e chamou ele para irem ver
44	o negócio. Foram olhar para ver de novo, não tinha era mais nada. Aí não se
45	tinha mais dúvida de que era o (...) que tinha botado ele para correr porque ele
46	matou os macaquinhos de malvadez. Mais tarde, quase já de noite, eles
47	ouviram ela batendo pau na mata de trás de nossas casas. Ela bate a
48	sapopema[14]. Aqui mesmo lembro que existia uma mata conhecida como
49	água boa das “Duas Bocas”. Lá até hoje existe um lugar bonito, com água
50	limpinha. Aí meu pai e o povo daqui faziam roçado lá.... Ficava mais fácil de
51	trazer a mandioca. Lá ele ouviu várias vezes o (...) batendo a sapopema.
52	Existiam muitas sapopemas lá. Aí o horário que mais ouviam as batidas eram
53	meio dia e seis horas da tarde. Batia taaan...taaan...taaan... Era ele, alertando
54	que estava por ali. Agora eles não sabiam como é que ela cacetava lá. A
55	entidade tinha uma ideia lá de cacetar, não é? E eles escutavam. A sapopema

[14] Árvore (*Aspidosperma excelsum*) da fam. das apocináceas, nativa das Guianas e Amazônia, de flores em glomérulos; bucutá, peroba-rosa [A base do caule emite numerosos prolongamentos tabulares, formando grandes cavidades; a madeira é de qualidade.

56	é uma árvore que dá um barulho longe, não é? O barulho dá para ouvir longe,
57	mas bem longe mesmo, quilômetros de distância. E assim ela batia. Aí o
58	pessoal daqui, quando iam caçar, eles iam de dois... três.... Levavam
59	cachorros para o mato para caçar, porque só um ficava perdido no mato e
60	nunca mais varava. Esse bicho, o (...), ele protege a floresta de caçadores
61	malvados, ainda mais aqueles que matam caça para vender ou mais do que
62	precisam para a alimentação. O (...) dá sumiço em quem malina dos animais
63	da floresta, a pessoa se perde na floresta. Aí ele tem o poder de fazer o
64	caçador nunca mais encontrar o caminho de casa e isso para quem não sabia
65	e viu pela primeira vez, como essa que papai viu, era assustador. Mas com o
66	tempo ia acostumando, mesmo assim, eles sempre andavam em mais de um,
67	apesar de já estarem acostumados com o (...) para o caso de isso nunca
68	acontece porque o (...) existe, sim. Meu pai disse que viu e correu com medo
69	dele.

Fonte: a autora

Quadro 3 – Narrativa do informante 2

1	Essa história papai contava que aconteceu mesmo, no seringal que ele veio
2	trabalhar, cortando seringa para tentar ganhar dinheiro e sustentar a nossa
3	família. Existiam vários indígenas por lá. Aí os moradores, naquela época
4	principalmente, os donos de seringais, tinham raiva dos índios porque parece
5	que eles roubavam e se tivesse oportunidade flechavam as pessoas, ainda
6	mais quando estavam sozinhas. Também porque os donos dos seringais eram
7	ruins mesmo, tanto que papai disse que os próprios seringueiros percebiam
8	isso, quando, com o tempo viam o salário miserável que recebiam, se é que
9	se podia chamar aquilo de salário. Era mais uma troca por produtos de
10	sobrevivência. Aí com raiva, um dos donos de um seringal próximo, elaborou
11	um plano para incendiar as aldeias e matar os índios. Ele pegou um de seus
12	capangas para fazer amizade com os índios, que além de seringueiro, era
13	caçador e pescador e sabia atirar muito bem e flechar. Porque todos os
14	seringueiros, incluindo meu papai, aprendiam caçar e pescar, não é? Aí papai
15	contava que não sabe como ele conseguiu ficar amigo deles. Foi na aldeia,
16	conheceu como era a vida deles e o dia que faziam festa e ficavam bêbados.

17	O dia da festa era uma ótima oportunidade para destruir as armas deles e fazer
18	o massacre. Aí depois que ele descobriu o que queria, voltou e montou o plano
19	para o ataque. Com ele levou os outros capangas funcionários do seringal.
20	Mas os índios sabiam se proteger também. Eles para se protegerem dos
21	brancos, faziam buracos cobertos com mato e palha, com espinhos enormes
22	dentro, era bem diferente a maneira de eles se protegerem, pelo menos o meu
23	pai ele disse que tinha visto antes essas técnicas de guerra. Aí quem passasse
24	por lá caía dentro e ficava ferido nos espinhos. Um dos caras que foi, papai
28	até conhecia, caiu dentro do buraco e se furou todo com os espinhos. Os
29	parceiros dele queriam matar ele, mas a turma da deixa disso não deixou
30	matarem ele. Aí uns trouxeram o ferido de volta e os outros continuaram rumo
31	as aldeias para atacarem os índios, durante a festa que eles faziam. Eles
32	sabiam que os índios iriam ficar todos bêbados porque era o que mais eles
33	sabiam fazer. Aí eles se aproximaram e ouviram o barulho, estavam todos
34	animados ainda bebendo cachaça na festa. Aí eles aproveitaram a diversão
35	dos índios, foram bem devagarinho em um lugar onde tinha um depósito de
36	armas. Cortaram as cordas de todos os arcos. Com as cordas dos arcos
37	cortadas eles não iriam poder fazer nadai eles fizeram sinal uns para os outros
38	de vamos atacar. Ficou um em cada caminho porque dizem que lá onde eles
39	moram tem mais caminho do que outra coisa. Esses caminhos são para eles
40	poderem fugir depressa. O líder da turma gritou: atacar! Aí nesse momento os
41	índios perceberam que estavam sendo atacados, correram nas suas armas,
42	mas, estavam todas destruídas e como eles não tinham como se defender,
43	quando chegavam nos caminhos tomavam tiros. Os caras metiam bala
44	mesmo, sem piedade e eles iam caindo mortos. Aí depois de terem matado
45	todos os índios, um dos rapazes ouviu um barulho de alguém correndo. Aí ele
46	foi ver e viu que era uma velhinha correndo, aí ele falou: ainda tem você nem
47	velinha, se prepare para morrer. Aí ela caiu, se ajoelhou, ficou de mãos postas
48	implorando pelo amor de Deus para que ele não matasse ela. Aí ele falou que
49	agora ela lembrava de Deus, mas que eles eram ruins, isso eram. A senhora
50	vai morrer também só porque é ruim, não é? Aí ele deu um tiro à queima roupa
51	nela, que ficou só o rombo nas costas dela. Sei que era tanto sangue que o
52	Igarapé ficou vermelho. Aí depois de incendiarem as aldeias e matarem os

53	índios, eles retornaram se divertindo do acontecido. Pegaram até a pinga[15]
54	dos índios para beberem. O que eles não sabiam era que o (...) muito visto e
55	ouvido por aqui, protege a floresta e os índios também. Ele protege os índios
56	porque eles cuidam da floresta também, não é? Aí de repente eles começaram
57	a sentir tapas e cipoadas pelas costas. Rapaz era porrada que chega zínia,
58	paa, paa, paa e zaap, zaap, zaap. E mais.... Eles não conseguiam tocar no
59	negócio. Um deles focou com a lanterna e o que viu foi um menininho rindo
60	para ele. Aí só sei que apanharam tanto que chegaram na fazenda quase
61	mortos e todos com as calças sujas de urina. E agora, que ficaram com tanto
62	medo que nunca mais entraram na mata. Não valiam para nada mais. Foram
63	demitidos pelo patrão porque não davam mais lucro.

Fonte: a autora

Quadro 4 – Narrativa do informante 3

1	Me lembrei que o papai contou para nós a história do homem que morava num
2	barraco[16]. Esse barraco ficava bem longe do seringal onde ele foi contratado
3	para trabalhar. Essas pessoas como esse cara que morava quilômetros de
4	distância, era aquelas que fugiam da miséria do seringal, atrás de outras
5	formas de vida. Então, tinha a barraca dele, não é? Aí ele era caçador**,** ia caçar
6	todos os dias e matava as caças dele. Matava porco, matava paca e todos os
7	tipos de caça. Matava as vezes além do que devia. Aí ele fumava cachimbo e
8	dormia só. Ele deixava o cachimbo com o tabaco[17] debaixo do mosqueteiro[18].
9	Aí quando as vezes ele levantava de noite, ele notava que o tabaco tinha
10	sumido. Esse mosqueteiro devia ser era cheiroso hein? Também, fumava
11	cachimbo. Aí ele pegava o cachimbo e estava sequinho. Aí depois que ele
12	desconfiou, tinha vezes que ele pegava o cachimbo estava morno ainda,
13	parecia que tinham acabado de fumar naquele instante. Aí ele disse: o que é

[15] Cachaça. Porção de bebida que se engole de cada vez; gole, trago.
[16] Casa mal construída ou malconservada
[17] Erva anual de até 2 m (*Nicotiana tabacum*), da mesma fam., com folhas viscosas, ger. ovadolanceoladas, de até 60 cm, flores róseas ou vermelhas, com tubo branco, em racemos dispostos em ampla panícula terminal, e cápsulas elípticas ou ovoides; fumo [Nativa das Américas, é a mais cultivada para a produção de cigarros, charutos, rapé etc., com inúmeros cultivares, e tb. como pesticida e vermicida.]
[18] Tela ou rede de fino traçado , usado como cortinado em torno do leito, esp. de crianças, a fim de resguardar aqueles que dormem do ataque dos mosquitos

14	isso? Tem um negócio errado aqui e agora ele vai ver o que é. Aí nesse mesmo
15	dia, era mais ou menos umas oito horas, ele olhou no relógio e decidiu deitar-
16	se. Mas antes de deitar, ele pegou o tal cachimbo e encheu de tabaco e botou
17	no mesmo cantinho de sempre. Aí ele ficou lá deitado fazendo que estava
18	dormindo. Quando foi umas horas que ele olhou! Apareceu um pinto pelado,
19	um frangão pelado, mas era um monstro! Lá vem, chega vinha devagar, aí
20	quando chegou perto do mosquiteiro, ele levantou a beira pegou o cachimbo,
21	foi no fogão, abanou, abanou e quando a brasa subiu, ele botou fogo e
22	começou a soltar fumaça. Fumava, fumava que chega fazia: póoo, póoo, póoo,
23	chega saia o monte de fumaça que a fumaça ia lá bem. Quando o bicho
24	terminou de fumar deixou no mesmo lugar e foi embora. Aí o velho disse que
25	sabia que ali tinha um mistério. Mas esse bicho vai me pagar. Aí em vez de
26	ele deixar para lá, quando foi no outro dia ele já ficou com o pensamento de
27	que naquele dia ele acabaria com o bicho. Aí colega, ele fumou, fumou, fumou
28	e na hora de deitar ele pegou pólvora e arrochou no cachimbo, e fez a bem
29	grande. Aí ele acochou, acochou mesmo. Acabou, fez a cabeça de tabaco
30	bem maceta. Arrumou e ficou lá. Quando ele olhou! Lá vem o frangão todo
31	pelado do mesmo caminho, de novo. O bicho vinha devagar olhando, aí que
32	ele roncava bonito para dizer que estava dormindo pesado. O frango foi lá
33	pegou o cachimbo bem devagarinho. Aí ele disse vamos ver no que vai dá. O
34	bicho foi lá e abanava a brasa e, quando o fogo subiu ele acendeu o cachimbo
35	que quando ele botou na boca e puxou, o velho ouviu foi o estampido, Piiiiiiii,
36	que o frango velho se acabou, se arrebentou com tudo. Foi um tiro horrível! Aí
37	o velho achando que estava livre, deitou, não se preocupou e dormiu. Aí
38	quando foi num dia, ele estava bem dormindo, de boa, quando se espantou foi
39	o braseiro encima dele. Tinham tocado fogo no mosqueteiro do velho. Aí o
40	velho ficou pedindo socorro e apagando o fogo, para lá e para cá. Quando ele
41	ouviu a risada de um menino: kkkkkk, mangando[19] dele. E não era (...) que se
42	transformava em pinto para vim fumar o tabaco do velho. Aí só sei que ele
43	malinou[20] do velho de tal maneira que ele dependia dos vizinhos para comer.
44	Ele ficou que não prestava para nada. Ia caçar e não conseguia matar mais

[19] Expondo (alguém) ao ridículo, ao desdém, por meio de atitudes ou palavras maliciosasou irônicas; debochar, mofar, troçar.
[20] Faz maldades, travessuras, etc.

45 46 47 48 49	nada. Isso quando ele não se perdia pela floresta e só voltava quando iam atrás dele e o encontravam jogado todo amarado de cipó no galho das árvores e todo liso de gosma. O velho morreu panema[21]. Mas no lugar que eles viviam era assim mesmo, meu pai dizia que ou a gente se acostumava com os desafios estranhos da floresta ou pagava o preço por isso.

Fonte: a autora

Apresentadas as narrativas que compõem o corpus desta pesquisa, na seção a seguir realizei a análise destas, no âmbito da teoria aqui apresentada ao longo da seção 2.

4. COTEJAMENTO DAS NARRATIVAS

Esta seção constitui-se de quatro partes: nela faço primeiramente a apresentação dos Informantes e em seguida a análise dos dados informados por eles, com base no aporte teórico apresentado na seção 2, que inclui, por ordem sequencial, os aspectos identitários, mnemônicos (individuais e coletivos) e culturais.

4.1 Apresentação dos informantes

A pesquisa em questão tornou-se possível por meio da participação efetiva de três Informantes idosos, de uma mesma família, os quais contribuíram com suas narrativas da tradição oral, as quais constituem o *corpus* de análise deste estudo. Eles, nominados nesta pesquisa como I-1, I-2 e I-3, tem entre 60 e 80 anos e idade, são todos casados, possuem filhos e netos, nasceram em um seringal na região da atual cidade de Porto Velho e residem hoje em uma comunidade a margem do rio Madeira como já citado, na região rural do mesmo município. Vivem da agricultura e pesca, embora sejam aposentados. Seus pais migraram para Rondônia ainda jovens, durante o segundo período da borracha, ambos vindos do nordeste brasileiro. Hoje, são falecidos.

Como será visto nas narrativas produzidas pelos informantes, eles esboçaram memórias as quais ouviram principalmente de seu pai, de quando ele viveu em um

[21] Caçador e/ou pescador infeliz; que ou o que não é afortunado; azarado,que ou o que é vítima de bruxaria.

seringal, em Rondônia, transmitidas por meio da tradição, o qual em busca de uma vida melhor deixou seu lugar de origem. Elas esboçam aspectos identitários e culturais do mesmo, como será possível constatar adiante.

4.2 Aspectos identitários

A identidade não é inata e pode ser compreendida como uma forma, social e histórica de individualidade. O meio social fornece as circunstâncias necessárias para os mais distintos modos e alternativas de identidade. O termo identidade pode, então, ser utilizado para expressar, de certa forma, uma singularidade constituída por meio da relação entre os seres humanos.

Em síntese, a identidade é uma fonte de significados pessoais e coletivos. Neles, o ser humano se encontra em um constante processo de transformação, o qual é decorrente da visão que o sujeito possui de si próprio e de múltiplos elementos externos, constituindo-se como ser histórico e social, possuidor de percepções em relação ao mundo, elaboradas por meio do modo de viver e de se relacionar.

Assim, conforme já exposto em 2.1.1, diversos têm sido os estudos, os quais abordam a questão da identidade, principalmente, no que diz respeito ao seu processo de construção e reconstrução em meio a sociedade. Nesse seguimento, pensar na identidade é considerar também na ideia de pessoa. A identidade no mundo moderno parece ser uma busca constante e universal por um sentido de pessoa. Quem sou? O que sou? São questões expostas o tempo todo na vida cotidiana dos seres humanos.

Com base nisso, para subsidiar a análise de dados quanto a esse aspecto, elegi principalmente autores como Hall (2014), que contempla questões da identidade cultural do sujeito, desde a modernidade até a pós modernidade; Bauman (2005), o qual aborda a questão da modernidade líquida, ou seja, o sujeito é responsável por moldar a sociedade a sua mente e Ciampa (1987), que entende a identidade com metamorfose, isto é, está em constante transformação.

Por isso, de acordo com o que já foi evidenciado anteriormente, os colaboradores deste estudo são filhos de migrantes nordestinos que vieram para a Amazônia, especificamente para a região de Porto Velho, capital de Rondônia. Ao chegarem na região amazônica, eles tanto receberam quanto compartilharam distintas

experiências, tornando sua identidade como diz Hall (2014, Subseção 2.1.1.1) uma “celebração móvel”, ou seja, a identidade se tornou aberta e passível de mudanças.

Esse movimento de construção e reconstrução da identidade é denominada por esse autor (2014, Subseção 2.1.1.1) de “tradução”, um conceito que, segundo ele, explica as formações identitárias que atravessaram e intersectaram as fronteiras naturais, como ocorreu com o pai dos informantes das narrativas aqui analisadas.

Ele saiu de seu lugar de origem, de determinada região do nordeste brasileiro e ao chegar na Amazônia rondoniense, teve que negociar e adequar suas maneiras de ver o mundo às novas culturas que encontrou no estado que passou a viver, “sem simplesmente ser assimilada por ele e sem perder completamente sua identidade” (HALL, 2014, Subseção 2.3)

Nas narrativas dos Informantes, por exemplo, no início de seus relatos, conforme mostro nos fragmentos a seguir, o I-1, iniciou sua narrativa falando que o pai veio para a Amazônia trabalhar no corte de seringa assim como todos os outros, conhecidos como “soldados da borracha”, com o propósito de melhorar a vida financeira. Ele identificou o pai como alguém que saiu de um lugar e se instalou em outro não era seringueiro, mas veio para isso, aprendeu as técnicas de cortar seringa e se tornou um seringueiro, o que, por conseguinte se torna sua profissão. Isso marca o início da construção de uma nova identidade. Conforme diz Hall (2014, Subseção 2.1.1.1), esse sujeito passa a assumir novas identidades em momentos diferentes.

> Ele, assim como a maioria que veio para esse lugar, estava lá para cortar seringa, com a promessa de que ganharia muito dinheiro. (Subseção 3.2, quadro 2, linhas 1,2 e 4)

O I-2, ao identificar o pai, também falou que este veio para um seringal, com a expectativa de ganhar muito dinheiro, para poder proporcionar um futuro melhor para a sua família. Ele não era seringueiro, mas, se tornou um deles.

> Essa história papai contava que aconteceu mesmo, no seringal que ele veio trabalhar, cortando seringa para tentar ganhar dinheiro e sustentar a nossa família**.** (Subseção 3.2, quadro 3, linhas 1 e 2)

Na narrativa do I-3, também há o relato de que o pai depois que migrou do local de origem, passou a viver no seringal, seu novo local de trabalho.

> Esse barraco ficava bem longe do seringal onde ele foi contratado para trabalhar. (Subseção 3.2, quadro 4, linha 2)

Conforme se observa nos fragmentos das narrativas de cada informante, ao tornar-se seringueiro, ele (pai), adquire experiência, a prática de viver no seringal cortando seringa, no convívio com os outro (s), ou seja, acontece uma troca de saberes entre indivíduos diferentes. Essa capacidade do sujeito de receber experiências, torna a sua identidade uma representação passível de mudanças, o que vai ao encontro do que diz, Ciampa (1987, subseção 2.1.1), ao falar da identidade como sendo uma metamorfose, ou seja, está em constante transformação, não é estável, sendo o resultado temporário da interação entre a história da pessoa, seu contexto histórico, social e seus projetos.

Percebe-se que uma nova identidade desse sujeito é construída novamente, a partir de uma relação com o outro. O agora “homem do seringal”, alcança uma nova identidade quando se torna capaz de cortar a sua própria estrada de seringa, ou seja, sua existência está intimamente condicionada ao fato de poder segmentar seringa.

Além da aquisição da identidade de seringueiro, ao longo dos relatos desses informantes, é perceptível o quanto a identificação do pai deles vai sofrendo ainda mais transformações, quer dizer, ele foi agregando outras identidades, a de agricultor, por exemplo.

Elas vão sendo construídas e reconstruídas continuamente, são “uma experimentação infindável” (BAUMAN, 2005, subseção 2.1.1.1). Isso pode ser observado nos seguintes trechos das narrativas, quando eles contaram que, ao longo do tempo morando no seringal, o pai passou a desenvolver outros meios de sobrevivência, os quais estavam diretamente realcionados a identidade do povo local.

O I-1, relata que conforme o tempo passava e as circunstâncias impostas pelo ambiente mudavam, o pai passou a desenvolver outras atividades. O homem que se tornou seringueiro, também se torna agricultor, como algumas pessoas da região. Ele passa a plantar roça para colher mandioca e utiliza isso como mais uma alternativa de sobrevivência, associada ao corte de seringa.

> Além de trabalhar no seringal, com o passar do tempo, as pessoas dali, buscavam meios para sobreviverem, inclusive sempre plantaram roça. Era um dos meios de vida dali e assim como os outros moradores, meu pai tinha um roçado na capoeira. Aí ele gostava de ir para lá capinar todas as tardes, antes de ir cortar as seringueiras para colher o látex.... Aí o pessoal daqui, quando ia caçar, eles iam de dois... três.... Levavam cachorros para o mato

> para caçar, porque só um ficava perdido no mato e nunca mais varava. (Subseção 3.2, quadro 2, linhas de 5 a 12)

Na narrativa do I-2, ao falar de um seringueiro, funcionário de um dos seringais, que assim como o pai dele, também era seringueiro, ele deixa transparecer a aquisição de novas identidades, as quais vão mudando com o tempo.

> Ele pegou um de seus trabalhadores para fazer amizade com os índios, que além de seringueiro, era caçador e pescador e sabia atirar muito bem e flechar. Porque todos os seringueiros, incluindo meu pai, aprendiam caçar e pescar, não é? (Subseção 3.2, quadro 3, linhas 5,6,7 e 8)

O I-3, relatou como eram desenvolvidas essas novas características identitárias daqueles que vieram para trabalhar nos seringais, que, em razão das dificuldades passaram a viver de outras maneiras: pescando e caçando. Nesse trecho, o narrador, deixa transparecer essa capacidade do ser humano de continuamente “construir” e “reconstruir” sua identidade para a partir disso, adequar-se aos diversos contextos em que está inserido ou vai se introduzindo.

> Aí ele era caçador, ia caçar todos os dias e matava as caças dele. Matava porco, matava paca e todos os tipos de caça. Matava as vezes além do que devia. Aí ele fumava cachimbo e dormia só. Ele deixava o cachimbo com o tabaco debaixo do mosqueteiro. Aí quando as vezes ele levantava de noite, ele notava que o tabaco tinha sumido. Esse mosqueteiro devia ser era cheiroso hein? Também, fumava cachimbo. Aí ele pegava o cachimbo e estava sequinho. (Subseção 3.2, quadro 4, linhas de 3 a 9)

À medida que os Informantes vão narrando as memórias das experiências de vida do pai, revelam suas diversas faces, isto é, as identidades que ele foi assumindo ao longo de sua vida. A princípio ele torna-se seringueiro, depois agricultor, caçador e pescador.

Desse modo, o sujeito assume identidades diferentes em distintos momentos primeiro torna-se seringueiro, depois agricultor e caçador. Essas identidades, não são unificadas ao redor de um “eu” coerente (HALL,2014), evidenciando como dentro de um lugar há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que essas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se o ser sentir que tem uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construiu uma cômoda estória sobre si mesmo ou uma confortadora “narrativa do eu” assim como mostra Hall (2014).

4.3 Aspectos mnemônicos (individuais e coletivos)

O processo de globalização instiga o homem a compreender seu passado. Assim, vai se alargando ainda mais o interesse pelo estudo da memória. A memória vincula-se à presença do passado. Precisa ser constantemente alimentada e transmitida, para que se mantenha, para que não se perca nas descontinuidades da contemporaneidade. Fazer uma simples referência ao passado é um ato que mantém preservada a memória.

A memória, para sobreviver, precisa de ritos e ordenações, ao contrário do esquecimento que ocorre de uma forma natural e espontânea. Para Bosi (1994), a lembrança é a sobrevivência do passado [...]. Guardada na memória e essa lembrança vem à tona como forma de reafirmar a identidade da comunidade, de manter ainda viva as suas tradições, o seu modo particular de vida por meio das manifestações culturais.

Nesse sentido, como já observado em 2.2.2, entende-se que a memória humana é o único recurso das culturas orais para armazenamento e transmissão do conhecimento às futuras gerações. Halbwachs (2006, Subseção 2.2.1.1), ao fazer referência a memória individual, assegura que para “evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transportar a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. ” Partindo desses pressupostos, ao fazer uma análise dos aspectos mnemônicos nas narrativas dos três Informantes, constatei que em suas narrativas, eles recorrem as lembranças do pai.

O I-1, o I-2 e o I-3, fizeram recorrências a momentos em que o pai contou para eles e outras pessoas, lembranças sobre determinados acontecimentos de quando ele era seringueiro e a partir disso, eles se situaram em uma certa época de suas vidas. Conforme se averigua nos seguintes fragmentos:

> Em uma dessas tardes, lembro de ele contar para nós que enquanto capinava, tinha uns macacos pulando no galho das árvores. Mas mesmo assim, ele disse que viu a coisa muito bem. (Subseção 3.2, quadro 2, linhas 9, 22 e 23)
>
> Essa história papai contava que aconteceu mesmo.... Aí papai contava que não sabe como ele conseguiu ficar amigo deles. (Subseção 3.2, quadro 3, linhas 1 e 13)
>
> Me lembrei que o papai contou para nós a história do cara que morava num barraco.... Aí ele disse: o que é isso? (Subseção 3.2, quadro 4, linhas 1 e 11)

Verifica-se claramente que todos eles, construíram e descreveram, respectivamente, a realidade que o outro viu e sentiu ao fazerem recorrência a memória do pai, ao evocarem suas lembranças recuperadas de suas memórias individuais, sobre as dificuldades que este passou para se instalar em um ambiente distinto do seu lugar de origem, estabelecendo um ponto de referência. Segundo Halbwachs (2006, Subseção 2.2.1.2, p.13), o indivíduo que lembra está inserido na sociedade, a qual sempre possui um ou mais grupo de referência, a memória é então sempre construída em grupo, sendo que "cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva"

Mas como se estabelece esse ponto de referência? Segundo o autor, o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserto e habitado por grupos de referência; a memória é sempre construída por meio da convivência do sujeito com um determinado grupo ou grupos ao qual era pertencente, mas é também, sempre, um trabalho do sujeito.

No caso dos colaboradores dessa pesquisa, é possível observar que eles construíram essas memórias narradas, a partir da convivência com o pai e este por meio da convivência com seringueiros, agricultores e pescadores. Nos trechos destacados a seguir das narrativas, os I-1, I-2 e I-3, mostraram situações que deixaram evidente essa convivência.

> Aí meu pai e o povo daqui faziam roçado lá.... Ficava mais fácil de trazer a mandioca. Lá ele ouviu várias vezes o (...) batendo a sapopemba. Existiam muitas sapopembas lá. Aí o horário que mais ouviam as batidas eram meio dia e seis horas da tarde.... Levavam cachorros para o mato para caçar, porque só um ficava perdido no mato e nunca mais varava. (Subseção 3.2, quadro 2, linhas de 45 a 53)
>
> Porque todos os seringueiros, incluindo meu papai, aprendiam caçar e pescar, não é? Subseção 3.2, quadro 3, linhas 12 e 13
>
> Ele ficou que não prestava para nada. Ia caçar e não conseguia matar mais nada. Isso quando ele não se perdia pela floresta e só voltava quando iam atrás dele e o encontravam jogado todo amarado de cipó no galho das árvores e todo liso de gosma. (Subseção 3.2, quadro 4, linhas de 40 a 42)

Esses indivíduos estabeleceram a partir do convívio, uma comunidade de pensamentos, identificaram-se e confundiram seu passado. O grupo está presente para o indivíduo não impreterivelmente, ou mesmo essencialmente, pela sua presença física, mas pela possibilidade que ele tem de retomar os modos de pensamentos e a

experiência comum própria do grupo. A vitalidade das relações sociais do grupo dá dinamismo às imagens, que instituem a lembrança. Assim sendo, a lembrança é habitualmente fruto de um processo coletivo e está sempre introduzida em uma conjuntura social indispensável.

Ele chegou em Rondônia quando o estado tinha vários seringais, por volta, como já mencionado, da década de 40 (contexto histórico, subseção 1) e, eles ao reconstituírem, por meio de suas memórias individuais, as experiências vividas pelo pai, contadas pelos mesmos de quando este chegou, tornaram possível uma construção e descrição, concomitante, da vida no novo ambiente e como ela seria dali em diante.

Na memória coletiva, o passado é continuamente reconstruído e vivificado enquanto ganha novos significados. Neste sentido, a memória coletiva pode ser entendida como uma forma de história vivente. A memória coletiva vive, sobretudo, na tradição, que é o quadro mais amplo onde seus conteúdos se atualizam e se articulam entre si.

A memória coletiva, pode-se dizer que é formada a partir da convivência, Halbawachs (2006, subseção 2.2.1.2). Foi construída por eles mediante às relações de convivência com o pai, que viveu em diversificados espaços sociais, e, sobretudo, no espaço social do estado de Rondônia. São esses fragmentos que me tornaram possível, formar uma efígie um pouco mais genérica dos eventos responsáveis pela formação da realidade daqueles que viviam no estado em questão, no período histórico circunstanciado em suas narrativas.

Com base nas análises dos fragmentos das narrativas dos informantes acima expostos, posso concluir que a memória é coletiva, múltipla, plural e individualizada, e que ela passa por transformações ao longo da vida dos seres humanos, ou seja, permanece em contínua reconstrução. É dessa memória coletiva, formada por seringueiros, indígenas, pescadores, caçadores que Rondônia, especialmente o município de Porto Velho, foi sendo construído ao longo do tempo, tornando-se um ambiente composto por aspectos culturais, identitários, sociais e históricos que guardam muita sabedoria e experiências daquilo que foi vivido e sobre ele se convenciona.

4.4 Aspectos culturais

A formação cultural amazônica, constitui-se entre muitos fatores, de narrativas, as quais trazem em seus relatos, uma herança cultural recebida pelos seus descendentes. São vozes tecidas que estão presentes na vida habitacional das comunidades, reproduzidas pela tradição oral. Trata-se de conhecimentos pouco presentes na área urbana, os quais devido ao processo de globalização, sua não valorização acaba por deixar de contribuir para a construção de um conhecimento voltado para o vínculo com a cultura.

Diante disso, de acordo com a aclaração, a qual fiz na subseção 2.4.1, a cultura é um termo vasto e devido a isso é estudada em distintos campos do conhecimento científico. Destarte, para fins dessa análise, defini os estudos sobre o assunto, voltados para o conceito a partir do suporte teórico de obras de autores como Bruner (1997), Linton (1981), Laraia (2001) e Geertz (1978) os quais amparam em relação aos aspetos culturais muito embora parcialmente, nas narrativas analisadas.

É nitidamente visível a existente relação entre cultura e narrativa, em virtude do diálogo entre ambas. Enquanto as narrativas expressam os elementos e formações culturais de um povo, a cultura também determina a narrativa. Com base nisso, torna-se obviamente perceptível, o quanto as narrativas dos três Informantes Narradores, mostram no seu processo de construção, afirmações as quais revelam aspectos claros de sua formação cultural, evidenciando como elas são produtos do meio, no qual eles vivem, e, sobretudo, o fato de fazerem parte de uma determinada cultura permite-os narrarem suas memórias da maneira pela qual perpetram.

Ao contarem suas narrativas, os informantes narram que seu pai veio para Rondônia, durante o segundo período da borracha em busca de novos caminhos e maneiras de viver melhor. Muito provavelmente, não satisfeito com a vida que levava em seu antigo local de residência, nesse caso, no nordeste brasileiro e movido pelo desejo de uma vida que lhe oferecesse mais em termos financeiros. Viu em Rondônia, principalmente nos seringais, um lugar propício para essa conquista já que, conforme mostram os informantes nos fragmentos em seguida, retirados de suas narrativas, eram atraídos pela possível facilidade de aquisição financeira melhor e mais rápida.

O I-1, falou que seu pai veio para Rondônia, trabalhar como seringueiro quando tinha 27 anos de idade. Ele veio com a expectativa de ganhar dinheiro, mas, quando

chegou no local de trabalho, percebeu que foi enganado. O dinheiro fácil não passava de propaganda para atrair trabalhadores.

> Meu pai era um nordestino retado, que foi contratado aos 27 anos para vim trabalhar nos seringais em Rondônia, no antigo território no segundo período da borracha. Ele, assim como a maioria que veio para esse lugar, estava lá para cortar seringa, com a promessa de que ganharia muito dinheiro. (Subseção 3.2, quadro 2, linhas 1,2 e 4)

Os I-2 e I-3, relataram que o motivo de o pai vim para os seringais na Amazônia foi a busca por melhor aquisição financeira para dar uma vida mais dignas para a família.

> Essa história papai contava que aconteceu mesmo, no seringal que ele veio trabalhar, cortando seringa para tentar ganhar dinheiro e sustentar a nossa família. Existiam vários indígenas por lá. (Subseção 3.2, quadro 3, linhas 1,2 e 3)
>
> Me lembrei que o papai contou para nós a história do cara que morava num barraco. Esse barraco ficava bem longe do seringal onde ele foi contratado para trabalhar. (Subseção 3.2, quadro 4, linha 1, 2 e 3)

Com base nos fragmentos das narrativas, pode se dizer que o pai dos narradores, era um nordestino que assim como outros, veio para os seringais de Rondônia, para trabalhar como seringueiro, com a ilusão de que ganharia muito dinheiro. Com o passar do tempo, percebe-se que com o trabalho no seringal, as dificuldades surgem e o seringueiro começa a entender o quanto as coisas não são alinhadas as promessas.

Deste modo, ao entender que foi enganando, os informantes deixam visível em suas narrativas, como o pai deles, busca soluções e alternativas para sobreviver e sustentar a família, imediatamente, e não se acomoda em perseverar na possibilidade de um dia as coisas se tornarem melhor.

Eles mostram como o pai trouxe uma cultura da região de sua origem e por força da nova realidade e das novas ocupações a que foi obrigado a se submeter, deixou parte dessa cultura para trás e impulsionado por várias circunstâncias, além de ter se tornado seringueiro quando chegou no estado de Rondônia, transformou-se em agricultor, pescador e etc.

Ao chegar nesse ambiente ele com o passar do tempo, observa o quanto as coisas não funcionavam como imaginado. Assim, eles deixaram nítido, o fato de ele já ter trago elementos culturais do ambiente de nascimento, mas, visando uma

necessidade de obtenção de fatores da nova realidade cultural, na qual foi inserido, reforçando o que disse Laraia (2001), sobre a cultura ser dinâmica

Ou seja, embora, tivesse vindo para ser seringueiro, para exercer uma determinada função, esse indivíduo teve que se adaptar a uma nova conjuntura. Esse novo cenário trouxe para o seringueiro, transformações significativas que exigiu dele (mudanças) em seu modo de viver, sobretudo, em sua forma de trabalhar. Roborando com as percepções de Kroeber (1993, subseção 2.4.1) e Laraia (2001, subseção 2.4.1) ao afirmarem que todos os atos do ser humano dependem inteiramente de um processo de aprendizagem, como pode ser averiguado nos fragmentos, em seguida, das narrativas.

O I-1 relatou que o pai passou a viver como os moradores da região, principalmente aqueles que viviam da agricultura. Ele, assim como eles, fazia roça na floresta para conseguir retirar o sustento da família. O cultivo de roça é um outro aspecto cultural que fez e ainda faz parte da vida de agricultores, principalmente aqueles que vivem as margens do rio, na região amazônica, os conhecidos como ribeirinhos.

> Além de trabalhar no seringal, com o passar do tempo, as pessoas dali, buscavam meios para sobreviverem, inclusive sempre plantaram roça. Era um dos meios de vida dali e assim como os outros moradores, meu pai tinha um roçado na capoeira. (Subseção 3.2, quadro 2, linhas de 5 a 8)

Nos trechos a seguir dos I-2 e OI-3, eles falaram dos motivos pelos quais, o pai assim como aqueles que vieram para trabalhar nos seringais, acabou aprendendo outras profissões em razão do salário miserável que recebia. Trabalhava, mas nunca conseguia pagar as dívidas e por isso fugiu da miséria que passou a viver.

> [...] tanto que papai disse que os próprios seringueiros percebiam isso quando, com o tempo viam o salário miserável que recebiam, se é que se podia chamar aquilo de salário. Era mais uma troca por produtos de sobrevivência. (Subseção 3.2, quadro 3, linhas de 5 a 15)

> Essas pessoas como esse cara que morava quilômetros de distância, eram aquelas que fugiam da miséria do seringal, atrás de outras formas de vida. (Subseção 3.2, quadro 4, linhas 3 e 4)

Conforme se observa, ele teve que se adaptar ao novo ambiente, a nova forma de vida. Isso ocorreu a partir das experiências já adquiridas, adequadas às circunstâncias que lhe foi imposta no ambiente de sua inserção, no qual ele começa

a realizar outras atividades para sobreviver, como, por exemplo o plantio de roça e consegue, considerando ser perceptível nas narrativas, que ele passa a viver de acordo com as formas de vida do homem da floresta, fazendo a obtenção de novos artefatos culturais. Com isso, ele demonstra sua capacidade “de aprender pela experiência própria” e, "sobretudo, aprender com o outro” (LINTON, 1981, subseção 2.4.1).

A cultura, de acordo com Geertz (1978, subseção 2.4.2), é também uma construção de uma complexa teia de signos e significados criados pelo homem. Ela abarca uma contextura de sentidos a serem interpretados e combinados entre os indivíduos. Geertz e Bruner (1978,1997, subseção 2.4.2) concordam que a cultura dar significado a mente do ser humano. Como é possível verificar na narrativa do I-1 ao dizer que,

> [...] dá sumiço em quem malina dos animais da floresta, a pessoa se perde na floresta.... Aí ele tem o poder de fazer o caçador nunca mais encontrar o caminho de casa e isso para quem não sabia e viu pela primeira vez, como esse que papai viu, era assustador. Mas com o tempo ia acostumando, mesmo assim, eles sempre andavam em mais de um, apesar de já estarem acostumados. (Subseção 3.2, quadro 2, linhas de 64 a 68)

Observa-se que, embora, a princípio seja estranho os elementos culturais aos quais ele se submete, na convivência com a cultura local, com o tempo ele entende o sentido de tudo e passa a agir de acordo como tal. Assim, conforme vai ocorrendo o convívio com esses significados, a mente do indivíduo vai se adaptando a eles, como se pode constatar no trecho seguinte da narrativa do I-2 ao falar que:

> Os índios sabiam se proteger também. Eles para se protegerem dos brancos, faziam buracos cobertos com mato e palha, com espinhos enormes dentro, era bem diferente a maneira de eles se protegerem, pelo menos o meu pai ele disse que tinha visto antes essas técnicas de guerra. (Subseção 3.2, quadro 3, linhas de 22 a 25)

Ele vai conseguindo se adequar aos meios culturais do novo lugar, aprendendo conviver com eles, por questões até mesmo de sobrevivência, como mostra a narrativa do I-3, no seguinte trecho:

> Mas no lugar que eles viviam era assim mesmo, meu pai dizia que ou a gente se acostumava com os desafios estranhos da floresta ou pagava o preço por isso. Subseção 3.2, quadro 4, linhas de 46 a 48)

Além do mais, um dos signos e significados criados pelo homem é a crença não só no divino, mas, na existência de entidades, as quais tem a capacidade e o poder de proteger outros seres da maldade humana. Isso foi exposto pelos informantes em suas narrativas, conforme averígua-se no trecho destacado da narrativa do I-1, a seguir, quando ele relatou a punição sofrida por aqueles que, de alguma forma faziam mal aos moradores da floresta. Esses seres assustavam.

> Aí os gritos dos macacos perturbaram tanto ele que ele tomou a decisão de pegar a espingarda que ele sempre levava com ele e dar um tiro nos macaquinhos. Aí ele apontou a arma para lá e deu um tiro nos bichinhos. Acho que eles morreram. Aí ele disse que falou: pega bando de porra, vão perturbar o cão lá no inferno! Nem foi ver, deixou o bicho morto para lá e continuou a capinar até quando o sol já estava sumindo na mata. Aí na direção de quem vinha para casa, apareceu um ser bem no meio do caminho que ele tinha que passar, olhando para ele. Pensou! E agora? Como vou passar? Aí ele percebeu que não era um ser pelo menos parecido com os que ele conhecia. O medo foi tão grande que ele caprichou na carreira. Correu, correu e correu que já estava com a língua para fora de cansaço. (Subseção 3.2, quadro 2, linhas de 11 a 26)

Na narrativa do I-2, aqueles que fizeram mal para os indígenas que defendiam e defendem a floresta da maldade, também apanharam de maneira impiedosa. Outro aspecto cultural importante de ser abordado nesse trecho da narrativa do I-2, é o estereótipo criado em torno do indígena, que se perpetua mesmo com o passar do tempo, de que este é beberrão de cachaça. É cultural o índio ter fama de beberrão e ou do homem branco o embebedar.

> Eles sabiam que os índios iriam ficar todos bêbados porque era o que mais eles sabiam fazer...Aí depois de incendiarem as aldeias e matarem os índios, eles retornaram se divertindo do acontecido. Pegaram até a pinga dos índios para beberem. O que eles não sabiam era que o (...) muito visto e ouvido por aqui, protege a floresta e os índios também. Ele protege os índios porque eles cuidam da floresta também, não é? Aí de repente eles começaram a sentir tapas e cipoadas pelas costas. Rapaz era porrada que chega zinia, paa, paa, paa e zaap, zaap, zaap. E mais.... Eles não conseguiam tocar no negócio. E agora, que ficaram com tanto medo que nunca mais entraram na mata. (Subseção 3.2, quadro 3, linhas de 51a 61)

Aqui, no fragmento da narrativa do I-3, a punição do caçador ocorre porque ele matava mais animais do que o necessário para a sua sobrevivência, o que provocou a ira do protetor da floresta e tornou o caçador um homem com pouca sorte.

> Aí ele era caçador, ia caçar todos os dias e matava as caças dele. Matava porco, matava paca e todos os tipos de caça. Matava as vezes além do que devia... E não era o (...) que se transformava em pinto para vim fumar o tabaco do velho. Aí só sei que ele malinou do velho de tal maneira que ele dependia dos vizinhos para comer. Ele ficou que não prestava para nada. Ia caçar e não conseguia matar mais nada. Isso quando ele não se perdia pela floresta e só voltava quando iam atrás dele e o encontravam jogado todo amarado de cipó no galho das árvores e todo liso de gosma. O velho morreu panema. (Subseção 3.2, quadro 4, linhas 7,43,44,45,46 e 47)

Deste modo, constata-se nos trechos das narrativas dos informantes, o quanto a atitude de quem acredita na existência de seres protetores da floresta é cultural e está frequentemente presente na vida de um povo que habita aos arredores da floresta e daqueles que passaram a viver próximo a ela, como é o caso do pai dos informantes, constituindo-se para ele uma aquisição de novos aspectos culturais. Nas narrativas dos Informantes coletadas para esta pesquisa, a crença na presença daquilo que para muitos é apenas fruto da imaginação humana, é um traço muito marcante, pois quando o antecedente deles chegou ao atual município de Porto Velho, encontrou um lugar oposto ao seu de origem.

Entende-se assim, que a cultura determina o comportamento humano e a sua capacidade profissional. Como assegura Bruner (1997, p. 23), “os seres humanos não terminam em suas próprias peles, eles são expressões de uma cultura”, que por sua vez, é revelada nas narrativas. Vê se aqui um exemplo nítido de que a cultura não é fechada ou imutável. Conforme afirmou Geertz (1978), “a imagem de uma natureza humana constante, independente de tempo, lugar e circunstância, de estudos e profissões, modas passageiras e opiniões temporárias, pode ser uma ilusão”. Ou seja, a cultura é dinâmica. E cada sistema cultural está sempre em mudança: Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre gerações e evitar comportamentos preconceituosos.

Da mesma forma que é fundamental para humanidade a compreensão das diferenças entre os povos de culturas diferentes, no tempo e espaço, suas origens e seu desenvolvimento, suas semelhanças e diferenças, é preciso saber entender as diferenças que ocorrem dentro do nosso sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do provir. (LARAIA, 2001, p.101). As transformações ocorridas com o pai dos informantes fazem parte do caráter dinâmico da cultura, portanto são inevitáveis.

Em síntese, a cultura é um processo dinâmico que detém conhecimentos e práticas resultantes da interação social entre os sujeitos e o ambiente que estão

inseridos. Conforme muda de lugar e interage com indivíduos com ideias distintas, ocorre tanto um compartilhamento, quanto uma agregação de novos conhecimentos. É um processo de aprendizagem constante que vai do nascimento até a morte do indivíduo.

Desta maneira, esta seção centrou-se na análise dos dados e discussão. Nela fiz a caracterização dos colaboradores desta pesquisa e analisei a ocorrência de elementos caracterizadores da identidade, memória e cultura presentes nas narrativas contadas pelos mesmos. A seguir, apresento as conclusões a que cheguei acerca dos aspectos já mencionados acima, encontrados durante a análise das narrativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dei início a esta dissertação estabelecendo como objeto de observação as “Narrativas Orais de informantes idosos rondonienses”, com o objetivo geral de analisar aspectos identitários, mnemônicos e culturais subjacentes em narrativas orais de informantes idosos rondonienses.

Para alcançar esse objetivo, desenvolvi primeiramente uma pesquisa bibliográfica para estabelecer um diálogo entre os estudos sobre memória, cultura, identidade e narrativa. Em relação aos estudos da memória, concentrei minha atenção principalmente nos trabalhos de Halbwachs (2006), (memória individual e coletiva) porque foi, no meu entendimento, o autor que mais deixou evidente como ocorreu o processo de construção de ambas as memórias deixadas pelo pai dos informantes.

Em relação aos estudos culturais, eles foram realizados, sobretudo, na concepção de antropólogos como Laraia (2001), Linton (1981) e também de autor como Bruner (1997) que em determinado momento defende um pensamento, que inclusive, utiliza como base o conceito de cultura do ponto de vista da Antropologia.

Com base nesses autores, compreendi que a cultura é uma construção realizada a partir da capacidade desenvolvida pelo ser humano de aprender tanto pela experiência própria quanto com o outro e é ela que fornece subsídios, os quais guiam e dão significados a mente humana. No que concerne a concepção de identidade, busquei contribuições nos estudos principalmente de Bauman (2005), Hall (2014), entre outros, compreender como a identidade dos indivíduos é construída. Os estudos da narrativa foram feitos a partir da teoria de Vansina (1982) e Ferreira Netto (2008).

Após a conclusão da pesquisa bibliográfica, realizei a pesquisa de campo a partir da seguinte pergunta disparadora: “Conte-me uma experiência de vida narrada por algum membro de sua família de como era Porto Velho e/ou Rondônia quando chegou a esse lugar. A utilização dessa metodologia teve como resultado um conjunto de 10 relatos que, no final de uma análise preliminar, reduziram-se a três narrativas, por entender que foram, com base no aporte teórico utilizado, aquelas em que o conteúdo das narrativas dos Informantes continha, mesmo que fragmentos, muitos episódios significativos para compreender o processo de formação cultural e identitária do povo rondoniense, especialmente o de Porto Velho.

Como passo seguinte, elaborei o estudo analítico do meu corpus tendo como base a revisão bibliográfica, seção 2, e para melhor analisar e discutir meu objeto de pesquisa, dividi a seção de cotejamento das narrativas, seção 4, em subseções de modo a contemplar a teoria apresentada na pesquisa bibliográfica. A subseção, 4.1, dediquei para fazer a apresentação dos informantes narradores. Por exemplo: quem são? De onde vieram? E porque vieram?

Na subseção 4.2, mostrei os aspectos identitários os quais apontam que a identidade do sujeito é dinâmica e também sofre alteração conforme o contexto em que ele se encontra inserido. A identidade do pai desses Informantes foi revelada em suas narrativas uma vez que em suas falas, mostram valores, costumes e crenças adquiridos por ele, de modo coercitivo, para atender às exigências do local ao qual foi inserido, nesse caso, a Amazônia rondoniense. Assim, assumiu ao longo de sua vida, no espaço do atual munícipio de Porto Velho, diversas identidades, foram elas: seringueiro, agricultor, caçador, e assim por diante. À vista disso, posso concluir que a identidade do povo rondoniense foi composta fundamentada nas relações com o outro e permanece inconstante, líquida e mesclada.

Na subseção 4.3, descrevi os aspectos mnemônicos (individual e coletivo) dos Informantes desta dissertação. Eles ao fazerem reminiscência de suas lembranças recuperadas através de suas memórias individuais sobre as dificuldades pelas quais o pai passou para chegar onde hoje é o atual estado de Rondônia, especificamente a capital Porto Velho, evidenciaram pontos de referências comuns, tais como: o seringal existente naquele momento, as práticas de caça, cultivos de roças, entre outros.

Além de mostrarem ter construídos estas memórias a partir do contato com outro. Essas questões de referências revelaram que a memória mesmo sendo individual é um recurso desenvolvido no coletivo em razão de eles terem feito

referências a subsídios, acontecimentos, situações que foram estabelecidos pelo meio social. Considerando que os Informantes relataram vivências e reconstruções de experiências de idênticas situações sociais vivenciadas pelo pai deles, observadas de acordo com a percepção de cada um.

Observei por meio dos relatos, que as memórias coletivas desses informantes, principalmente dos eventos narrados, foram arquitetadas através das relações de convivência do pai deles nos mais díspares espaços sociais onde viveu, sobretudo, no atual munícipio de Porto Velho.

Quanto a memória coletiva deles, posso dizer que esta foi elaborada a partir de fragmentos da memória individual uma vez que essas memórias se misturam porque embora elas sejam o mais individual possível, só houve possibilidade de compreensão delas por meio das transformações advindas das relações comunicativas estabelecidas com os diferentes espaços dos quais fizeram alusões, aqui, especificamente, as modificações que ocorreram no espaço rondoniense à começar da chegada desses Informantes até o tempo presente. Ao fazerem reminiscência a essas memórias os três conseguiram construir um elo entre o passado e o presente, permitindo em razão disso, ponderações tanto sobre aquilo que já foi vivenciado pelos seus antecessores quanto em relação a conjuntura vigente.

Por meio disso, percebe-se o quanto a memória humana é viva, coletiva, múltipla, plural e ao mesmo tempo individualizada. Isso só foi viável aqui, conforme evidenciado na seção 3, por meio de uma pergunta disparadora, a qual serviu de estímulos para que os Informantes fossem instigados a recordar e reviver as narrações de experiências vividas por um ente querido.

Isso me proporcionou a possibilidade entrelaçar os condutores da memória individual e da coletiva visto que, em determinadas posições, os acontecimentos a que os informantes fizeram referências foram tecidos harmonicamente com a história social do estado de Rondônia, especialmente o município de Porto Velho, local onde viveu o pai deles, personagem principal de suas narrativas e que eles continuam vivendo, como seres humanos, frutos de experiências vividas e construtores de suas próprias.

Destarte, os condutores das recordações ao passo que foram sendo compostos, começavam a dar recinto às relembranças da memória do atual estado de Rondônia, ou pelo menos parte dele, evidenciando como a realidade do referido lugar foi sendo formada ao longo do tempo com o objetivo de atender aos interesses

políticos e econômicos. Consequentemente, alguns membros da sociedade local, como os seringueiros, grupo no qual o pai dos informantes estava inserido, entre outros, foram sendo utilizados e excluídos ao passo que tais propensões passavam por alterações, ou seja, se os interesses mudavam, mudava também os grupos a serem explorados.

Na subseção 4.4, ao fazer a análise dos aspectos culturais entre os Informantes concluí claramente que a personagem principal das narrativas deles, o pai, veio de um lugar distinto e trouxe com ele sonhos, desejos, medos, expectativas, maneiras de viver, ou seja, cultura dessemelhante. Quando chegou às terras que hoje constituem o estado de Rondônia, agregou a sua cultura a outra e teve de se adaptar à nova realidade a qual foi, de certa forma, obrigado a se submeter.

Deste modo, a cultura que ele trouxe agrega-se a elementos do espaço da cultura de Rondônia e a partir disso, surge um novo conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes, os quais não se mantém estáticos por serem dinâmicos e irem sendo transformado por força dos diversos momentos históricos e políticos que o atual estado passou, conforme mostrado ao longo da seção 1, do contexto histórico. Nesse percurso, os Informantes deixaram transparecer em suas narrativas como a cultura foi sendo reconstruída. Primeiramente para a cultura dos seringueiros, depois agricultores, caçadores e etc.

Com base nisso, é possível concluir que Rondônia é um estado composto em sua base por uma cultura heterogênea composta inclusive por elementos da cultura do seringueiro, agricultor e pescador. Quer dizer, um espaço em que houve o encontro de dissemelhantes elementos culturais que foram, ainda continuam sendo e sempre serão transformadas, com o propósito de se adequarem as novas realidades.

REFERÊNCIAS

A estória do Severino e a história da Severina. São Paulo: Brasiliense, 1987.

A questão original da psicologia social. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. (cap. 1, p. 1-15), 1993.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

ALVARES-AFONSO, F. M. **Rondônia: ocupação, crescimento e organização agrária.** [S.l.]: Realce Editora & Indústria gráfica, 2008.

ARISTÓTELES. **Poética.** Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Ars poética, 2005.

ASHFORTH, B. E., & MAEL, E. **Social identity theory and the organization.** Academy of Management Review, 14(1), 20-39. 1989.

BARTHES, Roland. **Introdução à análise estrutural da narrativa.** In: _____. Análise estrutural da narrativa. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. (p.19-63).

BAUMAN, Zygmunt. IDENTIDADE. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BENCHIMOL, Samuel. **Romanceiro da Batalha da Borracha**. Manaus, Imprensa Oficial, 1992.

BOBBIO, Noberto. **O Tempo da memória.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOSI, Alfredo (org.). **Tempo e História.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** Lembranças de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1994

BRANDÃO, Jacyntho Lins. **A Justa Memória:** Paul Ricouer explora as relações entre memória, história e esquecimento. Jornal de Resenhas. São Paulo: Folha de São Paulo / Discurso, 12 de maio de 2001.

Brandão, R. C. (1990). **Identidade e etnia:** *construção da pessoa e resistência cultural.* São Paulo: Brasiliense.

BRUNER, J. S. **Atos de Significação.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1997 [publicado originalmente em 1990].

BRUNER, J. S. **Realidade Mental, Mundos Possíveis.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1997 [Publicado originalmente em 1986].

BURKE, P. J.; STETS, J. E. **Identity theory.** Oxford University Press, New York, 2009.

CAVALCANTE, W. H. **Breve história do trabalho no município de Ariquemes.** [S.l]: [s. n.], 2009. Disponível em: http://historiadeariquemes.blogspot.com/2009/10/breve-historia-dotrabalho-no-municipio.html. Acesso em: 26 de mai. 2018.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia.** São Paulo: Ática, 1995.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina.** São Paulo: Editora Brasiliense,2014.

CIAMPA, A.C. (1984). **Identidade.** In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento* (pp. 58-75), São Paulo: Brasiliense.

CIM, Salvador. **O Processo Migratório de Ocupação no Estado de Rondônia** – Visão Histórica. Primeira Versão. Porto Velho. Ago. 2002. Ano I, nº 104. Disponível em: http://www.primeiraversao.unir.br/artigo104.html. Acesso em: 22 maio. 2019.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

DEAN, Warren. **A luta pela borracha no Brasil:** um estudo de história ecológica. São Paulo: Nobel, 1989.

DELGADO, L. DE A. N. **História oral:** memória, tempo, identidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DUBAR, C. (2005). **A Socialização:** Construção de identidades sociais e profissionais. (Silva, A. S. M., Trad.). São Paulo: Martins Fontes.

DUBAR, C. (2009). **A crise das identidades:** A interpretação de uma mutação. (Barros, M. A. L., Trad.). São Paulo: EDUSP.

DUVIGNAUD, Jean. Prefácio. In: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva** . São Paulo: Centauro, 2006, p. 7-16.

EAGLETON, T. **A Idéia de Cultura.** São Paulo, Editora UNESP, 2005.

FERREIRA NETTO, Waldemar. **Tradição oral e produção de narrativas.** São Paulo: Paulistana, 2008.

FONSECA, Dante R.; TEIXEIRA, Marco A. D. **História regional (Rondônia).** 2.ed.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil.** Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.

FUSINATO, Taís Betânia. **Cooperativa de Trabalho:** Reflexões a partir de uma experiência na Amazônia rondoniense. 2005. 160 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

GADOTTI, M. (1983). **Concepção dialética da educação.** São Paulo: Autores Associados.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

GELLNER, Ernest. **El arado, la espada y el libro:** la estructura de la historia humana.

GIDDENS, A (1991). **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da UNESP.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HABERMAS, Jürgen.**Teoria de la accion comunicativa:** tomo II, critica de la razón funcionalista. Madrid: Taurus, 1988.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

IZIQUIERDO, I. **A arte de esquecer.** São Paulo: Vieira e Lent, 2004.

JACQUES, M. G. C. (1998). **Identidade.** In: M. N. Strey et al. *Psicologia social contemporânea* (pp. 159-167), Petrópolis: Vozes.

KROEBER, Alfred. **O superorgânico,** in Donald Pierson (org), Estudos de organização social, São Paulo, Livraria Martins Editora. 1993 "Anthropolog y". Scientific American, vol.83.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica.** 6. ed. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2007.

LANE, S. T. M. (1983). **O que é psicologia social.** (4 ed), São Paulo: Brasiliense.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas, São Paulo, 2003.

LECHNER, E. **Narrativas autobiográficas e transformação de si***:* devir identitário em ação. In: SOUZA, Elizeu Clementino.

LINTON, Ralph. **O Homem:** Uma Introdução à Antropologia. 3 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1981.

LOWENTHAL, David. **Como Conhecemos o Passado.** Projeto História (17). São Paulo: EDUC, 1981.

MACHADO, Gomes Cristina. **Multiculturalismos**: muito além da riqueza e da diferença. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MARTINAZZO, B.; PARAISO, E. C. **Identificação de Emoções em Notícias Curtas.** CLEI - Conferência Latino-americana de Informática, vol. 1, p. 1-10, 2010.

MARTINELLO, *Pedro.* **A Batalha da Borracha na II Guerra Mundial e suas Consequências para o Vale Amazônico**. São Paulo, Tese Mimeog, FFLCH/USP, 1985.

MARX, K. & Engels, F. (1979) *A* **ideologia alemã** (2 ed), São Paulo: Ciências Humanas.

MARX, K. (1978a). **Manuscritos Econômicos e Filosóficos:** *Terceiro Manuscrito* (pp. 3-48), São Paulo: Abril Cultural. 2 ed.

MATIAS, F. O. **Ocupação, Políticas Públicas e Gestão Ambiental de Unidade de Conservação do Estado de Rondônia:** o estudo de caso do Parque Estadual de Guajará Mirim. Rio Claro. 2001. Dissertação (Mestrado em Geociências). Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2001.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. 4. ed. São Paulo, 2002.

MEIHY, J. C. S. B.; LANG, A. B. da S. G.; **Revista História Oral:** um auto olhar. In: História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral, n. 7, jun. v. 7. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral, 2004.

MEIRELES, Denise Maldi. **Populações indígenas e a ocupação histórica de Rondônia**. Monografia (História) – Universidade Federal de Mato Grosso – FMT. Cuiabá, 1983.México/DF: Fondo de Cultura Económica, S.A., 1992.

Mercer, K. (1990). **Welcome to the jungle**. Em J. Ruttherford (Org.), *Identity*. Londres: Lowrence and Wishart.

MOITA Lopes, L. P. **Identidades fragmentadas:** A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003, 232 p.

MORIN, E. **O paradigma perdido:** a natureza humana (4 ed.), Portugal: Nova América. (1973).

MORIN, Edgar. **O método V**: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2002.

NASCIMENTO, Maria das Graças. **Migrações nordestinas para a amazônia.** In: PRESENÇA: Revista de educação, cultura e meio ambiente - Dez.-n° 12, Vol II, 1998, pp. 1-13.

NEVES, Margarida de Souza. **História e Memória:** os jogos da memória. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (org.). Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador. Rio de Janeiro: Access, 1998.

O Capital (vol. 1), Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

OLIVEIRA, Ovídio A. **História de desenvolvimento e colonização do Estado de Rondônia.** 1 ed. Porto Velho: Geográfica, 2001.

OLIVEIRA, Ovídio Amélio de. **Geografia de Rondônia Espaço & Produção**. Porto Velho: Dinâmica, 2007.

PINTO, Pimentel Júlio. **Uma memória do mundo:** ficção, memória e história em Jorge Luís Borges. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

Primeiro Manuscrito: **Trabalho Alienado.** In: E. Fromm. *Concepção marxista do homem* (pp. 89-102), Rio de Janeiro: Zahar. 8 ed. 1983.

SANTOS, B.S. (1999). **Pela mão de Alice:** o social e o político na pós-modernidade (5 ed.), São Paulo: Cortez.

SANTOS, C. dos. S. **Família e políticas públicas na amazônia:** desafios e perspective. IV Jornada Internacional de Políticas Públicas, Maranhão, 2008, p. 1-12.

SANTOS, Roberto. **História econômica da Amazônia** (1800-1920). Vol. 3. São Paulo: TA. Queiroz, 1980.

SCHRODER, P. H. **Análise espaço-temporal do processo de ocupação do município de Corumbiara** – Rondônia. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC). 2008. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91489. Acesso em: 16 de janeiro 2020.

SENNETT, R. (1988). **O declínio do homem público:** as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Amizael Gomes da. **Conhecer Rondônia.** Porto Velho: ABG, 1999.

SILVA, Antônio Carlos Galvão da. **Seringueiros na Amazônia.** Porto Velho, 2010, p.1-14.

SILVA, Antônio Carlos Galvão da. **O seringal no município de Lábrea:** o espaço vivido e a resistência de um tempo / Antônio Carlos Galvão da Silva. Porto Velho, 2008.209p. Dissertação (Mestrado). – Fundação Universidade Federal de Rondônia, 2008.

SILVA, J. R. G., & VERGARA, S. C. (2002). **Mudança organizacional e as múltiplas relações que afetam a reconstrução das identidades dos indivíduos.** *Anais do Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração*, Salvador/BA, 26.

TAJFEL, H. (1978). **Differentiation between social groups:** Studies in the social psychology of intergroup relations. New York: academic.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna**. Tradução de Grupo de Estudos sobre Ideologia, comunicação e representações sociais, da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUC-RS. Petropólis: Vozes, 2002.

TING-TOOMEY, S. (1998). **Communicating across cultures.** New York: The Guilford Press.

TODOROV, Tzvetan. **O homem desenraizado**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

TURNER, J. C. **Social identification and psychological group formation**. In: TAFJEL, H (org.). The social dimension: European developments in social psychology, vl. 2. Cambridge University, 1977.

VANSINA, Jan. **La tradición oral** (essai de méthode historique). Barcelona/ES: Editorial Labor S.A., 1982.

VEGINI, Valdir; VEGINI, Rebeca Louize. **Narrativas da tradição oral kujubiniana:** memória, identidade e cultura. Revista Exitus, v. 7, p. 179-199, 2017.

Wolff, C. S. (2001, novembro). **A construção da sustentabilidade nos seringais em crise:** uma questão de gênero. Alto Juruá, Acre/Brasil: 1912 a 1943. Proj. História, 23. Recuperado a partir de http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10720. [Links]

Wolff, C. S. (2011). **Mulheres da floresta:** outras tantas histórias. Revista Estudos Amazônicos, 1 (6). Recuperado a partir de http://www.ufpa.br/pphist/estudosamazonicos/arquivos/artigos/1%20-%20VI%20-%202%20-%20 2011%20-%20Scheibe_Wolff.pdf [Links]

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. São Paulo: EDUC, 2000.A letra e a voz: a literatura medieval. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Amálio Pinheiro. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de Identificação

Nome do Projeto: —Identidade, Memória e Cultura - narrativas orais familiares de informantes idosos rondonienses.

Instituição a que pertence o pesquisador responsável: Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Prezado informante: Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: — "Identidade, Memória e Cultura Rondoniense- narrativas orais familiares de informantes idosos rondonienses" sob a responsabilidade da pesquisadora **Rita Ferreira Maciel** e orientação do Prof. Dr. **Valdir Vegini**, para integralizar a pesquisa de dissertação de mestrado da pesquisadora.

a) *Condições de sua participação*: sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando sua permissão para participação.

b) *Objeto da pesquisa:* com sua colaboração, pretendemos recolher narrativas orais familiares de informantes rondonienses.

c) *Objetivo da pesquisa:* concluída a etapa de recolhimento das histórias, pretendemos estudá-las embasado nos estudos de Narrativas orais apresentados por Jerome Bruner(1997), Jean Vansina (1987), Ferreira Netto (2008), Flannery (2015) e Vegini (2015) e, ao final, elaborar uma dissertação de Mestrado que trata do tema narrativa oral, como quesito para aprovação do Mestrado em Letras do UNIR.

d) *Metodologia:* as narrativas obtidas durante a nossa conversa serão, com sua permissão, registradas em gravador de voz, para, posteriormente, serem transferidas para um computador e transcritas, ou seja, transformadas em registro escrito, impressas e analisadas;

e) *Benefícios da Pesquisa:* a preservação e a socialização de suas histórias, identidade, memória e cultura. Os resultados da pesquisa e suas análises serão apresentados em congressos, encontros, seminários, revistas e, se houver recursos disponíveis, em livros;

f) *Sigilo e armazenamento dos dados:* caso seja de sua vontade, seu nome não será identificado ou divulgado, seja durante ou depois da realização da pesquisa;

os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita, a seu critério, de forma a não identificar seu nome.

g) Cópia do termo e endereço para contato: você ficará com uma cópia deste TCLE, que acabou de ler e assinar, e toda e qualquer dúvida que tiver a respeito desta pesquisa poderá tirar com a pesquisadora do projeto que lhe entrevistou, quer seja pessoalmente, por e-mail ou por telefone, conforme consta abaixo:

Rita Ferreira Maciel(pesquisadora): Rua Brasília 63, Bairro Tucumanzal, Porto Velho-RO, Telefone: (69)99331-9259; Obs. "inclusive ligações à cobrar"; e-mail:rmaciel485@gmail.com

Consentimento Livre e esclarecido

Eu, Arnaldo Arís dos Santos, portador do documento de Identidade 166 1722-3, declaro que compreendo os objetivos desta pesquisa, como ela será realizada e concordo em participar dela voluntariamente.

( ) Não aceito que meu nome seja divulgado na pesquisa

(X) Aceito que meu nome seja divulgado na pesquisa

Porto Velho-RO, 09 de Abril 2019

Arnaldo Arís dos Santos

Assinatura do(a) Participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de Identificação

Nome do Projeto: —Identidade, Memória e Cultura - narrativas orais familiares de informantes idosos rondonienses.

Instituição a que pertence o pesquisador responsável: Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Prezado informante: Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: — "Identidade, Memória e Cultura Rondoniense- narrativas orais familiares de informantes idosos rondonienses" sob a responsabilidade da pesquisadora **Rita Ferreira Maciel** e orientação do Prof. Dr. **Valdir Vegini**, para integralizar a pesquisa de dissertação de mestrado da pesquisadora.

a) *Condições de sua participação*: sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando sua permissão para participação.

b) *Objeto da pesquisa:* com sua colaboração, pretendemos recolher narrativas orais familiares de informantes rondonienses.

c) *Objetivo da pesquisa:* concluída a etapa de recolhimento das histórias, pretendemos estudá-las embasado nos estudos de Narrativas orais apresentados por Jerome Bruner(1997), Jean Vansina (1987), Ferreira Netto (2008), Flannery (2015) e Vegini (2015) e, ao final, elaborar uma dissertação de Mestrado que trata do tema narrativa oral, como quesito para aprovação do Mestrado em Letras do UNIR.

d) *Metodologia:* as narrativas obtidas durante a nossa conversa serão, com sua permissão, registradas em gravador de voz, para, posteriormente, serem transferidas para um computador e transcritas, ou seja, transformadas em registro escrito, impressas e analisadas;

e) *Benefícios da Pesquisa:* a preservação e a socialização de suas histórias, identidade, memória e cultura. Os resultados da pesquisa e suas análises serão apresentados em congressos, encontros, seminários, revistas e, se houver recursos disponíveis, em livros;

f) *Sigilo e armazenamento dos dados:* caso seja de sua vontade, seu nome não será identificado ou divulgado, seja durante ou depois da realização da pesquisa;

os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita, a seu critério, de forma a não identificar seu nome.

g) Cópia do termo e endereço para contato: você ficará com uma cópia deste TCLE, que acabou de ler e assinar, e toda e qualquer dúvida que tiver a respeito desta pesquisa poderá tirar com a pesquisadora do projeto que lhe entrevistou, quer seja pessoalmente, por e-mail ou por telefone, conforme consta abaixo:

Rita Ferreira Maciel(pesquisadora): Rua Brasília 63, Bairro Tucumanzal, Porto Velho-RO, Telefone: (69)99331-9259; Obs: "inclusive ligações à cobrar"; e-mail:rmaciel485@gmail.com

Consentimento Livre e esclarecido

Eu, José Ernesto dos Santos, portador do documento de Identidade 1226149-1, declaro que compreendo os objetivos desta pesquisa, como ela será realizada e concordo em participar dela voluntariamente.

( ) Não aceito que meu nome seja divulgado na pesquisa

(X) Aceito que meu nome seja divulgado na pesquisa

Porto Velho - RO, 01 de agosto 2019

José Ernesto dos Santos
Assinatura do(a) Participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de Identificação

Nome do Projeto: —Identidade, Memória e Cultura - narrativas orais familiares de informantes idosos rondonienses.

Instituição a que pertence o pesquisador responsável: Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Prezado informante: Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: — "Identidade, Memória e Cultura Rondoniense- narrativas orais familiares de informantes idosos rondonienses" sob a responsabilidade da pesquisadora **Rita Ferreira Maciel** e orientação do Prof. Dr. **Valdir Vegini**, para integralizar a pesquisa de dissertação de mestrado da pesquisadora.

a) *Condições de sua participação*: sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando sua permissão para participação.

b) *Objeto da pesquisa:* com sua colaboração, pretendemos recolher narrativas orais familiares de informantes rondonienses.

c) *Objetivo da pesquisa:* concluída a etapa de recolhimento das histórias, pretendemos estudá-las embasado nos estudos de Narrativas orais apresentados por Jerome Bruner(1997), Jean Vansina (1987), Ferreira Netto (2008), Flannery (2015) e Vegini (2015) e, ao final, elaborar uma dissertação de Mestrado que trata do tema narrativa oral, como quesito para aprovação do Mestrado em Letras do UNIR.

d) *Metodologia:* as narrativas obtidas durante a nossa conversa serão, com sua permissão, registradas em gravador de voz, para, posteriormente, serem transferidas para um computador e transcritas, ou seja, transformadas em registro escrito, impressas e analisadas;

e) *Benefícios da Pesquisa:* a preservação e a socialização de suas histórias, identidade, memória e cultura. Os resultados da pesquisa e suas análises serão apresentados em congressos, encontros, seminários, revistas e, se houver recursos disponíveis, em livros;

f) *Sigilo e armazenamento dos dados:* caso seja de sua vontade, seu nome não será identificado ou divulgado, seja durante ou depois da realização da pesquisa;

os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita, a seu critério, de forma a não identificar seu nome.

g) Cópia do termo e endereço para contato: você ficará com uma cópia deste TCLE, que acabou de ler e assinar, e toda e qualquer dúvida que tiver a respeito desta pesquisa poderá tirar com a pesquisadora do projeto que lhe entrevistou, quer seja pessoalmente, por e-mail ou por telefone, conforme consta abaixo:

Rita Ferreira Maciel(pesquisadora): Rua Brasília 63, Bairro Tucumanzal, Porto Velho-RO, Telefone: (69)99331-9259; Obs. "inclusive ligações à cobrar"; e-mail:rmaciel485@gmail.com

Consentimento Livre e esclarecido

Eu, Francisco dos Chagas Reis dos Santos, portador do documento de identidade 1771821-2, declaro que compreendo os objetivos desta pesquisa, como ela será realizada e concordo em participar dela voluntariamente.

( ) Não aceito que meu nome seja divulgado na pesquisa

(X) Aceito que meu nome seja divulgado na pesquisa

Porto Velho - RO, 09 de Agosto 2019

Francisco dos Chagas Reis dos Santos
Assinatura do(a) Participante